AFEITICEIRA

Jenilson Manuel Chivinga

Título original em português:

As Odisseias de Animândia II: A Feiticeira
Direitos de publicação em língua portuguesa reservado à Jenilson Manuel Chivinga

Coordenação Editorial: Jenilson Manuel Chivinga
Revisão: Jenilson Manuel Chivinga
Capa: Jenilson Manuel Chivinga

Publicado em Angola
1ª Edição
2024

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônico, fotográficos ou
sonoros, entre outros, sem prévia autorização do escritor.

As Odisseias de Animândia II: A Feiticeira

Jenilson Manuel Chivinga

"A essência da vida é andar para frente: sem possibilidade de fazer ou intentar marcha - atrás".

Agatha Christie

Dedico este livro a ti, Jéssica
Minha eterna feiticeira
O teu sorriso me enfeitiçou
E pensar nele me encantou
Nossa! Quanto me alegrou
Saber que nele encontrei inspiração pra escrever esse livro
Ao pensar nele, pra mim foi como um alívio!

Sinopse

Ela era só uma criança mas, viu a morte de perto.

Ela era só uma criança quando viu sua avó morrendo em seu peito.

Jéssica uma adolescente vê a sua vida virar do avesso ao descobrir que é uma feiticeira.

Levada para as terras mágicas de Animândia embarca numa Odisseia que se revela traiçoeira.

Com perigos aparecendo a cada momento sem nenhuma surpresa

Enfrentando inimigos imprevisíveis e poderosos por mais que não queira

Procurando saber a verdade sobre a sua família que tanto a atormenta

A morte de sua avó e o desaparecimento de seus pais de forma misteriosa

Sua jornada em busca de respostas a levará na descoberta das Três Chaves sagradas

Perdidas a muito procuradas

Objetos mágicos e misteriosos que juntos têm o poder da destruição.

Revelando uma artimanha que colocará o mundo mágico em uma iminente rota de destruição.

Nesta história tocante e reflexiva dotado de uma boa base de humor e reflexão

Fazendo você rir e chorar ao mesmo tempo em comoção

Com personagens cativantes e um enredo incrível cheio de ação

Este livro contém a receita perfeita para o perfeição!

INDICE

Capítulo 1: O Ataque 8
Capítulo 2: A Viagem para Animândia 13
Capítulo 3: A Cidade de Xandhir 17
Capítulo 4: A Academia Hókulos 21
Capítulo 5: Eu aprendo a fazer magia 25
Capítulo 6: Eu luto com um *Dran* 29
Capítulo 7: As Três Chaves 34
Capítulo 8: O Ataque das Sombras 39
Capítulo 9: O Bosque Velho 45
Capítulo 10: O Fauno Trovador 47
Capítulo 11: A Ruína de Arkandur 55
Capítulo 12: A Dama do Gelo 65
Capítulo 13: O Templo de Tah Anuk 68
Capítulo 14: Os Três Desafios 75
Capítulo 15: A Emboscada 86
Capítulo 16: O Deserto Infernal 90
Capítulo 17: O Navio Fantasma 96
Capítulo 18: A Tempestade 102
Capítulo 19: A Ilha Negra 112
Capítulo 20: A Pirâmide 125
Capítulo 21: O Demônio da Justiça 129
Capítulo 22: A Carta 137
O AUTOR 143
PRÓXIMO LIVRO: 144

Capítulo 1: O Ataque

"Minha avó é a pessoa mais importante da minha vida. Não só ajudou a me criar como me transformou na pessoa que sou"

Voltava eu da escola ao findar de um longo e exaustivo dia, acabara de ter um dos dias mais difíceis de toda a minha vida, tudo o que eu queria era chegar a casa e se jogar na minha cama e dormir até segunda, afinal era final de semana, e hoje era o meu aniversário de 16 anos, época de festejar em grande.

À medida que eu andava e me aproximava de casa meus passos se tornavam mais pesados era como se um lutador de sumo tivesse se sentado em cima de mim e me obrigasse a andar, ao longe já conseguia ver minha casa se esgueirando, era uma casa um tanto humilde, vivo lá com minha avó durante toda a minha vida… Ah minha avó, só de mencionar ela traz-me uma série de lindas lembranças que guardo para sempre em minha memória.

Lembranças do quanto nos divertíamos naquela casa, sobretudo quando eu era pequena brincávamos as escondidas, que era o meu jogo preferido, segundo ela eu era tão boa nesse jogo que ficava horas me procurando sem sucesso, era como se eu tivesse me transformado num fantasma e simplesmente decidido desaparecer.

Minha avó me criou desde quando eu era um bebê, segundo o que ela me disse, ela não falava muito sobre os meus pais e nem o do porque a terem confiado a ela para cuidar de mim, eu não perguntava muito sobre eles e porque eles não terem cuidado de mim, das poucas vezes que eu perguntava ela só me respondia com aquele seu jeito doce e gentil que alegra qualquer um:

"Seus pais partiram em um lugar especial, mas eles não se esqueceram de você, eles estão lá olhando para você nesse momento e esperando que você se torne na menina especial que eles sempre sonharam".

Ouvir aquela resposta me dava conforto e esperança de que talvez algum dia possa ver outra vez meus pais, era uma sensação incrível poder sentir aquilo que sentia quando era criança, e tudo isso graças a minha querida avó.

A gente vivia numa pequena vila localizada numa humilde cidadezinha costeira em que o mar por vezes agressivos soltava as suas ondas sobre nós. Vivendo uma pequena vila é natural que todo o mundo conhece todo o mundo e minha avó não era excepção, todos a conheciam pelos seus bolos deliciosos e igualmente pela sua doçura como pessoa sempre ajudando aqueles que mais precisavam.

Hoje estava louca para chegar a casa, comemorarmos o meu aniversario e comer o seu delicioso bolo de morango, o meu preferido, minha avó me dizia quando uma menina completa 16 anos, ela deixa de ser uma criança e passa a ser considerada uma jovem pronta para assumir as suas responsabilidades.

E sempre me dizia que quando eu fizesse 16 anos eu teria uma grande jornada a percorrer, cheia de obstáculos e labutas e que eu teria de me preparar ao máximo para o que der e vier.

Eu estava agora a poucos metros de casa quando de repente, vindo do interior, uma explosão me lançou para traz me derrubando de forma violenta, eu levantei desnorteada com a minha cabeça girando de um lado para o outro, e minha visão embaçada, estava tentando recuperar os sentidos quando uma segunda explosão aconteceu desta vez de menor intensidade que a primeira.

Passei a mão nos olhos tentando desesperadamente clarear a minha visão, quando de repente um pensamento surgiu em minha mente, maior do que todos aqueles que naquele momento me preocupava como a minha visão ou minha cabeça que doía a mil: era a minha avó.

— Avó! Avó!... — O pânico tomou conta de mim, depressa corri para dentro da casa, chamando pelo seu nome quando dei de caras com uma cena que mudaria a minha vida para sempre:

Minha avó segurando uma espécie de cetro enquanto lutava com… fogo? Mas aquele fogo agia de forma estranha como se tivesse vida, espera… não era um fogo qualquer, era uma criatura… uma criatura feita de fogo!

— Avó!? — Exclamei surpresa, ela me olhou de relance e naquele momento eu percebi o medo e a aflição em seu olhar, apesar de ela nunca deixar que eu visse assim, naquele momento eu compreendi o que tanto a incomodava.

E naquele instante enquanto ela desviou o olhar por um segundo, a criatura atacou enviando uma de suas bolas de fogo em direção a minha avó.

— NAAAAOOOOOOOOO!!!!!!!!!!!!! — Corri em sua direção tentando evitar que a bola o atingisse, mas, era tarde demais a bola a atingiu em seu peito a jogando para trás em um estrondo, e logo depois a criatura desapareceu.

Corri ate ela em aflição, ajoelhei segurando ela em meu colo com sua cabeça tocando em meu peito, agarrei forte em sua mão sentindo a sua respiração fraca desaparecendo lentamente. Ela estava mal, seu rosto todo desfigurado o ataque fora muito forte para alguém de sua idade.

— V-Vai… fi…car tu…do bem... Es…ta tu…do bem… — Gaguejei tremendo toda temendo o pior. Lágrimas brotavam de meu rosto.

— Escute… — Falou minha avó fracamente lutando para poder falar em meio às terríveis dores que sentia. — Eu menti para você…

— Mentiu sobre o que? — Perguntei em meio a choros, não conseguia entender ao certo

o que ela queria dizer.

— Sobre tudo… eu… — Ela parou enquanto tossia e cuspia sangue.

Estava cada vez mal, eu temia que aquelas fossem a última palavra, por mais que eu relutasse em aceitar a terrível verdade algo dentro de mim sabia que sim que aquelas eram suas últimas palavras.

— Eu achava que mentindo para você iria… manter-te segura… mas, eu estava enganada… Desculpe-me.

— Está tudo bem — Falei a consolando.

— Não. Não está. A verdade é que… Tu és… Tu és… — Ela fez silêncio, desviou o olhar e eu pude ver do canto dos seus olhos lágrimas se formando, lágrimas que lembravam a arrependimento. E então ela sussurrou calmamente aquelas palavras que mudariam minha vida:— Tu és uma Feiticeira!

Ela suspirou pela ultima vez enquanto o fôlego de vida a abandonava lentamente, e então, deitada em meu peito ela partiu para a eternidade e finalmente eu pude ver a morte de perto.

— NNNNNNNÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOOOOOOOOOOOOOOOOOO! — Gritei com a aflição em minha voz a abraçando firmemente.

Estava destruída, todas minhas forças desabaram e eu me senti igualmente mortal, era o fim pra mim, naquele momento meu mundo desabou sentia como se meu coração tivesse sido quebrado em mil pedaços e que cada pedaço representava a terrível dor que sentia, representava o aperto que eu sentia em meu peito me sufocando em uma terrível dor.

Sei que a morte é algo natural e que algum dia todos iremos morrer mas, mesmo sabendo disso ninguém nunca está pronto para perder pessoas que amamos, pessoas que foram nosso mundo que nos amaram de tal maneira que eram capaz de trocar o mundo todo por nós. A verdade é que ninguém nunca está pronto e eu não estava pronta.

…

O céu estava cinzento como se também estivesse triste, naquela manhã em especial decidira chover depois de tanto tempo. A chuva começara a cair lentamente, sentia cada gotícula de água me atingindo arrastando minhas lágrimas, várias pessoas me circundavam todas vestidas de preto, e carregando seus guarda-chuvas.

Era o funeral de minha avó e todos os vizinhos e alguns amigos vieram prestar suas últimas homenagens, eu vivia com minha avó desde que eu era bebê e durante todo esse tempo nunca cheguei a conhecer nenhuma outra família para além dela, nenhum primo ou prima, tio ou tia, somente nós as duas sendo assim os vizinhos resolveram vir e

prestar a última homenagem para a grande mulher que ela foi sempre simpática com todo o mundo.

A pequena multidão contemplava o funeral todos com os rostos triste e abatido. O funeral continuou chegara a hora dos elogios fúnebres e um a um cada vizinho/amigo falou a sua parte.

—*"Ela era a melhor pessoa do mundo, me ajudou quando eu mais precisava"* — Falou um deles.

— *"Sempre que eu precisava de conselhos ela estava lá pra me atender e nunca se cansava de ouvir a minha história não importando quantas vezes eu repetia"* — Falou outro entrando em choro.

Ao ouvir aquelas palavras vindo das pessoas senti um conforto em meu coração e lembrei das palavras que minha avó tanto me falava: *"Não importa quanta maldade existe no mundo lembre-se que há sempre espaço para o bem".* E hoje vejo que ela cumpria aquilo que falava, não só cumpria como vivia daquilo.

Olhava fixamente para o caixão com os olhos pesados, era a ultima vez que veria o rosto de minha avó antes de ser enterrada para sempre, aproximei-me do caixão que estava aberto pela última vez, toquei sem rosto e Sussurrei em seu ouvido:

— Eu te amo! — Ergui-me voltando até onde estava, olhei para trás e lentamente, o seu caixão começou a ser posto no buraco e eu olhava imóvel enquanto que eu via seu rosto pela última vez enquanto eu dava o último adeus!

O funeral terminará, as pessoas se espalhavam indo embora sem antes deixar pra mim a última familiar dela as últimas palavras de consolo, de todos presentes ali de todos os rostos que eu vi, um chamou-me a atenção, usando roupas negras que cobriam metade do rosto, era alguém que eu nunca vira em toda a minha vida, se isolando da multidão que nem um fantasma.

Me virei caminhando em sua direção tentando descobrir quem era, quando me viu lentamente começou a se afastar fugindo de mim. Eu o segui pelo cemitério ele se esgueirando por entre os vários túmulos cada vez mais andando mais rápido.

Quem quer que fosse sabia que sabia algo sobre minha avó eu sentia isso principalmente sobre as últimas palavras que ela falou pra mim sobre ser "feiticeira", se não, não tinha porque se esconder. Uma vaga de probabilidades me invadiu será que fora ele quem matou minha avó?

Ele saiu do cemitério, eu o segui junto, o cemitério ficava por cima de um monte de onde um grande precipício oferecia o melhor lugar pra poder observar o por do sol. A figura misteriosa se aproximou do precipício olhou para trás e me viu se aproximando calmamente, olhou de um lado para o outro tentando desesperadamente encontrar uma

saída.

— Quem é você? E o que sabe sobre a minha avó? — Perguntei com a voz firme se aproximando, ele me olhou me encarando diretamente nos olhos, era um olhar frio e mortal, senti um arrepio na espinha e um frio na barriga.

Rapidamente se virou e como se estivesse num filme ele correu em disparada em direção ao precipício e saltou. Corri rapidamente até a beira procurando algum sinal dele e nada, tudo o que eu conseguia ver era um corvo negro voando em direção ao lindo pôr-do-sol que se formava na imensidão do céu, era algo lindo de se ver.

Levei a mão a cabeça confusa, o que acabara de acontecer? Será que eu estava ficando louca? Suspirei fundo e sem ter nada a fazer resolvi fazer a única coisa viável naquele momento, sentei-me ao chão e fiquei lá imóvel apreciando aquela vista magnífica e esquecendo por um momento a dor que sentia, sabia que a partir daquele instante a minha vida mudaria para sempre…

Meu nome é Jéssica Alvarez, e esta é a historia da minha vida, historia de como eu me tornaria… na Feiticeira.

Capítulo 2: A Viagem para Animândia

"A verdadeira viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos"

Eu estava naquela que eu considerava como casa, agora não restando nada a que chamar de lar, estava totalmente imóvel vendo o estrago que o fogo fizera, não restava nada que me fazia lembrar aquela agradável casa.

As paredes estavam negras, como carvão, o ar estava expresso carregado de um clima sombrio e uma fumaça de matar a respiração, mas, mesmo assim eu não queria sair, queria ficar mais um pouco tentando desesperadamente obter qualquer pista que me levassem ate o responsável do ataque.

Andei de um lado para o outro, revirando dali e pra aqui a procura de uma pista plausível para a desgraça que acontecera, e das coisas que eu revirara umas estavam tão queimadas que era impossível saber o que era antes do incêndio. Enquanto andava pela casa, uma coisa chamou a minha atenção:

O quadro de fotografias que a minha avó guardava em sua gaveta especial, de todas as coisas daquela casa que certamente teriam resistido ao fogo, aquela foi à única que resistiu realmente, era como se por magia o álbum não tiver ardido, pois era um material inflamável que certamente arderia em segundos.

Sentei-me no chão e comecei a folhear o álbum, relembrando as velhas memórias contidas nele, abri à primeira pagina e nela estava escrito:

"Para a minha neta Jéssica, a minha jóia mais preciosa, sempre serás o meu eterno coração, ti amo!"

Ao ler aquilo um misto de sentimentos passou por mim, e eu me vi envolvida no amor que minha avó tanto demonstrará a mim e na tristeza que a sua morte recaía sobre mim, eu estava triste por saber que nunca mais a veria outra vez.

Virei a pagina e dei de cara com a primeira foto do álbum: minha avó me segurando quando eu era bebê, pela expressão no rosto dela eu conseguia notar o quanto ela estava feliz, e logo um sorriso se abriu em meu rosto.

Continuei folheando o álbum de fotografias vendo cada foto, cada uma com a sua reação: tristeza, alegria e eternas saudades. Quando terminei, levantei carregando o álbum comigo e desci ate a sala de estar.

Continuei examinando tudo estando completamente imóvel, o rosto ainda cansado e com sono, tudo o que queria agora era dormir. Fiquei pensando nas últimas palavras que minha avó me dissera sobre ser feiticeira e percebi que por mais que eu tentasse não acreditar sabia que fazia sentido.

Pelas coisas que aconteciam em casa, os inúmeros segredos que a envolviam e o secretismo que era o assunto de meus pais, sabia que algo a mais se passava mas, meu cérebro me fazia acreditar que não que eram simplesmente bobagens.

Estava completamente imóvel olhando para frente quando subitamente, a minha atrás ouvi passos se aproximando de mim. E uma figura encapuzada surgiu das sombras parando a poucos metros de distancia de mim.

— Quem é você? — Perguntei depois de um inicial silencio carregado de suspense. — O que fazes aqui? Foi você quem a matou?

— Meu nome é Makira... E não. eu não a matei... — Respondeu que para a minha surpresa era uma mulher.

— E então quem a matou?

— Foi um *Dran.* — Respondeu de imediato.

— E o que é isso?

— É um demônio elementar dominador do fogo, geralmente enviado por feiticeiros das trevas.

— Como posso saber que não foste tu quem enviou? — Houve um minuto de silencio como se ela estivesse pensando na resposta.

— Sua avó... — Hesitou querendo ver a minha reação. — Antes dela… ela me pediu para vir te buscar e te levasse para um local seguro.

— Me buscar?

— Sim. Ela temia que estivesses em perigo ao ficar aqui, por isso me pediu…

— Você também é uma feiticeira? — Ela respondeu assentindo com a cabeça. — Então quem a matou? Quem foi que enviou o Dran?

— Eu não sei…

— Então como posso confiar em você? — Um sentimento de ira me invadiu, me virei com os olhos carregados de uma fúria corri em sua direção, sabia que ela era uma feiticeira e que provavelmente me venceria, mas eu não queria saber disso.

Com uma mão estendida para frente, ela me congelou, estava completamente imóvel, igual um lagarto quando esta esperando o melhor momento para atacar a sua vitima, só que diferentemente do lagarto que podia se mover quando quisesse, comigo não era o caso, ela se aproximou de mim e sussurrou muito calmamente:

— Não precisa confiar em mim… Confie na sua avó. — Ela colocou a mão em suas vestes e retirou de lá um colar que eu prontamente reconheci, porque foi minha avó quem tinha me dado já há algum tempo.

Ao ver o colar uma lembrança passou por entre meus olhos, e lembrei-me de quando eu recebi ele. Era uma tarde chuvosa, eu tinha acabado de receber uma terrível notícia: minha melhor amiga, minha única amiga acabara de falecer, tudo o que eu queria era deitar-me e chorar a noite toda, foi quando minha avó chegou se aconchegou até mim e me abraçou

Ela abriu suas mãos e tirou o colar e me entregou aquelas palavras reconfortantes que jamais esquecerei:

"Enquanto tiveres este colar, acredita sempre na esperança, a esperança é como um farol que te guia perante as tempestades dessa vida, que te mostra o caminho para algo melhor mas, pra isso basta simplesmente acreditar"

Foi com essas palavras da minha avó que eu consegui me sustentar nos piores momentos que a vida me deu por isso o colar é muito importante para mim, pois me conecta ao grande ensinamento que ela me deixou.

— Esse colar foi minha avó que me deu... — Falei o pegando em minhas mãos. Estávamos sentadas a porta da casa.— Ele simboliza a esperança.

— Sei que estás a passar por um momento difícil. Acredita eu também estou. — Falou Makira. — Eu conheci tua avó e ela também foi uma mãe pra mim, me acolheu no momento que eu mais precisava e cuidou de mim quando eu estava sozinha.

Olhei surpresa pra ela, e eu vi lágrimas brotando de seus olhos. Nunca pensei que minha avó esconderia isso sobre mim, era um segredo e tanto.

— Porque minha avó nunca falou sobre você? — Perguntei.

— Ela achava que não fazendo qualquer menção sobre o mundo feiticeiro manteria você segura. — Respondeu Makira olhando para o horizonte.

— Segura do que?

— Das ameaças que existem. Existem monstros que se alimentam da magia presente em cada feiticeiro. Monstros sedentos de sangue que devoram feiticeiros. — Respondeu ela sombriamente.

— Monstros tipo demônios? Tipo o monstro que…? — Ela confirmou com a cabeça. — Eu achava que isso é conto de fadas.

— Não. São bem reais. — Respondeu ela. — Por isso ela criou-te no mundo dos humanos, julgando que onde estarias mais segura.

— Onde fica esse lugar Animândia? Como se chega lá? — Perguntei calmamente para Makira. Ela acabara de me contar sobre a gloriosa Animândia onde feiticeiros viviam sem medo de mostrar quem eram.

— Animândia fica em outro mundo diferente deste e igualmente belo que nem esse. Onde os pássaros voam exibindo a sua magia, onde diferentes povos e tribos vivem entre si em paz e harmonia, onde a vida próspera em paz e harmonia. — Respondeu Makira. — Pra lá chegar é necessário usar magia.

Ficamos um tempo em silencio eu tentando assimilar tudo o que ouvira, realmente era agradável aos meus ouvidos ouvir sobre aquilo, era muita coisa pra se processar e quanto mais mudar para um lugar saído do conto de fadas não era uma decisão fácil de se tomar, um lugar em que nem sabia a sua existência.

Por outro lado eu queria saber mais a respeito de minha família, sobre quem eu realmente era e sentia que não indo para Animândia não conseguiria obter as respostas que tanto procurava e sobretudo sobre uma questão fundamental: Os meus pais. O que realmente aconteceu com eles? Onde ela estão? Será que estão vivos? São estas e mais outras questões que eu tinha de descobrir a verdade.

— Então podemos ir? — Perguntou ela.

— Sim.

Ela ergueu a mão e chamas surgiram delas mas, não a queimavam o que era algo incrível. Makira executou um círculo com as mãos e as chamas que estavam nelas agora estavam pairando no ar formando um círculo perfeito de fogo e logo de seguida, brilhando em tons de dourado um portal surgiu

— Uau! Que incrível! — Exclamei impressionada.

— Incrível? Em Animândia existem coisas mais incríveis ainda. — Falou Makira me lançando um sorriso, eu sorri de volta. — É melhor a gente ir… — Dito isso ela entrou no portal desaparecendo.

Eu engoli um seco, suspirei fundo, três vezes e entrei junto embarcando na minha viagem para Animândia.

Capítulo 3: A Cidade de Xandhir

"Afinal viajar é conhecer um novo mundo, novas culturas, novos povos e costumes. É conhecer o desconhecido, é se perder e se achar é criar boas memórias"

Logo que atravessei o portal um misto de sensações tomou conta do meu ser, alegria por explorar um novo mundo ou medo por não saber o que estava a minha espera do outro lado, em resumo estava bastante curiosa afinal não é todo o dia que vamos para uma terra mágica, um lugar em que a gente pensa que só existe em contos de fadas.

Assim que atravessei um olhar de desânimo tomou conta de meu semblante, não conseguia acreditar onde estava, estava em uma enorme caverna, daquelas que parecem ter saído diretamente de um filme de terror, olhei ao redor, a escuridão era tanta que chegou a me dar arrepios, um sentimento de decepção me invadiu, se Animândia era assim, então eu preferiria ter ficado no meu mundo.

Olhei pra Makira a espera que ela dissesse algo sobre o seu mundo encantado, ela continuou olhando pra frente com um semblante sério, de repente para a minha surpresa Makira pronunciou algo que eu não consegui entender direito, como se estivesse falando em uma língua muito antiga e de sua mão surgiu chamas.

Recuei pra trás em total espanto, ela olhou pra mim e soltou um sorriso caloroso, quer dizer... atravessar um portal mágico não é a mesma coisa do que ver chamas saindo de sua mão, era algo assustador e igualmente espantoso.

— Não se preocupe — Disse ela. Como se eu conseguisse não me preocupar com aquilo, ela parecia o David Copperfield depois de ter feito a Estátua da Liberdade desaparecer.

Ela apontou a frente da caverna, invisível por causa da pouca luz que tinha ao redor estava uma rocha dourada enorme cravejada na parede, à rocha dourada tinha uns desenhos estranhos, Makira caminhou ate ela e das suas vestes ela retirou um colar que tinha exatamente os mesmos símbolos da rocha.

Makira encostou o seu colar na rocha que imediatamente começou a brilhar emitindo uma luz dourada, ela se virou pra mim e disse com um sorriso no rosto:

— Vamos! — Dito isso ela se aproximou da rocha deu um passo para frente tocando na enorme rocha dourada que para o meu profundo espanto o seu pé entrou na rocha desaparecendo no ar como se fosse um fantasma, ela deu outro passo e desapareceu me deixando lá naquele lugar sinistro.

Eu não tive outra escolha se não segui-la, atravessei a rocha e desta vez não pude acreditar onde estava, estava na maior e mais bela cidade que eu já vi em toda a minha vida, parecia que tinha saído diretamente de um contos de fadas.

A Cidade dos Feiticeiros, ou simplesmente *Xandhir* era uma cidade com uma arquitetura que lembrava a da era Vitoriana, com enormes edifícios que se projetavam e

arranha céus que carregavam um ar melancólico e igualmente belo, parece que os feiticeiros têm uma obsessão por tudo o que é gótico e melancólico.

O sol acabara de nascer por isso pouca gente estava na rua, o ar estava fresco e a relva molhada dando um sinal de que acabara de chover, o sol lentamente lutava contra as nuvens pra mostrar seu brilho.

A cidade era rodeada de enormes praças e alguns monumentos dedicados a alguns heróis feiticeiros, olhando ao redor tive o primeiro vislumbre dos feiticeiros que habitavam Xandhir, estavam trajados de vestes que pareciam ter saído da idade média diretamente pra cá, vi uma criança feiticeira correndo enquanto a sua mãe a seguia gritando desesperadamente pelo seu nome.

Do outro lado vi um edifício que era uma espécie de banco e do outro lado da rua uma escola fiquei a minha visão na escola:

— *Academia de Bruxaria e Feitiçaria de Xandhir* ou se preferir... *Academia* Hókulos. — Explicou Makira notando o meu interesse. — Foi lá onde estudei pra ser Feiticeira — Completou. Eu assenti ainda mais curiosa com o local.

A cidade tinha como jóia da sua coroa, um enorme Castelo que ficava bem no centro da cidade e era muito maior que os outros e era rodeado por um enorme complexo de estruturas e áreas verdes muito semelhante ao *Palácio de Versalhes.*

A sua elegância e esplendor era notado mesmo ao longe, com fontes cristalinas que jorravam a mais pura das águas, era como se tivesse sido lançado um perfume de beleza pois o seu esplendor encarava todos e a todos.

— O que é aquele Castelo? — Perguntei a Makira não conseguido desviar o olhar do Castelo, era como tivesse sido lançado um feitiço sobre mim em que eu não conseguia desviar o meu olhar mesmo se eu quisesse.

— É o *Conselho Supremo dos Feiticeiro*s, o local onde os feiticeiros mais poderosos se reúnem e regem o mundo dos feiticeiros, criando regras e definindo aquilo que é melhor para nós.

— E como funciona? Como é o mundo bruxo? — Perguntei eu curiosa demais com a situação.

—O mundo bruxo é governo por um sistema de clãs, sendo dividido em 4 clãs em que cada clã representa uma face da sociedade bruxa. — Explicou Makira. — Temos o clã da Folha onde estás, o Clã do Caule que fica a Leste, o Clã da Raiz que fica a Norte e o Clã do Tronco que fica a Sul.

Entendi... —Falei mas, ela continuou me explicando.

— Cada clã é como cada parte de uma árvore tudo está conectado e cada um depende do outro. Não existe individualismo no mundo dos Feiticeiros Jéssica.

Eu estranhei um pouco ao ouvir ela falando meu nome, por mais que eu queira acreditar ainda é difícil pra mim saber que existem pessoas como Makira, pessoas que podiam fazer coisas que eu até a pouco tempo considerava um mito.

—E como... — Relutei um pouco a grande questão que tanto me inquietação — Como você faz magia?

— A magia é a força mais antiga que existe. — Respondeu Makira não indo diretamente na minha resposta. — Ela está presente em todos os seres vivo, mas os bruxos possuem mais magia do os outros mortais. Foi nos dado o poder de conseguir manipular a magia presente em nosso corpo e ao redor...

—Mas... como? — Ela parou de andar, olhou pra mim com um rosto sério e de seguida pegou na minha mão e pós sobre o meu peito.

— A magia flui dentro de ti Jéssica. Ela é uma força natural que existe livremente na natureza, o que te inquieta é como manipular pra o teu bem querer — Eu assenti com a cabeça.

— E como posso...

— Sabe, antigamente os humanos também usavam magia — Makira continuou falando me interrompendo outra vez. — Mas, o mau uso fez com que o mundo deles entrasse em colapso, civilizações inteiras desapareceram da face da terra. Então o Conselho dos Bruxos teve que intervir e realizar um encaminhamento em que na qual impossibilitava os humanos a usarem magia.

— Mas, eu sou uma feiticeira... quer dizer... foi a minha avó quem falou pra mim antes de... — Minha voz falhou, aquela lembrança da minha avó deitada em meu colo com o rosto sem vida ainda assombrava a minha mente, era como pedra em meu peito em que quando mais eu tentava esquecer isso mais eu sofria por dentro. Makira olhou pra mim de um jeito caloroso percebendo a minha reação e disse:

— Está tudo bem!

— Sei... — Disse me consolando — E pra onde vamos?

— Vamos pra minha casa. — Respondeu ela. — Preciso descansar.

— E onde fica a sua casa?

— Você verá — Disse ela segurando-me pelo braço e desaparecendo me levando junto com ela.

Eu não estou muito familiarizada com esse lance de feiticeiro, então quando Makira me tele-transportou totalmente de surpresa foi como se eu tivesse levado um pequeno choque elétrico em meu corpo, assim que eu apareci a primeira coisa que eu fiz foi vomitar pois eu sentia que tinha levando um tremendo soco no estômago.

— Da primeira vez eu também vomitei — Comentou Makira olhando pra minha cara sem nenhuma surpresa.

— Bom saber... — Resmunguei baixinho, tão baixo pra ela não ouvir. Ela simplesmente olhou pra mim e sorriu indiferente.

A gente tinha aparecido a frente de uma casa, não era uma enorme igual aqueles apartamentos super luxuosos, era uma casa humilde. Makira foi a primeira a entrar eu segui depois. Dento era bem mais bonito do que fora, fora parecia uma casa completamente normal mas, dentro tinha um pouco de luxo, só um pouco mesmo.

— Imagino que tenhas muitas perguntas. — Makira foi a primeira a falar. Antes que pudesse dizer alguma coisa ela apressou-se a dizer: — Mas, primeiro tu irás pra escola e prometo que depois irei responder todas as tuas perguntas.

— Que escola? — Questionei.

— A Academia Hókulos. Eu ti matriculei lá e não irás perder a aula de hoje.

— Mas... como? — Perguntei confusa demais. — Eu nem tenho uniforme. — Foi a única desculpa que saiu de minha boca na hora, eu sei que não é das melhores mas, é a única que eu pensei. Me julguem depois ok.

—Isso não é problema, irás usar o meu. — Dito isso ela estalou os dedos e subitamente a minha roupa mudou, no lugar dela apareceu um uniforme preto, daqueles colégios chiques de boas maneiras usam: Camisa, gravata e uma saia que descia até os joelhos.

— Isso não é justo. — Murmurei.

— Eu sei que não é... mas, tu precisas aprender a ser uma feiticeira. — Falou me consolando. — Foi o que sua avó. — Apesar de tentar disfarçar um pouco a voz, eu pude notar que Makira também sofria com a perda da minha avó.

— Está bem. — Assenti finalmente. — E como chego lá? — Podem até pensar que é uma pergunta um tanto idiota, a questão é que a gente simplesmente desapareceu no meio da rua e eu nem sei em que lutar exato eu estava, por isso não queria bancar a maluca andando atoa a procura de uma escola como se eu fosse a melhor aluna do mundo.

— Deixa comigo... — Antes mesmo que eu relutasse, Makira pegou outra vez em minhas mãos e juntos desaparecemos outra vez.

Capítulo 4: A Academia Hókulos

"Aquele que conhece os outros é sábio, aquele que conhece a si próprio é iluminado."

O meu primeiro dia na escola... Não sei como começar a dizer acerca do meu primeiro dia na escola e Não! Antes de vocês pensarem que provavelmente sofri bullying da rapariga rica e mimada e mais popular da escola devo dizer que isso não aconteceu, não estamos naqueles filmes clichês de Hollywood nem nada parecido.

Estar na Academia Hókulos trouxe pra mim recordações do meu tempo na escola, quer dizer eu nunca fui a melhor das alunas, nunca fui aquela que tirava sempre às notar altas e que sempre aparecia no Quadro de Honra ou algo do gênero, eu era mais aquela aluna descolado que arriscava o seu futuro só pra fazer a turma rir, por isso eu era chamada muitas vezes na sala do diretor.

Lembro-me quando minha avó chegava na escola porque eu era chamado na sala do diretor, ela não falava nada, simplesmente assenta tudo o que era explicado pelos professores e o diretor na maior calmaria possível, confesso que ficava envergonhada por sempre ter de arrastá-la pra escola, odiava fazer ela perder tempo com coisas fúteis mas... era o meu jeito infantil de ser fazer o que? Ok... podem me julgar a vontade mas, quem nunca foi a sala do diretor não se pode considerar aluno de verdade.

Quando chegávamos em casa, ela continuava em silêncio, fazia o jantar, jantávamos e logo após estarmos bem saciados ela me chamava e falava:

— Jessy — Era o jeito carinhoso que me chamava. — Vamos conversar "*de juízo"*. — Ao falar isso "*de juízo*" a minha mente se abria e eu prestava realmente atenção nas palavras sábias que ela falava e eu compreendia realmente o que significava o *certo* e o *errado,* de coisas que eu poderia fazer e não fazer. Foi com ela que aprendi que é importante sermos sinceros com as crianças.

Logo após ter confirmado a minha matrícula na escola, o que eu achei estranho pra uma escola de feiticeira, achava que seria igual ao *Harry Potter* em que era tudo automático mas, fazer o que? Se o meu mundo bruxo é demasiado burocrático e complicado?

Makira se despediu de mim com lágrimas nos olhos, provavelmente ao me ver com aquelas vestes ela se lembrou do tempo em que estudava também na Academia Hókulos, o que eu achei estranho visto que fazia tanto tempo.

— Nossa! Parece que foi a um milhão de anos em que eu estudei também aqui. — Comentou ela com lágrimas nos olhos. — Te desejo boa sorte, não esqueça que a noite estarei pronta pra responder todas as tuas perguntas. — Dito isso ela desapareceu me deixando lá sozinha.

A parte mais difícil, foi encontrar a minha sala... podes achar que provavelmente eu esteja exagerando ao dizer isso mas, não sabem o tamanho do meu sofrimento, a Academia Hókulos era enorme parecia um campus universitário, com enormes complexos que de certeza seriam uma faculdade, tinha um enorme anfiteatro, dormitórios, refeitórios, sim refeitórios tinha três refeitórios o que eu achei um tanto exagerado, quem precisa de tantas salas só pra poder comer?

Logo depois de ter andado como uma doida pela Academia inteira eu finalmente encontrei a minha sala, bem que Makira poderia me indicar a sala... certeza iria facilitar pra mim. Infelizmente cheguei atrasada, o que não é novidade.

Sinceramente não me lembro a última vez que cheguei cedo em alguma aula, eu gostava sempre chegar atrasada, ser sempre a última aluna a entrar, pra criar aquele clima de suspense e aquela entrada triunfal, talvez seja por isso que a maioria dos professores não gostavam tanto de mim.

— Está atrasada. — Falou a professora com a voz seca fazendo a atenção da turma se virar para mim. Antes mesmo de eu ter dito qualquer coisa, eu transpirava feito uma doida, mais uma semana na Academia a correr desse jeito de certeza que estaria com o corpo todo musculoso igual um fisiculturista... ou talvez não e só esteja exagerando mesmo. — Entre.

Eu entrei respirando ofegante, procurando um lugar pra mim sentar, o que foi fácil sentei na penúltima carteira, não gosto sentar a frente não dava sorte e não gostar sempre atrás pois tinha sempre a chance de ser escolhido pelo professor, o que não considerava de todo ruim, eu até gosto de ir em frente só não gosto em mim armar em sabichona.

— Continuando turma... — Falou a professora indiferente com a minha presença. Era como se eu nunca tivesse estado naquela porta. — Alguém sabe qual é a diferença entre *Aquarum Kalim* e *Levidiun Altum?* — Uma garota ao meu lado levantou a mão pronta pra responder.

— Talvez a aluna nova tem algo a dizer. — Falou a professora finalmente notando em minha presença o que achei estranho e me pegou totalmente de surpresa, afinal ela sabia que existia. — Sra. Jéssica Alvarez podes nos elucidar sobre a questão?

Tal como na porta a atenção da turma se virou outra vez pra mim. A parte ruim de o professor ter chamado você pra responder algo é quando você não sabe a resposta. Eu levantei, não sabendo a resposta nem tentando me esforçar se iria conseguir responder fiquei uns segundos em silêncio tentando esforçar a mente a pensar em uma solução.

Geralmente eu quando não sabia a resposta tentava forçar a mente a saber, a primeira coisa que eu fazia era descodificar as palavras, muitas vezes a resposta está na pergunta naquilo o que às palavras significam pode muitas vezes ser a resposta só que nessa vez estava tudo em branco e o cérebro se recusava a ajudar

— Sra. Jéssica? Estamos a tua espera, não temos o dia todo. — Falou a professora com rispidez na voz.

— Eu não sei... — Desabafei. Toda a sala entrou em choque como se aquilo fosse algo que eu não deveria dizer e entraram em cochichos.

— Silêncio! — Gritou a professora e imediatamente todos se calaram como se fossem uns robôs. — Não sabes. — Falou sorrindo com malícia e acariciando o queixo.

— Então o que fazes na minha aula? Aqui não é o lugar de pessoas que não sabem. — Ela me encarava profundamente, como se odiasse eu estar lá naquela sala. — Podes se sentar Sra. Jéssica.

Mesmo depois de sentar eu ainda pude sentir todos os olhares sobre mim, era como ser um animal numa jaula em um zoológico, por mais que você não queira as pessoas sempre estarão de olho em você. Eu baixei a cabeça, realmente iria ter um dia difícil.

— Psiu... Psiu... — Olhei pra o lado procurando quem me sussurrava e dei de caras com uma garota, a que tinha levantado a mão pra responder a pergunta. — Oi! Não ligue muito a Sra. Grunfle. Ela é assim com todo mundo. — Falou a garota piscando o olho e dando um sorriso caloroso. Eu sorri de volta.

— Bom saber...? — Sugeri.

— Meu nome é Linda... Linda Lin. E qual é o seu?

— Jéssica Alvarez — Respondi.

— Shhh... — A Professor sibilou, o barulho era como se fosse uma cobra abanando a cauda. Linda sorriu e desviou o olhar para frente e sorri junto, era engraçado de ouvir.

— Falamos depois. — Falou Linda.

Em geral o meu dia na Academia Hókulos foi estressante, caótico e quase dei em doida como é possível no primeiro dia de aulas já ter acumulado tantos deveres de casa? As aulas davam comigo em doida, uma mais estranha que a outra e parecia que eu era a única que achava aquelas coisas um pouco esquisitas,

Tentar me acostumar aquela nova realidade estava a se tornar difícil porque que minha avó não me disse desde cedo que eu era uma feiticeira? Talvez tivesse poupado aquilo porque estou a passar agora.

No final posso dizer que valeu a pena por eu ter conhecido Linda Lin, ela era uma garota simpática, inteligente — de cabelos negros e olhos castanhos profundos usava uns óculos de visão que simpatizava com o seu rosto, ela era um pouco mais baixa que eu — nasceu em Xandhir então já estava acostumada ao mundo dá feiticeira e o que significa ser uma.

Desde muito cedo ela treina pra ser uma grande bruxa, de preferência os Goliun, que eram os bruxos mais sábios que existiam e responsáveis pela preservação do conhecimento da história bruxa, ela parecia uma *Hermione Granger* um pouco mais adulta, que pena pois parece até um clichê, e eu disse que essa história não é de clichês... enfim a hipocrisia.

Depois das aulas nós nos encontramos no sítio favórito de Linda da Academia que era o telhado e ficamos a conversar tentando nos conhecer melhor, como pessoa inteligente que ela era depressa dominou a conversa inteira me fazendo perguntas sobre mim e como era viver no mundo dos humanos.

— Sabe... eu sempre quis ir pra lá. — Linda confessou olhando para o horizonte. Realmente a vista era linda, do topo do telhado dava para ter um vislumbre da cidade de Xandhir, você conseguia sentir aquela brisa fresca sobre a sua pele enquanto o solo pouco a pouco era ofuscado pelas nuvens dando lugar a noite que caía um pouco gelada.

— E porquê nunca foste? — Perguntei eu curiosa com a situação agora a olhando.

— Meus pais... Eles jamais deixariam — Ela falou isso com tanto pesar na voz que eu senti pena dela. — Mas, eu já superei. — Acrescentou forçando um sorriso, apesar disso eu ainda sentia pena dela.

— Eu prometo, que irei fazer de tudo pra você ir... nem que seja pra ir comigo. — Falei a motivando, eu sei que é idiota fazer promessas em alguém que acabara de conhecer mas, com Linda era diferente quanto mais eu conversava com ela mais eu sentia que a conhecia a muitos anos, e eu nunca tive uma "amizade" tão genuína assim.

Ela se animou e soltou um sorriso esperançoso, naquele momento eu senti que ganhei o meu dia, uma das melhores sensações que existem é animar alguém, coisa que eu faço com maestria parecia até que eu nascerá com esse dom.

Lembro-me bem da época em que era somente eu e minha avó naquela casinha, tinha momentos em que ela se sentia sozinha apesar de estar comigo ela nunca chegava a demonstrar completamente pra mim mas, eu sentia isso no seu olhar cansado por isso tentava animá-la fazendo shows de humor.

No princípio eu não era muito boa, eu lembro do primeiro show fui tão sem graça que minha avó riu só pra não me deixar triste, por isso eu amo tanto o amor de avós, elas fazem de tudo pra não deixar os seus netos desanimados, dizem que os avós gostam mais dos netos do que dos próprios filhos.

Com o tempo fui melhorando e me tornei uma mestre no *stand-up comedy* que minha avó se matava de rir a noite toda, fazer aquele show só pra ver aquele sorriso depois de um dia exaustivo era o melhor salário que iria desejar e eu simplesmente amava.

Então... ao consolar Linda foi uma das melhores sensações que eu voltei a sentir. Continuamos conversando Linda cada vez fazendo perguntas sobre mim, chegará um momento que ela sabia tanto sobre mim que pareceu que viverá comigo a minha vida toda.

E finalmente chegou a pergunta que tanto receava em responder:

— E a sua avó? — Perguntou ela depois de tanto ter falado sobre ela. Eu contei pra ela tudo o que aconteceu desde o momento em que cheguei a cada e encontrei ela em chamas até agora.

— E agora estou aqui na Academia Hókulos. — Terminei. Ela assentiu e não disse nada por um tempo simplesmente assentindo aquela informação e por fim disse:

— Podes contar pra mim sempre que precisar. — Disse ela, eu sorri agradecida.

Coloquei a mão em meu pescoço onde estava colar que minha avó o tinha me dado, apertei-o com força em meu peito lembrando-me dos bons e velhos tempos e naquele momento eu senti paz, senti que tinha encontrado um novo lar ao daquelas pessoas pois minha avó era uma delas aliás, eu sou uma delas.

E assim foi o meu primeiro dia na Academia Hókulos.

Capítulo 5: Eu aprendo a fazer magia

"Não tenha medo da mudança. Aprender algo novo pode transformar a sua vida para melhor."

Eu aprendo a fazer magia... sim é isso exatamente que você leu, parece coisa de loucos pensar que uma garota como eu iria aprender magia, sabe a vida às vezes age de um modo estranho pra pessoas estranhas então pode morrer de inveja humano!!!

Eu tinha acabado de sair da escola após o meu primeiro dia longo e cansativo quando Makira me recebeu com lágrimas nos olhos e entusiasmada, talvez por eu ter sobrevivido ao primeiro dia de aulas, (afinal eu era bem mais forte do que ela pensava que eu fosse) e me disse que tinha uma surpresa pra mim.

Logo após o jantar, ela me chamou até a sala pra dita surpresa, ela estava de pé me encarando de cima a baixo, logo de seguida murmurou algo que não consegui entender e todos os móveis foram afastados pro canto como se fosse um filme de terror.

Eu encarei ela a espera de uma explicação quando ergueu a sua mão mirando em mim e de sua mão saíram chamas em direção a mim, por pouco eu consegui me desviar, atrás eu pude ouvir e ver o barulho e o estrago que as chamas fizeram.

— Ei! Porque você fez... — Resmunguei, Então antes mesmo que eu terminasse de falar ela fez sinal com as mãos e uma força invisível me jogou pra trás.

— Hoje, irei te ensinar a fazer magia. — Disse Makira andando de um lado para o outro totalmente indiferente por ter me lançado ao longe enquanto eu tentava me erguer do chão.

Eu realmente estava a ficar muito boa a beijar o chão, já estava até a pensar em arranjar um emprego e publicar sobre disso:

"Beijador de chão,
Tudo o que precisas encontras aqui!
Beijo todos tipos de chão
Promoção Especial Natal com 50% de desconto!

— Fazer magia é um processo simples mas que exige muita concentração. — Continuou Makira.

— Argh — Resmunguei tentando prestar atenção ao que ela falava.

— A magia flui em todo o lugar e em todos os seres vivos. O que deves saber é aprender a manipular a magia ao seu bem querer. — Disse Makira estendendo as mãos. — *Puricekium* — Falou baixinho e logo de seguida chamas surgiram nelas mas, não a queimava.

Olhei impressionada, realmente fora um belo truque, me perguntei se algum dia iria ter a oportunidade de fazer o que não foi uma boa decisão porque logo de seguida ela voltou a me atacar me lançado bolas de fogo.

— Ei! — Resmunguei me desviando por pouco.

— O que deves fazer é simplesmente pensar naquilo que quês fazer e dizer o feitiço. — Ela olhou pra sua mão que ainda estava em chamas e de seguida olhou pra mim. — Que de certeza irá acontecer.

Certo! Pensei pra mim mesma, parecia simples isso, pensar e dizer uns feitiços e esperar que aconteça parecia algo fácil mas, não era... vocês podem até tentar me julgar dizendo que sou preguiçosa. Ok... posso até ser preguiçosa mas, tente mover um copo do lugar só usando o poder da mente e algumas palavras sem sentido, tente! E depois podes me chamar de preguiçosa.

— Vamos começar por um feitiço mais simples. — Makira cortou o silêncio. — Feche os olhos e experimente dizer: *Puricekium.*

Obedeci, fechei os olhos, respirei fundo e tentei me concentrar ao máximo, porque era isso que os grandes feiticeiros, guerreiros faziam quando estavam prontos pra fazer algo de extraordinário, era só fechar os olhos e você vê o cara fazendo coisas impossíveis, como alguém vencer um exército inteiro, ou mesmo vencer o deus da guerra só usando o "amor"... enfim, cada um com seus momentos.

— *Puricekium!* — Sussurrei pra mim mesma me concentrando ao máximo que consegui, parecia até um monge meditando, logo eu estaria no Tibete. Abri os olhos e olhei pra minhas mãos estavam pegando fogo, igual a da Makira.

E sim eu consegui de primeira. Antes que penses que teria de tentar tanto pra conseguir realizar um feitiço lembre-se que está história não é um clichê e que podemos fazer as coisas logo de primeira, por isso SUPERA!

Makira olhou pra mim impressionada e soltou um pequeno sorrisinho, parece que ela também esperava que eu não conseguisse de primeira.

— Meus parabéns! Agora se defenda. — Ela lançou outra bola de fogo, eu me desviei e ataquei. Makira se desviou e conjurou uma espada... uma Espada de Fogo! E atacou, eu nem tive tempo de pensar em nada e me joguei ao lado quando a espada passou de raspão sobre o meu rosto, foi como um filme em que eu pude ver a espada se movimentando em câmara lenta, como se estivesse em Matrix.

Eu me ergui repelindo o ataque e lançando mais bolas de fogo em direção a Makira que travava usando a espada de fogo, ela correu em minha direção se aproximando cada vez, ergueu a espada ao alto eu me desviei no último segundo me lançando para o lado e lançando sobre ela uma bola de fogo e a jogando ao longe antes de eu rebolar pelo chão.

Eu sorri satisfeita mesmo beijando o chão outra vez, ela ergueu a espada e correu tão depressa que simplesmente vi a sua sombra e me atingiu em um golpe forte. Ela ergueu a mão e da gaveta enorme livro saiu voando indo até a minha mão.

— Aí estão a lista da maioria dos feitiços que existem. — Falou Makira, eu examinei o livro, era um enorme livro de feitiços e encantamentos. — A gente irá estudar todos os feitiços desse livro, do mais simples ao mais complexo. É melhor se preparar.

Eu assenti, era muita informação pra colocar na cabeça a boa notícia era que ia ter Makira como professora, sei que ela é um pouco estranha mais o seu método de ensino

é realmente revolucionário: atacar a aluna e esperar que ela se defenda fazendo um feitiço que não aprendeu direito.

A gente passou a noite inteira estudando cada feitiço escrito naquele livro, cada feitiço do mais simples ao mais complexo, do mais belo ao mais estranho era cada feitiço que fazia minha mente ficar baralhada com o que fazer, era como estudar um trabalho escolar inteiro pra se defender no dia seguinte, cada minuto, segundo contava pra o sucesso.

Após treinarmos por um tempo, Makira parou e disse que precisava falar algo pra mim estava com uma expressão bastante séria como se estivesse se preparando pra o discurso do século.

— Jéssica, a um tempo atrás... — Começou a dizer parando e olhando ao redor da casa como se estivesse se certificando de que não estaria ninguém mais a ouvir. — Sua avó me fez prometer de que se algo se acontecesse eu teria de te levar pra cá. — É estranho ela falar isso sendo que já me contou a respeito.

— Ela me fez prometer que eu treinaria você pra ser uma feiticeira. — A sua voz parecia um pouco mais em pânico — Eu não sei se estando aqui estarás totalmente em segurança só sei que o inimigo que matou sua avó irá voltar .. algo me diz que ele não encontrou o que estava procurando por isso até ele chegar deves estar preparada para o que der e vier e isso inclui ter mais cuidado. Entendeu Jéssica?

Eu assenti, realmente a morte da minha avó me preocupava, porque ela, era algo que eu não conseguia entender o motivo e eu estava disposta a saber isso

— E também queria te dar algo. — Ela levantou, caminhou até uma das gavetas e tirou de lá uma espada e me entregou. — Era de sua avó. Ela queria que ficasse contigo. — Meus olhos de encheram de lágrimas e abracei Makira pelo presente.

— Obrigado! — Falei limpando as minhas lágrimas e tentando me recompor. Ela assentiu. Era uma espada tão linda e só de saber que pertenceu a minha avó meu coração se encheu de carinho, admiração e orgulho seria uma honra pra mim carregar ela.

No dia seguinte após a aula de Makira... só de pensar nesse nome me vem a conversa que ela teve comigo, por algum motivo ela achava que algo mais estava acontecendo e que era perigoso pra mim andar de um lado pro outro.

Eu fui a Academia Hókulos, as aulas correram normalmente com os professores me dando uma lista de deveres me dizendo que eu estava atrasada nas matérias sendo que eu entrei no meio do trimestre, o que eu achei totalmente injusto isso sendo que não conhecia essa minha realidade de feiticeira mas, o lado bom é que Linda prometeu me ajudar e a ensinar algumas coisas que eu como feiticeira deveria saber, enfim o evento mais interessante aconteceu quando retornamos da escola.

Linda e eu tínhamos saído da escola bem no final do dia, após umas aulas intensivas estava exausta, não é fácil sobreviver em Hókulos, talvez seja por isso que não exista lá nenhum *Bully.* Estávamos caminhando quando Linda teve a ideia de passarmos pelo mercado de Xandhir pra me mostrar umas coisas se eu gostasse podíamos comprar

quando algo de imediato chamou a nossa atenção: A frente uma grande confusão se desenrolava com pessoas correndo desesperadamente e com uma visão de horror estampado em seus semblantes de algo que no primeiro instante não conseguia saber o que era.

— Linda ... — Chamei por ela que estava ocupada vendo umas bijuterias, mal terminei de falar e eu vi o que era mas... era o mesmo monstro que matou a minha avó, era um Dran.

Mal tive tempo de fazer alguma coisa quando o Dran atacou lançando uma enorme bola de fogo em nossa direção, logo de imediato a bola nos atingiu libertando uma enorme explosão de forma muito violenta destruindo todas as bancadas de bijuterias as espalhando pelo ar enquanto que Linda e eu fomos jogadas ao longe.

Capítulo 6: Eu luto com um *Dran*

"O mais importante da vida não é a situação em que estamos, mas a direção para a qual nos movemos. – Oliver Wendell Holmes"

A gente caiu de forma violenta, o pânico se espalhava pelo mercado, pessoas corriam desesperadas de um lado pra o outro fugindo a enorme criatura de fogo que surgira de forma inesperada. Enquanto o *Dran* caminhava lentamente passando por entre gritos e berros vindo em nossa direção.

Tentei erguer-me do chão mas, estava muito fraca, a minha cabeça zunia de forma terrível, a minha visão estava fusca como se tivesse com problemas de visão pois via tudo em dois, revirei a cabeça tentando parar o zunido mas, parecia que piorava.

Foi quando me lembrei de Linda, olhei pra ela que ainda estava no chão desmaiada engatinhei até ela checando os seus sinais vitais ela estava bem, uma onde de alívio percorreu meu corpo, eu realmente me preocupava com ela, era uma das poucas amizades que eu consegui e estava disposta a mantê-la.

De seguida olhei pra o causador da explosão, o *Dran* caminhava lentamente e parou quando percebeu que eu o encarava e me encarou de volta, levantei do chão pronta para o inevitável combate enquanto que lentamente a minha consciência começava a voltar.

Conjurei a espada que Makira tivera me dado, segundo ela sempre que eu precisasse dela era simplesmente fechar os olhos e imaginar ela em minhas mãos que magicamente apareceria, a grande questão que se revelava era de como vencer um Dran? Tentei forçar o cérebro a pensar numa resposta mas, não tive tempo de responder a essa pergunta pois o *Dran* atacou.

A criatura correu velozmente em minha direção atacando com seus enormes chifres como se fosse um enorme touro, quase se aproximando abriu a enorme boca que tinha e lançou um enorme bola de fogo, eu lancei-me pra esquerda me desviando e não conseguindo evitar que o fogo me queimasse um pouco no braço.

Mal atingi o solo a criatura me surpreendeu rapidamente, quase que como se conseguisse prever meus movimentos e me atacou com seus enormes chifres me lançando ao longe. Eu caí com a bunda no chão e com a espada jogada ao longe.

O *Dran* caminhava em círculos, igual um touro, pensando em mil maneiras em me desfazer em pedaços, eu estava exausta aquilo não era pra mim, ergui-me com as pernas bambas e fracas e o rosto manchado estendi a minha mão e a espada veio voando até ela, felizmente já sabia a resposta de como vencer um *Dran,* afinal como é que se vence o fogo? Com água.

O único problema era lembrar o feitiço de conjurar água, Ah... Quem me dera ter lido e memorizado o livro de feitiços! Assim não estaria nessa situação mas, memorizar aquele montes de feitiços não é coisa fácil

Vendo que eu me ergui do chão, o *Dran* recomeçou o ataque dessa vez saltando sobre mim, eu deslizei sobre o chão e o acertei com a espada o que não provocou grande efeito já que ele me olhou e me atacou outra vez com seus chifres.

Dessa vez, aterrei em pé e corri em sua direção gritando ferozmente que nem o *San Goku,* quase se chocando, saltei o acertando em sua cauda. Dessa vez tinha provocado um ligeiro corte, o *Dran* olhou pra sua cauda não gostando do que via eu sorri triunfante achando que finalmente conseguira alguma sorte quando o seu ferimento subitamente curou.

O meu sorriso murchou dando lugar ao pânico em meu semblante, agora estava tramada, precisava urgentemente lembrar do feitiço antes que seja tarde demais.

O *Dran* tornou a atacar me dando violentos golpes com as patas, parecia até um gato e um touro lutando ao mesmo tempo, eu me defendia dos ataques com a minha espada, estava exausta quase sendo derrubada quando lembrei-me do feitiço:

— *Aquarum Kalim!* — Berrei e uma explosão de água aconteceu mandando o *Dran* pra longe, aquela explosão foi suficientemente alta pra despertar Linda pois a vi de relance se mexendo.

O *Dran* cambaleou pra trás violentamente, olhei pra minha espada e ela estava... Aquosa digo toda a lâmina estava cheia de água era como se a espada fosse feita de água, estava tão a *Percy Jackson,* parecia até filha de *Poseidon.*

E sim, antes que perguntem eu sou fã de *Percy Jackson,* quem não é? *Percy Jackson* deveria ser considerado patrimônio da humanidade e conservado para que gerações futuras pudessem aprender a respeito.

Sou tão fã que me considero uma semideusa, uma filha de *Hécate,* a deusa da magia, sempre gostei de magia mesmo antes de saber que eu era uma feiticeira, minha avó dizia que eu nasci com o dom da magia mas, eu nunca levava a sério achava que era só jeito de falar mesmo... Nossa quanto eu inocente!

O *Dran* olhou pra mim de um jeito indiferente, e mesmo vendo que a minha espada era feita de água mesmo assim atacou lançando outra vez bola de fogo, eu travei lançando de igual modo um bola de água que rapidamente entrou em uma batalha com o fogo e o secando.

De seguida corri em sua direção empunhando firmemente a espada, e quando ele ergueu a garra tentando me desferir um golpe, eu travei com a espada e pela primeira vez eu pude olhar diretamente em seus olhos. Os seus olhos eram tão vazios e sem expressão que eu me perguntei como essa coisa poderia ser capaz de matar a minha avó

Naquele momento, foi como se o tempo tivesse parado e tudo ao nosso redor tivesse simplesmente desaparecido restando simplesmente eu e o Dran e então sem que eu me desse conta uma raiva preencheu o meu corpo, eu abaixei a espada a enfiando na barriga da criatura e o lancei ao longe com o bola de água.

O Dran cambaleou no chão de maneira violenta, eu caminhei lentamente até ele com a espada firme e simplesmente querendo uma única coisa. Quase me aproximando de repente algo estranho aconteceu com ele, subitamente ele começou a crescer e a crescer mais, ficando quase o dobro do tamanho e sorriu pra mim mostrando todos os enormes dentes afiadíssimos.

E saltou atacando rapidamente com as enormes garras, eu me defendia dos ataques da maneira mais rápida que conseguia, quando ele me atingiu bem no meio da barriga me fazendo cuspir sangue, ele cambaleou pra trás e logo de seguida voltou a crescer, lançou de novo o sorriso cruel e atacou me jogando ao pé de Linda que nessa altura já estava sentada.

— Você está bem? — Perguntei pra ela.

— Sim. — Respondeu Linda com o semblante confuso notando o *Dran* a nossa frente. — O que aconteceu?

— Depois eu explico. — Respondi voltando a me erguer do chão e pronto pra um novo Round quando Linda pegou o meu braço, eu me virei a encarando a espera de explicação quando ela me disse:

— Não adianta lutar com ele assim.

— Como? Não entendi.

— Os *Dran* são criaturas elementais, eles se alimentam pelo elemento oposto ao seu. — Disse Linda na mais calmaria possível com os olhos fixos no Dran.— Você lutando com ele com uma espada de água só o está o tornando mais forte.

Eu assenti engolindo um seco, naquele momento eu me senti bastante idiota e estúpida por ter que lutar com algo que não tinha como vencer, era como dar um tiro na sombra e ficar a espera que ela desapareça.

— E como o posso vencer? — Questionei notando que o *Dran* estava se aproximando. Linda me olhou com os olhos reluzentes brilhantes a espera que eu própria respondesse a essa questão.

— Com fogo! — De seguida olhou pra minha espada de água e disse: — *Kanum!*

A minha espada se tornou flamejante brilhando em tons de vermelho e dourado, sendo envolvida a lâmina com um fogo vivo belo e mortal. O Dran percebendo a minha espada parou de correr e eu pude notar em seu semblante um medo um envolvendo.

Eu sorri triunfante olhando de relance pra espada e pra criatura e corri ferozmente em sua direção gritando, quase se chocando dei um enorme salto e com a espada erguida ao alto aterrei cortando o Dran ao meio, olhei pra minha espada que brilhava mais forte do que nunca, olhei pra o lugar onde o Dran estava, agora só restava uma pilha de cinzas.

Voltei os meus olhos em direção a Linda ela me olhou sorrindo satisfeita. Corri em sua direção me assegurando se ela estava bem, quando a explosão aconteceu, bem a minha atrás os restos mortais do *Dran* explodiu.

— Você foi incrível! — Disse Linda enquanto eu a ajudava a se colocar em pé. Eu sorri agradecida. E naquele momento um pensamento invadiu a minha mente... Makira.

E se o Dran tivesse a enfrentado?

— Oh... Meu Deus! Makira! — Falei angustiada.

— O que foi? — Questionou Linda notando a preocupação em meu rosto.

— Preciso ver se ela está bem... — Falei correndo indo em direção a casa, Linda foi junto.

Chegando em casa encontramos toda ela bagunçada em um silêncio aterrador e os móveis jogados dispersos, papéis de um lado pra o outro, e a prateleira que antes estava cheia de livros estava no chão com os livros espalhados.

— Makira! — Berrei, não obtive resposta. — Makira! Makira! — Continuei chamando e nada, estava tudo silêncio. Não resisti e lágrimas saíram dos meus olhos e eu desabei no chão, não conseguiria me perdoar se algo de errado acontecesse com ela. Linda se aproximou por trás me consolando.

— Não chore. — Foram as palavras delas. — A gente vai achar ela.

— Ela... Ela... me avisou de que algo se passava. — Solucei tentando limpar as lágrimas que insistiam em sair. — Falou pra mim tomar cuidado mas... Eu a ignorei... Se eu soubesse... — Minha voz falhou.

— Não tinha como você saber. — Linda falou limpando as lágrimas em meu rosto. — Não tinha como ninguém saber que isso acontecia.

— Talvez... Se eu a tivesse escutado.

— Para de se culpar Jéssica. A culpa não é sua. — Apesar de tudo, Linda ainda continuava com a voz mansa e suave. — Eu prometo que a gente irá encontrá-la.

— Mas... Como? — Exclamei. Naquele momento, antes mesmo que Linda pudesse dizer alguma coisa o meu colar brilhou e dentro dele saiu uma luz que projetou uma imagem no ar e dentro da imagem estava nada mais e nada mesmo que... Minha avó.

— Jéssica! — Chamou a imagem holográfica da minha avó

— Avó! — Falei em choque e perplexa demais com aquilo.

— Se estás a ver essa gravação é porque provavelmente eu parti desse mundo. — Ela fez uma pausa assimilando as suas palavras. Não era fácil alguém filmar algo sabendo que depois provavelmente irá morrer.

Eu olhava pra imagem com apreensão e sem palavras na língua, todo esse tempo eu usava o colar e nem sabia que era tão especial assim.

— Só quero dizer que lamento muito as coisas acontecerem desse jeito. — Falou olhando diretamente para os meus olhos. — Esconder a verdade sobre quem você realmente é, é um dos meus maiores arrependimentos.

— Eu lamento. — Agora a minha avó-holográfica estava tentando não cair em lágrimas. — Enfim. — Disse ela por fim e não conseguindo que as lágrimas caíssem.

— Se estás a ver essa mensagem é porque corres um grande perigo Jessy. — Ela falava do mesmo jeito que Makira me avisou. — Algo de horrível está acontecendo no Mundo Bruxo Jéssica.

Eu estremeci pensando nas palavras de Makira a respeito de que algo se passava, algo que provavelmente levou a morte da minha avó e o desaparecimento súbito de Makira

mas, o que era? Não tinha grandes pistas a respeito e o *Dran* se desintegrou antes que me desse qualquer pista do que estava acontecendo.

— Mas, não podemos falar aqui... O colar irá te levar pra um local seguro. Logo que terminou de falar, um vulto nos envolveu e a gente desapareceu na escuridão.

Capítulo 7: As Três Chaves

"Não vamos tentar consertar a culpa do passado vamos aceitar nossa responsabilidade pelo futuro!"

A gente tombou a aparecer em uma rua sinuosa o sol já tinha se posto a rua estava vazia e silenciosa, o chão estava cheio de folhas velhas das árvores, o ar estava fresco como se tivesse terminado de chover estávamos em Outono e o inverno já batia as portas pronto pra mostrar a sua plenitude.

As pessoas apressavam-se em entrar nas suas casas pra ficar ao lado de suas famílias, uma casa em especial chamou a minha atenção, ao ver de longe pude contemplar rostos angelicais de duas crianças ajudando a mãe na refeição e preparando a mesa do jantar com os rostos sorridentes transbordados de alegrias esperando a chegada do pai.

Fora, uma figura se esgueirava pronta pra entrar em casa de vez em quando olhando pra o relógio checando pra ver se estava suficientemente atrasado, o que não adiantou muito visto que quando entrou em casa as filhas não se importavam se estava atrasado e simplesmente correram ao encontro do abraço do pai todas felizes como se tivessem recebido a melhor notícia do mundo, e realmente receberam.

Abaixei a cabeça, ver aquela cena linda despertou algo que eu não sentia a muito tempo, num momento eu desejei ser uma daquelas crianças esperando em casa toda feliz o retorno dos meus pais... Pais, só de pensar isso meu coração apertou agora eu simplesmente queria chorar.

Como pode sentir falta de alguém que nunca conheci?

— Jéssica! — Disse Linda suavemente colocando a mão em meu ombro me despertando do transe como se soubesse o que eu estava a pensar.

— Sim? — Ela fitou os seus olhos nos meus como se estivesse a ler os meus pensamentos.

— O que iremos fazer?

O que iremos fazer? Era a única coisa que eu não tinha pensado, minha mente estava demasiado distante quer dizer... Lembro da última coisa que a imagem holográfica da minha avó dissera logo que aparecemos naquela rua: "*Procure a minha marca*". Dito isso desapareceu tão rápido e misterioso como apareceu me deixando mais dúvidas do que respostas.

— Não sei... — Respondi com sinceridade me sentindo mais confusa com tudo aquilo.
— Talvez... A gente tem de procurar o seu símbolo mas... O que é?

Linda olhou ao redor procurando qualquer pista quando seu olhar de encontrou com o meu ela depressa desviou olhando pra o meu colar em meu peito olhando com os olhos semicerrados.

— Me mostra ainda o colar. — Falou estendendo a mão relutando um pouco aquele colar era muito especial pra mim e só de saber que minha avó o usou acabara de o tornar

mais especial ainda o que pra mim era difícil tirar do peito. — Eu prometo que o devolvo só preciso checar alguma coisa.

— Tá bem. — Falei assentindo e o tirando do peito. Ela. Analisou o colar olhando de um lado pra o outro procurando qualquer pista.

— Aha! Eu sabia. — Falou sorrindo triunfante me mostrando o que descobriu. — É isso que sua avó quer que procuramos. — Atrás do colar tinha o desenho de um pequeno beija-flor.

— Mas, o que significa?

— Não sei... Mas, como estamos numa rua repleta de casas talvez devamos procurar a casa que tenha esse símbolo. — Sugeriu Linda dando de ombros.

— Certo. — Dito isso começamos a procurar. Não demorou pouco mais de 5 minutos até encontrarmos a casa, ficava bem no fundo da rua e o símbolo encontramos bem na maçaneta da porta.

Aproximei-me da porta e toquei na fechadura tentando a abrir mas, estava trancada tentei girar outra vez a maçaneta e nada, suspirei aborrecida e foi quando algo aconteceu a porta brilhou e letras surgiram a frente dela formando um texto. Eu pigarrei pra trás lendo o que estava escrito.

— O que é isso? — Linda perguntou.

— Parece ser uma espécie de... Enigma. — Respondi lendo o texto:

"Nascido da mãe África
Mergulhado nas fontes cristalinas do Nilo
E criado nas florestas tropicais da mãe África
O meu sangue invoca as minhas raízes
Eu vi meu povo sendo levado pra outros países
Por pessoas indiferentes às nossas raízes
Quem eu sou?"

— Você sabe o que significa? — Questionou Linda terminando de ler.

— Eu acho que sei... — Eu já tinha lido aquele texto em algum lugar só não sabia de onde, levei a mão ao queixo pensando foi quando a resposta surgiu na ponta da minha língua.

— Já sei. — Falei saindo mais alto do que eu esperava. Aproximei-me da porta e respondi. — A resposta é: *Eu Sou Preto*. — Logo de imediato a porta tornou a brilhar e abriu revelando um interior quase tão escuro como a rua em que estávamos.

— Como você soube da resposta?

— O texto é de um poema que minha avó gostava muito. — Respondi lembrando das inúmeras vezes que ela lia pra mim em voz alta. — *"Eu sou Preto"*. É o título do poema. — Linda assentiu afirmativamente. Logo de seguida a gente entrou na casa.

O interior cada vez se revelava mais escuro que fora, o ar dentro estava quente e aconchegante e logo que entramos na casa, a porta a nossa atrás se fechou em um baque assustador igual nos filmes de terror e luzes apareceram magicamente iluminando todos os cantos da casa.

Era uma casa pequena com poucos quartos ou nenhum, não cheguei a conferir pois algo chamou a minha atenção, estávamos na sala quando algo na mesa chamou a minha atenção: era o diário de minha avó.

Logo após o incêndio eu tivera procurado por ele pela casa toda mas, nunca cheguei a encontrá-lo achava que tinha também sido consumida pelas chamas e ver o diário totalmente intacto naquela mesa foi motivo suficiente de curiosidade e espanto.

Aproximei-me da mesa e subitamente o colar em meu pescoço tornou a brilhar e o diário de abriu e as página começaram a mudar rapidamente, Linda veio se aproximando depressa depois de ter ouvido o barulho.

— O que foi? — Perguntou ela.

— Eu não sei... — O diário parou de girar e parou numa página em que estava escrito *As Três* Chaves. Ergui o diário e comecei a ler em voz alta:

Quinta-feira, dia 14 de Setembro

Nem sei como começar a escrever porque não é fácil pra mim dizer sobre isso, após muitos anos de busca incansável eu finalmente consegui uma pista sobre o desaparecimento da minha filha e do meu genro... Pelo que descobri eles partiram em busca de algo chamado de: "As Três Chaves".

Eu tremi, quase largando o diário ao chão... Em todos esses anos que eu vivia com minha avó ela nunca demonstrou sinais de que estava a procura dos meus pais, ela quase não falava muito sobre o assunto mas porque de tanto segredo? Eu entendo que o mundo Feiticeiro pode ser um local perigoso mas, não me contar que estava a procura dos meus pais era algo que não conseguia acreditar.

Segunda-feira, dia 18 de Setembro

Descobri o que são As Três Chaves. As Três Chaves são objetos dados ao poderoso feiticeiro Shakra Maximus pra poder vencer os demônios. Conta-se que a muitos anos os feiticeiros estavam em guerra contra os Demônios então Shakra Maximus pediu ajuda a Chiwa, a deusa suprema que deu pra ele três objetos que juntos teriam poder suficiente pra abrir um Portal para o Reino das Trevas e aprisionar todos os demônios lá e assim ele o fez vencendo a guerra.

Terça-feira, dia 26 de Setembro

Parece que minha filha e genro desapareceram procurando As Três Chaves... O que não entendo o porquê terem feito isso, parece que a única maneira de descobrir o porquê é eu própria também procurar as chaves.

Mas, estou com medo do que possa acontecer sinto que estou a ser seguida por onde quer que eu vá... Não sei o que está acontecendo mas, um inimigo se move nas sombras,

eu posso sentir isso ou talvez sejam só coisas da minha cabeça mas, mesmo assim sinto medo de que algo possa me acontecer ou pior acontecer com Jéssica.

Ela é tão inocente e sinto que ainda não é o momento pra revelar toda a verdade talvez quando contemplar 16 anos ela já tenha amadurecido o suficiente pra saber a verdade sobre quem ela é.

Quarta-feira, dia 11 de Outubro

O sol já tinha se posto e lá estava eu em meu laboratório pesquisando sobre As Três Chaves, havia voltado da minha viagem a procura de algum sinal que possa revelar a localização de uma das chaves mas, infelizmente não deu em nada...

Domingo, dia 29 Outubro

Finalmente tive uma sorte, após vagar a procura de pistas finalmente encontrei uma pista boa em concreto. Eu estava vagando pelo Bazar Noturno quando uma loja de antiguidades chamou a minha atenção ao se aproximar reparei que o vendedor tinha em uma de suas prateleiras um pergaminho, não é um pergaminho qualquer era um pergaminho que continha o mapa pra localizar a primeira chave.. Nossa como estou feliz!!!

Na página a seguir estava o mapa indicando a localização da primeira chave, estava no Clã do Tronco no Templo de Tah Anuk. Depois disto o diário estava em branco, não tinha mais nenhum apontamento dela... Dia 29 de Outubro, era o último dia em que minhas avó tivera escrito no seu diário pra mim não era só uma data.

Suspirei fundo e fechei fundo assimilando toda aquela quantidade de informação, era muito coisa pra digerir, muito fardo pra enfrentar saber que meus pais e minha avó provavelmente foram mortos enquanto procuravam algo fez meu coração apertar e meu estômago revirar, eu sabia que por mais que eu insistisse em relutar eu tinha que saber o porquê, eu merecia todas as respostas.

Linda colocou a mão em meu ombro como se quisesse compartilhar comigo o fardo que eu carregava, doía demais tentar ser forte em meio a situação que te deixava fraco era como lutar contra o furacão estando num bote por mais que você lute as ondas acabaram por te derrubar.

— Eu! — Disse Linda suavemente quebrando o silêncio. — Lamento muito o que aconteceu mas saiba que você não está sozinha. — Ela lançou um sorriso reconfortante.

— Obrigado. — Falei dando um sorriso fraco mas, igualmente esperançoso.

— O que pensas em fazer?

— Eu não sei... — Confessei olhando mais uma vez pra o diário. — Eu preciso saber as respostas Linda, eu preciso saber o porquê de meus pais, minha avó e agora também... Makira. — Pensar em Makira trazia a mim um pensamento que eu queria evitar a todo e qualquer custo.

— E se a minha avó foi atrás das *Três Chaves* e foi... — Um nó se enrolhou em minha garganta relutando em falar a palavra seguinte. Linda colocou a sua mão sobre a minha me dando forças pra continuar.

— E se a minha avó foi morta por causa disso, tal como os meus pais ou mesmo Makira? Por isso que eu preciso continuar o que ela começou preciso achar as *Três Chaves* e por elas em segurança talvez assim eu consiga descobrir quem está por trás de tudo. — Linda ficou em silêncio por algum tempo analisando tudo o que eu disse e por fim disse.

— Quando partiremos?

— Não posso te levar Linda. É muito perigoso.

— Eu não pedi a sua permissão. — Respondeu ela com certeza. — Além do mais você não sobreviveria um dia em Animândia sem mim. — Falou cruzando os braços, eu não consegui evitar o riso.

— Você é quem pensa isso. — Rebati entre risos.

— O que você farias pra curar um ferimento? — Eu abri a boca pra responder mas, ela continuou a falar indiferente ao que eu tinha a dizer. — Ou como farias pra encontrares comidas em meio a mata? Como conseguirás vencer plantas carnívoras? Ou mesmo um cão negro?

— Bem... Posso não saber resolver a maioria. — Saber resolver a maioria? Eu nem sabia nenhuma. — Mas, posso dar um jeito. — Disse dando de ombros. Agora foi a vez de Linda rir.

— Admita Jéssica, você precisa de mim. — Elas ficou me encarando firmemente diretamente em meus olhos.

— Ok... Eu preciso de você. — Disse finalmente.

— Yes! — Comemorou ela socando o punho. — Quando partiremos?

— Assim que o sol nascer.

E assim a minha vida voltaria a mudar pra todo sempre, estava pronta pra embarcar em uma aventura não, em uma odisseia imprevisível e cheia de perigos em busca das respostas finais sobre o meu passado, eu estava numa jornada pra me tornar na Feiticeira.

Capítulo 8: O Ataque das Sombras

Diante de uma larga frente de batalha, procure o ponto mais fraco e, ali, ataque com a sua maior força. - Sun Tzu

No dia seguinte a gente partiu de Xandhir em direção ao Clã do Tronco lá segundo o mapa encontraríamos o Templo de Tah Anuk era lá onde estava escondida a primeira chave e quem sabe ao reunir as Três Chaves eu finalmente obtenha as respostas que eu tanto procurava.

Linda chegara logo cedo, o sol ainda não tinha nascido quando ouvi batidas na minha janela eu olhei e vi Linda me olhando com um sorriso largo no rosto. Foi difícil pra mim fechar os olhos e dormir (ainda mais estando na casa de Makira) enquanto que pensamentos tenebrosos insistiam invadir a minha mente.

Ao fechar os olhos meus sonhos eram invadidos por terríveis pesadelos sem fim, pesadelos que traziam pensamentos que eu queria a tudo o custo evitar pensamentos sobre Makira...

"Será que ela estava bem?

O quer aconteceu com ela?

Talvez se eu tivesse a escutado e tivesse tomado mais cuidado nada disso teria acontecido!

Não. Não. Não! Nada disso é tua culpa Jéssica." Tentei concentrar-me ao máximo afastando os terríveis pensamentos mas quanto mais eu tentava mais era difícil conseguir era como se estivesse destinada a viver com isso.

Levantei-me caminhando até a janela do quarto que por sinal estava aberta, a brisa fria noturna soprava lentamente sobre meu corpo de maneira mansa e suave, olhei pra a rua, estava completamente vazia estando iluminada por pequenos candeeiros cintilantes que emitiam uma luz fraca dourada

Fechei os olhos não pensando em mais nada esvaziando completamente a mente. Tornei a me dirigir na cama dessa vez pensando em como seria o dia de amanhã.

—*"Tomara que dê tudo certo"* — Pensei antes de fechar os olhos e dormir.

Levantei toda preguiçosa e cansada pra abrir a janela, o rosto cansado abatido e os olhos pesados repleto de ramelas, não me julguem eram 5h da manhã.

— Você está atrasada. — Disse Linda toda animada com o seu sorriso animado estampado no rosto entrando de imediato assim que abri a janela.

— Sério? De tantas coisas pra se falar pela manhã a melhor saudação é *"Você está atrasada?"* — Resmunguei em resposta.

— Não foi uma saudação. — Disse olhando em redor. — Mesmo assim está atrasada. — Falou veemente indiferente as minhas queixas.

— São 5h da manhã. — Falei indicando pra o relógio. — Eu não estou atrasada, você é quem está adiantada. — Linda fez uma pausa avaliando pra situação, olhou pra mim e de seguida pra o relógio e por fim disse:

— Tens razão! Só que agora estamos ambas atrasadas. — Fiz uma careta revirando os olhos aborrecida dando um tapa em minha face e me joguei na cama desistindo da conversa. — Tens cinco minutos!

Dito isso ela saiu do quarto, eu queria tanto dormir mas não conseguia ao invés disso cinco minutos depois eu estava preparada e pronta pra a grande aventura segundo Linda seria a aventura de uma vida, ela estava mais entusiasmada que eu tinha até preparado uma pasta de suplementos com tudo o que a gente iria precisar: roupas, comidas e um kit básico de emergência.

— Não é necessário tanta coisa. — Resmunguei eu revirando os olhos assim que ela me mostrou o kit.

— Talvez seja ou talvez não... A gente nunca sabe quando algo pode acontecer por isso é sempre importante se precaver. — Dito isso ela continuou a andar cantarolando toda com a energia positiva indiferente a minha reação.

E assim a gente partiu rumo ao Clã do Tronco. Estávamos no início do caminho quando uma dúvida se instalou em minha mente a respeito de Linda, será que ela disse alguma coisa sobre onde a gente estava indo e o que estava procurando?

— Linda... — Comecei reunindo forças e as palavras certas pra dizer. — Você disse pra alguém sobre onde a gente vai? Digo seus pais?

Linda corou dando de ombros e no primeiro instante nada disse, abaixou o olhar como se estivesse pensando nas palavras certas pra dizer.

— Eu não disse... — Começou a dizer engolindo em seco e afundando seu rosto no chão. — Eu simplesmente não tive coragem de dizer nada... Sabia como eles iriam reagir me proibindo logo o que eu dissesse o que iria fazer... Por isso simplesmente saí e deixei uma carta... — Sua voz falhou e seu rosto se afundou mais e mais no chão.

Fiquei em choque e sem palavras, num lado eu entendia Linda ela tinha uns pais super protetores que não a deixavam a fazer nada que ela gostasse ou que considerassem perigoso e como resultado disso ela nunca tivera saído de Xandhir em toda a sua vida, eu até cheguei até a sentir pena dela.

E por outro lado entendia os seus pais, eles a amavam e faziam de tudo pra proteger sua filha de todos os perigos o que como pais são os seus deveres fundamentais proteger quem nós amamos só que às vezes a melhor maneira de protegermos quem amamos é deixando-o ir.

Eu me questionava se meus pais também seriam assim como os de Linda, super protetores e carinhosos ao mesmo tempo, por mais que eu seja uma adepta da liberdade eu faria de tudo só pra ter pais que me protegem e que me amam de verdade como os de Linda são.

Às vezes quando demos demasiada proteção achando que estamos fazendo o bem só estamos colocando mais em perigo o que aconteceu comigo, por isso digo que não adianta ensinar só o bem e esperar que a pessoa só vê e pratique o bem sendo que o bem e o mal andam juntos como dois lados de uma moeda em perfeito equilíbrio.

— Linda. — Ergui o seu rosto a olhando diretamente em seus olhos. — Eu sei que seus pais são muitos protetores contigo mas, se eles fazem isso é porque te amam e se importam contigo.

— Eu sei...

— Por isso eu quero que prometa pra mim que aconteça o que acontecer você nunca irás deixar de amor os teus pais! — Ela assentiu positivamente com o rosto se enchendo de um pequeno sorriso.

— Eu prometo! — Sorri de volta.

A gente continuou andando a tarde inteira entramos em uma pradaria onde o terreno era dominado por uma paisagem verdejante e vegetação miudinha, ao enxergar onde o caminho nos levaria era possível ver um bosque se erguendo na paisagem como se fosse um lindo retrato de Van Gogh.

— Não é lindo? — Falei quebrando o silêncio. Linda que estivera o tempo todo olhando pra o horizonte teve um pequeno susto pois logo no primeiro instante não soube o que dizer e simplesmente assentiu se sentindo confusa com a resposta.

— É...

O clima estava fresco e a tarde já caia miudinha e o sol pouco a pouco desaparecia do céu dando lugar a uma lua cheia, o seu brilho intenso começava a iluminar ao redor tornando a noite branca como uma bomba era como se a noite tivesse se transformado em dia. Ao longe avistamos um rio onde a correnteza fluía normalmente, a imagem da lua aparecia refletida no rio assim como as nossas faces, os pequenos peixes nadavam contra a correnteza das águas era possível ver a sua silhueta quando saltitavam para cima.

Estendi as minhas mãos tocando na água fresca e cristalina era uma sensação reconfortante de sentir. Mas havia algo estranho na água: uma calma estranha, quase deliberada que me lembrou de um predador à espreita algo se escondendo e esperando o momento certo pra atacar.

— Há algo errado aqui... — Disse Linda olhando de um lado pra o outro com a expressão em pânico. Antes mesmo que ela terminasse de falar uma criatura se ergueu bruscamente da água jogando enormes bolas de água sobre nós.

A criatura era tão assustadora que nos primeiros segundos não me movi, estava perplexa e com as mãos trêmulas olhei incrédula. A criatura era enorme do tamanho de um polvo gigante tinha a aparência de um gato com seus bigodes e olhos negros profundos a frente era dotado com enormes garras felinas e nas laterais barbatanas se erguiam como as de um golfinho.

A criatura rugiu de forma voraz exibindo os seus dentes afiadíssimos como de um tigre tão afiados que eu supus que partissem até ossos de elefantes, e na parte traseira ao invés de patas tinha cauda de peixe.

— Jéssica cuidadoooo! — Foi a última coisa que ouvi de Linda pois a criatura sibilou como uma cobra e atacou me agarrando e enrolando com a sua enorme cauda e entrou no fundo do rio me levando junto.

A criatura mergulhava rapidamente pra o fundo do rio me levando junto, eu me debatia tentando me libertar da enorme cauda que circundava a minha cintura. Ergui a minha mão tentando enunciar o encantamento pra conjurar a minha espada mas, as minhas palavras eram transformados em bolhas de ar que subiam pela superfície.

Quanto mais me debatia mas eu ficava fraca e sem forças pra lutar afundando cada vez mais e mais e então, num suspiro eu senti minhas forças indo embora com a criatura apertando cada vez mais minha cintura.

Os meus movimentos se tornaram lentos e sem forças e então, parei de me debater me entregando a morte inevitável que estava a minha espera ansiosa pra me levar pra junto de si (só acho triste morrer sem ver neve... que desperdício!) foi quando em meio a calmaria uma mão tocou em mim levantei o olhar e vi Linda segurando um cetro dourado que emitia uma pequena luz violeta.

Nossos olhares se encontraram e eu pude sentir um alívio, um pequeno sinal de esperança de que apesar de ser pequeno eu sabia que tudo iria ficar bem. Em um movimento Linda lançou raios violetas em direção a criatura a acertando bem no meio do corpo a fazendo rugir de dor me soltando instantaneamente.

Linda agarrou-me pelo braço me arrastando até a superfície ela usava o poder do cetro pra nadar mais depressa como se fosse uma sereia, enquanto a criatura afundava cada vez mais no fundo do rio.

— Você está bem? — Perguntou Linda ofegante assim que chegamos a superfície.

— Estou. — Respondi em meio a suspiros cuspindo toda a água que entrara em mim.
— O que é aquilo?!

— São *Naghani*, monstros marinhos que habitam em mares e rios. — Respondeu em tom sombrio. — Dizem que atacam nas sombras as suas vítimas de surpresa as levando no fundo do rio pra serem afogadas e logo depois devoram os seus cadáveres.

— Ah... — Era muita informação pra assimilar.

Naquele exato momento Linda afundou rio abaixo, enfiei a minha cabeça em baixo da água e vi ela sendo arrastada por um Naghani. Voltei a erguer a minha cabeça estendi a minha mão no ar e a minha espada tornou a aparecer.

— Kalum! — A espada tornou-se flamejante e com o último suspiro eu nadei rio abaixo indo em direção a Linda com a minha espada de fogo.

Eu sei o que estão a pensar fogo embaixo de água? Bem culpem o *Bob Esponja* por fazer isso todo o santo dia, eu simplesmente estou seguindo o seu exemplo e além do mais diferente do *Bob* o meu fogo é mágico.

Linda era arrastada cada vez mais para o fundo, era possível ver as bolhas de ar que ela deixava, parecia um rastro de cobra indo em ziguezague, com o cetro em mãos ela lutava lançando rajadas de raios violetas em direção ao Naghani que ripostava com suas enormes garras.

Eu nadei até a cena de batalha e com a minha espada desferi um golpe que o fez sangrar sujando toda a água ao redor (igual tinta de polvo, o seu sangue era preto intenso) ele olhou-me com os olhos furiosos e lançou-se sobre mim me acertando em cheio jogando-me ao longe.

Estava ficando sem ar e depressa, quanto mais eu ficava no fundo do rio mas os meus movimentos se tornavam pesados e lentos eu estava ficando cansada e depressa era como estar dentro de um grande tanque contendo areia, quanto mais você se movia mais difícil era.

Ao longe eu vi Linda atacando com o cetro, dessa vez criando uma enorme bolha de água e o lançando sobre o Naghani que afundou batendo no fundo do rio em um baque assustador, a criatura não se mexeu o que eu supus que estava morto.

Tudo aconteceu tão rápido pois enquanto nadávamos outra vez rumo a superfície, em meio a escuridão das águas, quatro pares de olhos enormes de olhos negros surgiram ao nosso redor nos cercando em todos os lados.

A gente tombou até a superfície respirando por simples segundos e voltamos a emergir em uníssono os quatros Naghani atacaram de forma voraz com suas enormes garras, Linda e eu nos dividimos cada um ficando com dois.

A luta continuava freneticamente com os Naghanis investindo mais e mais em minha direção, eu me desviava de seus ataques e lançava sobre eles bolhas de fogo. O Naghani cambaleou pra trás com o rosto em fúria enquanto o outro se lançou sobre mim erguendo as duas enormes patas como um gato e atacou muito rapidamente.

Eu me defendia e tentava não ser atingida por suas garras, estando na água os movimentos se tornavam um pouco estranhos e difíceis de serem feitos era como estar em câmara lenta onde cada movimento que fazes demorava uma eternidade.

Olhando pra trás vi Linda nadando rapidamente atacando usando a força das águas contras eles os lançando bolas intensos de água enquanto se desviava freneticamente de suas investidas.

Com a minha espada em mãos eu travava os seus ataques e repelia realizando cortes profundos que mais uma vez tornaram a sujar a água, só agora notei que o sangue tinha um cheiro estranho era o cheiro de algo que encontramos no fundo do mar... Petróleo.

Uma ideia depressa se formou em minha mente e precisava comunicar a Linda rapidamente pois quanto mais tempo ficávamos na água mas ficávamos cansadas e nossos movimentos se tornavam lentos.

Os Naghanis não queriam nos derrotar, queriam nos afogar e a luta era simplesmente uma forma de ganhar tempo e se não puséssemos fim a isto de certeza que seria o nosso fim, era simplesmente uma luta em vão.

Olhei pra Linda que estava ocupada demais dando e evitando levar uma sova, quando eu vi Linda sendo acertada em um soco cambaleando até a minha direção, antes que ela voltasse pra revanche eu segurei o seu braço ela me olhou com o olhar confuso e olhei pra a minha espada flamejante e pra os Naghanis tentando fazer um gesto que soasse a explosão e de seguida olhei pra o cetro dela em suas mãos e pra a superfície esperando que ela entendesse o que eu queria transmitir.

Era difícil se comunicar dentro da água, sobretudo quando tudo o que se dizia era transformado em pequenas bolhas, eu dei o meu melhor pra explicar a Linda o que eu supus que entendeu pois assentiu afirmativamente.

Era a hora de por a minha ideia em prática, ergui os meus braços no alto e a minha espada tornou a brilhar num fogo intenso e forte, tão intenso que a água ao nosso redor se tornou quente como se estivéssemos num enorme caldeirão e com um movimento eu lancei a enorme bola de fogo sobre o Naghani ferido que sangrava.

O Naghani depressa incendiou, com o petróleo presente na água o fogo se alastrou pelos outros três Naghani os incendiando rapidamente originando pelas explosões que depressa se alastraram em uma última e mais perigosa.

Linda agarrou-me pela cintura ergueu a mão onde estava com o cetro e nadamos rapidamente lutando contra a forte pressão que nós atingia de forma violenta meus olhos choraram enquanto a gente surgiu rio acima em um enorme salto indo de caras com o chão da margem atingindo-a de forma brusca enquanto que abaixo de nós uma grande e violenta explosão aconteceu revirando o rio por completo e matando todos os Naghanis.

Capítulo 9: O Bosque Velho

"Não é que eu tenha medo da morte. Eu apenas não quero estar lá quando isso acontecer." — Woody Allen

Eu sempre me questionei qual era a sensação de ser cozinhado vivo, como o corpo reagia a isso será que a primeira coisa a ser cozinhada era a pele ou os órgãos internos? Mas, quando eu estava lá no fundo do rio segurando uma espada de fogo e vendo minha pele se tornando pálida e enrugada eu obtive as minhas respostas.

Naquele momento eu senti pena das lagostas que eram cozinhadas vivas e jurei nunca mais comer uma na vida, o único problema era que elas são extremamente deliciosas era uma grande questão pra se resolver... Oh dúvida cruel porque me torturas?!

A gente beijou o chão de forma violenta caindo de cara com o chão húmido e sujo coberto de pequenas ervas daninhas que cresciam de maneira desordenada sobre a margem, não tinha como negar mais eu realmente tinha o dom de beijar o chão.

Olhei pra trás e vi a noite se transformando em dia resultado da enorme explosão, olhei pra os lados e vi Linda em silêncio com o rosto neutro e os olhos fixos na explosão que se desenrolava.

— Você está bem? — Perguntei chamando sua atenção, ela virou o olhar pra mim e assentiu.

— Estou e você? — Sua voz estava fraca e cansada.

— Também. — Levantei-me sujando toda a imundície em minha roupa e estendi a mão pra Linda. No momento em que ela se preparava pra levantar Linda desabou.

— Ahhhhhhhhh! — Linda gritou gemendo de dor e levando as mãos a sua perna direita.

— Linda! — Abaixei a segurando rapidamente antes que ela desabasse por completo no chão, só agora eu pude ver Linda tinha sido ferida na perna provavelmente por um Naghani.

— Oh meu Deus! — Olhei em pânico pra o ferimento em que sangue latejava em pequenos bolas de sangue, minhas mãos tremiam não sabia o que fazer. Linda se contorcia de dor com as duas mãos nas perna tentando evitar que o sangue escorresse pelo chão.

Olhei ao redor procurando o kit de emergência que Linda preparou, eu o avistei só que infelizmente estava do outro lado do rio e estava em chamas, um terror se estendeu sobre o meu rosto.

E agora? Pensei. *O que eu faço?* Tentei pensar no que fazer pra parar o sangramento, lembrei do que se faziam naquelas séries policiais que eu via na TV, era simplesmente amarrar o ferimento com algo pra estancar o sangramento... Mas o que?

Sem pensar duas vezes rasguei uma parte da minha casa e iniciei enrolando na ferida de Linda.

— Ahhhhhhhhh! — Gritou ela gemendo, minhas mãos não paravam de tremer não conseguia ver ela tão fraca.

— Jéssica, tu... — Foi interrompido por um grito angustiante. — Precisas encontrar... ajuda!

— Não...

— Tu precisas ir agora antes que seja tarde demais!— Ela cerrou os dentes tentando evitar a dor, mas seu rosto denunciava tudo estava pálido ficando branco que nem a luz da lua.

— Não. Não fale isso porque não vou te abandonar. — Falei decidida. — Talvez possamos encontrar ajuda nesse bosque. — Falei olhando no bosque que se projetava bem a nossa frente.

Agarrei Linda pela cintura a erguendo lentamente no chão enquanto cerrava os dentes pra não gritar, passando a sua mão pelo meu ombro usando um corpo como apoio e de seguida arrastamo-nos lentamente entrando no bosque.

O bosque era um lugar calmo e sossegado, o chão era composto por arbustos que cresciam de maneira desordenada as árvores se erguiam densamente pelo chão cobrindo completamente o céu, os raios lunares caiam como cascatas lutando ferozmente contra as folhas espessas das árvores tentando mostrar a sua luz.

A gente marchava pesadamente a essa hora eu já tinha perdido noção do tempo que caminhávamos pois quanto mais avançávamos mais a caminhada se tornava penosa e o tempo se arrastava de maneira que era impossível calcular.

Os nossos passos de tornavam cada vez mais lentos e por onde andava só se via mais mata olhei pra Linda, estava pálida e sem forças e apesar de eu tentar estancar a hemorragia parecia que fora algo inútil pois cada vez mais sangue jorrava.

Estávamos perdidas e não sabia o que fazer, parecia que o Bosque testava a nossa força de vontade era como batalhar contra um furacão por mais que você lutasse e resistisse uma hora você acabaria por ceder e eu sentia isso correndo em minhas veias e enchendo os meus pensamentos, o sentimento de fracasso e inutilidade tentei afastar esses pensamentos e gritar por ajuda mais não se ouvia nada em resposta minha boca estava seca, meus ossos doíam e minha cabeça latejava.

Linda desabou no chão não conseguindo mais dar nenhum passo.

— Não consigo mais! — Disse Linda fraca, estava cada vez mais pálida seu corpo tremia e seu rosto cansado manchado de suor. Olhei ao redor desviando o olhar de Linda era difícil ver ela assim procurei por um pequeno sinal de esperança mas, nada.

Eu não queria chorar, mas naquele momento eu lutei com todas as minhas forças pra não derramar nenhuma lágrima pois se assim o fizesse eu iria derrubar as poucas forças que restavam em Linda e naquele momento a esperança seria a última coisa a morrer.

Suspirei e sentei ao lado dela colocando a sua cabeça sobre o meu peito nos envolvendo em um abraço trêmulo estando mais perto eu pude sentir os batimentos de seu coração e o quanto tremia de maneira frenética ela me lançou um olhar cansado e abatido.

— Eu vou morrer? — Linda perguntou pra mim. Não respondi, não tinha coragem pra isso e então ela fechou os olhos e a gente ficou assim em silêncio...

Capítulo 10: O Fauno Trovador

"Todo aquele que conseguir a alegria deve partilhá-la." – Lord Byron

Silêncio! tudo estava em silêncio a calmaria dominava pela floresta não se ouvia nada ao redor, fechando os olhos poderia sentir os batimentos de nossos corações que fracamente estavam em sincronia. A noite estava densa o ar espesso e gelado se infiltrava lentamente pelos nossos pulmões, o inverno logo se avistava, a lua brilhava com mais intensidade no céu estando completamente no centro o que eu supus ser meia noite.

Olhei pra Linda e o seu ferimento, ela estava dormindo e a ferida parava de sangrar o sangue tinha sido estancado era só uma questão de tempo até surgir uma infecção por isso tinha de ser rápida.

Lentamente levantei-me coloquei a cabeça de Linda com cuidado no arbusto e quando percebi que não me ouvia sai me esgueirando pela noite. O Bosque era um lugar noite a luz da lua servia como revelador dos belos contornos das árvores que se erguiam artisticamente pelo céu.

Em meio a calmaria ao longe se podia ouvir quase como um sussurro um som que vinha lá no meio do bosque, ergui o meu olhar para o horizonte tentando ver ou ouvir o que era, o som continuava até se transformar em uma melodia uma melodia agridoce alegre de se ouvir.

Instantemente lembrei das músicas que eu costumava ouvir em casa, uma das melhores coisas que eu gostava de fazer era ouvir música poderia passar todo o dia ouvindo criando novas e incríveis memórias ouvindo música me sentia mais viva mais completa, lembrar essas memórias trouxe pra mim um real e agradável sentimento de nostalgia.

Fechei os olhos e sorri agradecida, a melodia agora se aproximava de mim lentamente preenchendo aquele ambiente triste e melancólico em alegre e cheio de cor, era como se o sol tivesse nascido iluminado minhas feições com a esperança de um novo dia.

Parei no meio dos arbustos paralisada com a melodia contagiante e doutro lado eu poderia ouvir, em meios as sombras, uma figura tocando um instrumento que não consegui ver o que era e cantando uma balada de amor.

A figura saiu das sombras e revelou os contornos de um...Era um... Era um... *homem-bode?* Olhei confusa tentando entender o que era. Não. Não, era um fauno, metade homem e metade...

O fauno tocava uma harpa e agora já se podia ouvir o que cantava, era uma música que qualquer um mataria para ouvir, pois era relaxante e alegre ao mesmo tempo:

... Eu vi lá no horizonte

Em um reino não muito distante

Um jovem fauno sonhador

Que deu tudo por amor

É o amor Uhhhhh

Fez tudo por amor Ahhhh

É o amor Uhhhhh

Deu a vida por amor Ahhhh...

O fauno parou de tocar assim que me viu os espiando com o olhar trêmulo e assustado tentou fugir.

— Espere! — Gritei estendendo a mão, sabia que ele seria a nossa única esperança naquele momento. O fauno parou olhou-me de cima a baixo desconfiado e mesmo assim não conseguia esconder o quanto estava assustado. — Por favór!

O fauno olhava pra mim apreensivo ponderando no que ia fazer, baixou o olhar e disse meio amedrontado:

— Quem é você?

— Meu nome é Jéssica

— O que fazes aqui? Jéssica? — Ele olhou ao redor como se estivesse assegurando de que estava tudo certo.

— Estava caminhando quando nos perdemos...

— Se "perderam"? Quer dizer que... existem mais de vocês? — balbuciou o fauno ficando agitado. — O que vocês querem contra nós? Vocês são *Rastejantes*?

— Não. Não. Sim. Quer dizer... Não queremos nada contra vocês. — Falei rapidamente. — E não somos *Rastejantes.* — Acrescentei dando de ombros. — Nem sei o que isso é... somos simplesmente jovens feiticeiras que se perderam nesse bosque.

Ele fez uma pausa ainda um pouco desconfiado a respeito, não pareceu se espantar quando eu disse *"jovens feiticeiras"* ele mantinha a postura calma mesmo apesar de estar um pouco assustado não demonstrava isso de cara.

— Você me dá a sua palavra que não *Rastejantes?* — Perguntou uma última vez semicerrando os olhos em mim.

— Sim. — Subitamente a compostura do fauno mudou de a dez segundos estava com o rosto apavorado quem o visse agora estaria espantado pois a sua face se contorceu em um belo sorriso surgindo alguém que eu não contava que existia.

— Em que posso ajudar? — Falou da maneira mais simpática possível. No momento seguinte eu expliquei sobre a nossa viagem para o Clã do Tronco e sobre Linda, não o revelei sobre as Três Chaves achei melhor não fazê-lo.

— E onde ela está? — Perguntou o fauno logo que terminei de explicar. Eu o levei até Linda que ainda estava dormindo.

Ele se aproximou lentamente sobre ela estendeu a mão tocando em sua testa e começou a cantar. Ele cantava em uma língua diferente... Supus ser a Língua dos faunos porque de repente o ar mudou as folhas começaram a voar em semicírculo formando um redemoinho nos circundando, as raízes começaram a crescer do chão emitindo um brilho dourado como se fosse ouro vivo se aglomerando na perna ferida de Linda em torno do seu ferimento cobrindo-o completamente.

E então a música parou as folhas caíram no chão, e as raízes retornaram ao seu lugar bem no fundo da terra, olhei pra a perna de Linda que estava completamente sarada.

— O que? Como? — Perguntei incrédula pois num segundo a ferida dava sinais de contaminação por bactérias e noutro estava completamente sarado, sem nenhuma cicatriz como se o ferimento nunca tivesse existido.

— Magia da floresta. — Respondeu o fauno com um sorriso radiante no rosto. — A magia circunda em tudo o que é vivo, basta só saber como utilizar.

— Sei... E ela vai ficar bem?

— Sim. Mas está muito cansada e precisa recuperar. — Ele me encarou esperando que eu falasse algo. — Vocês têm onde ficar essa noite?

— Não. — O Fauno levou a mão ao queixo pensativo.

— Vocês podem passar a noite connosco...

— Hmmm — Gemeu Linda com a voz cansada.

— Linda. — Me agachei colocando a mão sobre a testa, estava ficando melhor a palidez na face dava sinais de desaparecimento. — Nós adoraríamos! — Falei olhando de Linda pra o fauno e depois para Linda novamente.

— Como a vamos lev... — O Fauno começou a cantar outra vez e uma grande maca igual aquelas dos hospitais se formou das folhas e dos troncos das árvores.

Com cuidado colocamos Linda sobre a maca e a carregamos.

— Já agora, esqueci de me apresentar... — O Fauno murmurou algo para si mesmo em *faunês,* era o nome que eu dei pra língua dos faunos, horrível? Pelo menos pensei num nome do que chamar de "Língua dos Faunos". — Me nome é Baluk Billbans... Podes me chamar de Sr. Billbans

— Muito prazer Senhor Billbans. — Falei sorrindo.

A gente andou em direção a casa do fauno. Vagueamos por uns minutos quando ao longe avistamos uma grande árvore e dentro da árvore ou por baixo dela estava uma casa que parecia ter saído diretamente de um conto de fadas.

Era uma casa pequena, no chão uma pequena estrada de rochas saia da porta em direção ao bosque, tinha duas janelas paralelas entre si e no topo tinha um pequeno buraco de onde saía o fumo da chaminé.

A porta tinha sido decorada com um ramo de flores de outono e estava escrito algo que de imediato não consegui entender o seu significado: *Onaka Billbans.* Dentro da casa era iluminado por luzes amarelas cintilantes espalhando pelo arredor.

A coisa que mais me impressionou foi o cheiro que vinha de dentro, cheirava a bolo e doces me lembrou do Natal. O Natal era uma das datas mais importantes que tínhamos onde criamos belas e maravilhosas memórias.

Lembro-me quando se aproximava o Natal e minha avó preparava a sua magia especial de avó, enchia a casa de bolos e doces ao longe você poderia sentir o cheiro se espalhando pelas casas vizinhas, cheiro que poderia durar dias.

— O Natal não se resume a apenas bolos e doces Jessy. — Disse minha avó com seu sorriso caloroso no rosto. Naquele dia ela estava me ensinando a fazer bolo, tinha preparado o seu livro de receita especial. — É sobre estar com as pessoas que amamos, criar novas memórias e sorrir sem parar.

Ela sorriu pra mim e eu sorri de volta. O Natal depressa se tornou a minha data preferida pois é nele que eu criei as melhores memórias ao lado de minha avó e saber que esse Natal seria o primeiro sem ela trouxe-me um aperto no coração.

— Chegamos! — Anunciou o fauno suspirando feliz me despertando das minhas memórias. O fauno aproximou-se da porta e quando estava prestes a batê-la a porta se abriu revelando uma fauna de olhos e cabelos castanhos quase da mesma altura que o Sr. Billbans mas, um pouco menor.

A fauna olhou pra nós e lançou um sorriso em direção ao Sr. Billbans correndo e um envolvendo em um braço e logo de seguida um beijo. Desviei o olhar beijos me deixam desconfortável... provavelmente deve ser engraçado dizer isso mas confesso que nunca beijei.

— Yasmin, querida, eu trouxe visitas. — Falou o Sr. Billbans nós apontando. Ao contrário do fauno ela não tomou um susto com a nossa presença é como se já estivesse se acostumado com esse tipo de presença inesperada.

— Visitas! Que bom ter visitas! — Disse sorrindo. — Estão com fome? Devem estar muito cansadas com a viagem. — Disse ela tocando nas minhas bochechas e me analisando de cima a baixo como se fosse enfermeira.

— Jéssica e Linda. Eles precisam de descansar. — Falou o Sr. Billbans antes que eu falasse. Eu assenti

— Own... devem estar muito cansadas. — Disse a Sra. Billbans olhou pra nós com uma certa simpatia e carregando com um pouco de pena. — Então é melhor entrarmos logo pois já está tarde.

Nós nos encaminhamos lá dentro, a casa era pequena e linda decorada com flores e cheirava a flores era uma casa típica de um fauno o chão era revestido de madeira, as luzes no teto eram de umas pedras iluminarias que se pareciam com pérolas tinha poucas mobílias na sala, um sofá e uma poltrona, ao lado da poltrona existia um candeeiro velho e atrás da poltrona estava uma estante cheia de livros dos mais variado gêneros literários.

Na parede existiam vários quadros, em destaque estava um em que aparecia o Sr. Billbans e a sua esposa no dia do seu casamento, ela usando um vestido feito de folhas e flores de diversas plantas e árvores e ele usava um jabik. Noutro quadro estavam segurando os seus dois filhos, o pai segurando o rapaz e a mãe a menina, eram gémeos faunos.

Noutro estava uma pintura de todos eles como uma família feliz que se amava e tinha mais um quadro de dois adolescentes que não consegui reconhecer quem são, era um homem de cabelos cacheados e pele escura e outra com cabelos castanhos e a pele morena. Atrás do sofá tinha a mesa do jantar que ficava entre a cozinha e a sala de estar, apesar de ser uma casinha pequenina nela tinham tudo o que eles precisavam.

A Sra. Billbans preparou um quarto pra nós dormir, coloquei Linda sobre a cama e eu dormi no chão instantemente peguei no sono e adormeci estava cansada demais pra ficar acordada.

No dia seguinte despertei sonolenta, o sol brilhava forte na janela lançando raios solares em direção a minha cara lentamente ergui-me do chão olhei pra cama e Linda não estava lá caminhei lentamente rumo a sala.

A mesa tinha sido posta estava cheio de comida parecia até o Natal, o Senhor Billbans e os dois filhos estavam sentados a mesa ao longe na cozinha eu vi a Sra. Billbans e Linda ajudando na cozinha, que para minha surpresa estava totalmente recuperada a magia dos faunos realmente tinha dado resultado.

— Jéssica! Como estás minha querida? — Perguntou a Sra. Billbans sorrindo assim que me viu parada, todos olhares se dirigiram pra mim.

— Estou bem! — Depressa troquei um olhar com Linda ela assentiu.

— Como foi a noite Jéssica? Deu pra descansar? — Perguntou o Sr. Billbans eu assenti. — Porque não se junta a nós?

— Eu adoraria! — Falei sorrindo por fim.

A Sra. Billbans saiu da cozinha cantarolando e carregando consigo uma tigela de comida, infelizmente pra mim os faunos eram veganos... Que dor! Como eu queria um bife! Sentamo-nos todos a mesa, os gêmeos que estiveram todo esse tempo nas suas brincadeiras olhavam indiferente pra as duas estrangeiras sentadas a mesa.

— Então... — Disse o Sr. Billbans me dirigindo a mim quebrando o silêncio. — Por onde vão? E o que faziam no bosque naquelas horas? — Era inevitável não questionarem isso. Depressa olhei pra Linda a procura de auxílio.

— Estamos indo pro Clã do Tronco visitando uns familiares fomos atacadas a beira do rio por *Naghan* que destruíram nossas coisas e acabamos nos perdendo no bosque. — Linda falou pela primeira vez, sua voz estava recuperando a forma.

Bem... Sei que não deveríamos falar a verdade pra alguém que nós acolheu mas não tínhamos outra alternativa até sabermos que perigo estamos enfrentando é demasiado perigo andar por aí revelando sobre As Três Chaves.

Os faunos não pareciam se importar muito se era verdade ou mentira e simplesmente assentiram com a informação.

— E quando partirão? — Dessa vez foi a fauna quem perguntou.

— Provavelmente hoje a noite. — Respondi terminando de me servir, meu prato estava tão verde que parecia estar numa floresta. Não sei como os veganos aguentam não comer nem mesmo um ovo!

— Hoje a noite? — Perguntou o fauno trocando olhares apreensivos com a esposa.

— Sim... Tem algum problema? — Linda questionou.

— Bem. — Começou o fauno a explicar coçando a barba. — Hoje a noite temos uma celebração na floresta e vocês são nossas convidadas... Claro né se vocês aceitarem. — Dessa vez foi a nossa vez de trocarmos olhares.

— Celebração?

Linda me encarou me dando gestos pra dizer alguma coisa.

— Na floresta?

— Sim. É uma celebração anual dos faunos em alusivo a Oluya. — Falou a Sra. Billbans. — Os humanos que vêem no quadro. — Ela apontou pro quadro do menino e da menina nossos olhares seguiram os seus dedos. — Participaram da celebração do ano passado por isso queremos vos convidar.

Eu parei de comer ingerindo a informação.

— Oluya?

— É a deusa das florestas, criadora dos faunos, dos animais e das plantas. — Respondeu Linda.

A gente fez uma pausa por um tempo pensando na proposta, não fazia mal se atrasar um pouco além do mais iríamos saber mais a cultura dos faunos o que chamou logo a atenção de Linda que olhou pra mim e eu assenti.

— Bem... Então podemos participar. — Um sorriso largo se alastrou pelo rosto do Sr. Billbans e a Sra. Billbans cantarolou.

O dia correu rápido como o vento, o ar dentro do bosque era fresco e limpo e deu pra descansar e recuperar as forças, os faunos passaram todo o dia se preparando o Oluya. O dia se pôs dando lugar a noite prateada.

Saímos fora da casa nos sentando ao pé de um carvalho iluminado pelas pedras brilhantes e decorado até o alto com as mãos diversas flores, os assentos eram almofadas espalhadas ao redor. O casal de faunos sentaram-se lado a lado rodeado de um monte de animais.

Milhares de faunos tinham vindo se juntar a nós para a grande festa, o ambiente estava alegre e festivo faunos de diferentes estatuetas seguravam seus instrumentos e sorriam docemente. Pássaros se agrupavam no carvalho, os esquilos saíram de seus esconderijos

aconchegando-se ao pé de nós vários outros animais de diferentes altura e formas também vieram.

O Sr. Billbans tomou a palavra:

– Sejam bem vindos meus amigos! Estamos hoje em festas em celebração a deusa Oluya. A criadora, protetora! Faltam poucos para à meia-noite, por isso só me resta dizer uma coisa... que a festa comece!

A festa começou, o guitarrista foi o primeiro e com uma melodia alegre e dinâmica fez a introdução e de seguida todos os outros instrumentos o acompanhavam logo de seguida uma voz começou a cantar... Uma voz que vinha do Sr. Billbans.

Assim que a melodia começou levantei e estendi a mão a Linda.

— Hoje você irá dançar.

— O que? Não. Não posso... Eu não sei dançar. — Respondeu Linda seu rosto corado e os ombros caídos.

— Simplesmente se mexa ao ritmo da música. — Falei a puxando do chão pra dança.

Quando ela disse que não sabia dançar achei que estava brincando mas vendo ela tentando dançar foi algo estranho de se ver, ela parecia um urso tentando dançar os seus movimentos eram brutos e desconcertados mas, ela continuava se movimentando ao ritmo da música.

Essa era uma das características que mais admiro nela, não se deixa afetar pelo que as pessoas dizem sobre ela, ela era uma pessoa Determinante. A letra da música me lembrou uma música que eu cantava na escola, aliás a melodia era parecida tão parecida que eu fiquei me perguntando quem copiou quem? O cara que escreveu o livro da escola ou os faunos? Talvez eu nunca irei saber a resposta a letra era mais ou menos assim:

Havia um faunozinho que andava a trovejar

Saiu de sua casa e pos-se a cantar

Dó Ré Mi Sol Sol Sol

Dó Ré Mi Lá Lá Lá

Dó Ré Mi Si Si Si

Dó Ré Mi Sol Sol Sol

Chegando ao Castelo o Rei o chamou

Alegre faunozinho teu canto me encantou

A festa continuava alegre e festiva pela noite toda com os faunos cantando as suas melhores composições ao lado das incríveis melodias que eram criadas, a festa durou a noite toda e durante a noite a gente dançou, cantou e festejou como loucos.

No dia seguinte, o sol brilhava fortemente a gente se encontrava pronto pra prosseguir viagem encontrávamos fora ao pé de uma colina, os faunos estavam connosco tinham preparado duas bolsas, uma de suplementos pra quando estivéssemos feridas outra vez e outra bolsa que tinha comida a mais pesada e por sinal era eu quem carregava.

— Muito obrigada pela hospitalidade Sr. e Sra. Billbans! — Linda falou sorrindo. — Guardaremos esse momento em nossas memórias!

— Imagina! O prazer foi nosso. — Respondeu a fauna.

— Se um dia decidirem voltar estaremos aqui com braços abertos. — Completou o Sr. Billbans.

— Pode crer que voltaremos. E quando isso acontecer terão de me ensinar a cantar. — Falei, todos riram. Tinham ouvido a minha voz na noite anterior e garanto que é horrível... Não vale a pena mentir pra vocês, eu canto mal, horrível, medíocre a boa notícia é que o Sr. Billbans disse que poderia tratar do assunto.

— Com alguns ensaios certeza que podes melhorar. — Falou o Sr. Billbans rindo piscando o olho.

— Assim espero. — Completei.

— Parece que está na hora de ir. — Falou Linda. — Muito obrigada mais uma vez. — Eles assentiram sorrindo.

E a gente partiu subindo a colina e deixando pra trás o casal fauno que acenava alegremente pra nós, andamos até que deixou de ser visível o lindo casal a nossa trás.

— Para onde vamos? — Perguntei eu a Linda.

— Estamos indo para o Desfiladeiro de Arkandur. — Falou de um jeito tenebroso como se não gostasse do que dizia.

E realmente tem razões de não gostar porque segundo a lenda, Arkandur era um sítio terrível onde a morte espreita a cada momento.

Capítulo 11: A Ruína de Arkandur

"Corra o risco. Se der certo, felicidade. Se não, sabedoria"

Vagando para nordeste rumo em direção ao Desfiladeiro de Arkandur nossos passos de apressavam rumo em direção daquilo que as lendas diziam ser a morte, dizem que o desfiladeiro era habitado por criaturas sanguinárias que atacavam quem quer metesse os pés no desfiladeiro.

Outros diziam que era habitado por bandidos que roubavam e chegavam até matar quem ousasse resistir as suas ações. Outros porém diziam que tudo não passava de lendas e superstições que as pessoas inventaram pra justificar os seus medos.

A longe eu podia sentir a mudança repentina o medo se instalava em nossos ossos a medida que nos aproximávamos o ar se tornava sinistro e mortal.

A nossa frente se erguia uma estreita passagem no meio de duas enormes rochas dando o acesso ao Desfiladeiro. Me aproximei da passagem me sentindo um pouco inquieta, sinta algo de estranho no ar.

— Porque que as pessoas temem tanto este lugar? — Perguntei parando olhando ao redor. Todo aquele lugar invocava em mim sentimentos de temor.

— Existe uma lenda sobre esse lugar. — Respondeu Linda se aproximando a beira do precipício.

"Há muito tempo atrás um poderoso rei feiticeiro queria dominar toda Animândia então com seu poderoso exército marchou contra os reinos matando qualquer um que se pusesse em seu caminho.

Em uma das suas conquistas ele se deparou com um reino que vivia próximo a esse desfiladeiro, então montou um ataque os cercando e os encurralando até ao desfiladeiro e com uma ordem ordenou aos seus soldados que jogassem todos para o desfiladeiro.

Um a um, vivo ou morto todos os habitantes daquele reino foram jogados dentro do abismo, seus corpos apodreceram restando simplesmente carcaça de seus esqueletos manchados de horror".

Dizem que até hoje os espíritos dos que morreram naquele dia vagueiam pelo desfiladeiro a procura de vingança matando todos que ousam perturbar o seu repouso eterno.

— Hmm... que horror! — Estava petrificada tremendo um pouco enjoada. Linda me encarou e então uma surpresa aconteceu seu rosto se alargou formando os contornos de um grande sorriso.

— Você acreditou? — Falou ela rindo histericamente. — Não me diga que acreditaste? — Meus ombros cederam e soltei um muxoxo

— Não era real? — Perguntei irritada.

— Eu nunca disse isso. — Disse Linda parando de rir e entrando no desfiladeiro.

— Espera então é? — Perguntei mas, ela já tinha entrado estando longe de vista. Soltei um muxoxo e entrei a seguindo.

O Desfiladeiro de Arkandur era enorme! Tão grande que nem o Grand Canyon com rochas enormes que podiam pesar enormes toneladas O Desfiladeiro eram enormes formações rochosas ligadas entre si que se estendiam em volta de um grande abismo no fundo uma névoa verde sinistra se espalhava em volta do abismo impossibilitando ver o solo.

— Uau! Esse lugar é lindo! — Falou Linda gritando e girando ao redor.

— Uau que legal! Um monte de pedras. Você acha legal um monte de pedras.. — Murmurei.

Linda me olhou feio e soltou um muxoxo.

— Só porque você não vê a beleza das coisas não significa que elas deixam de ser lindas. — Dito isso ela deu de ombros e voltou a contemplar o lugar me deixando sem palavras pra responder.

A gente continuou andando explorando as enormes rochas ao nosso lado e em cima das nossas cabeças, quanto mais andávamos eu podia constatar a enorme imensidão que o desfiladeiro tinha, aquelas rochas podiam pesar toneladas e mesmo assim estavam suspensos no ar de um jeito incrível quase como se fosse por magia. Bem, estávamos num lugar mágico então era bom possível.

— Já parou pra pensar o que tem no fundo do abismo? — Perguntei a Linda.

— Bem... já pensei em várias coisas. Cada uma mais piorar que a outra e nenhuma delas acaba bem pra os que andam sobre o desfiladeiro. — Ela respondeu com o rosto sombrio.

— Sério? E como acaba?

— Num... existem fantasmas assassinos sobre o desfiladeiro que matam todos que andarem por ele. — Revirei os olhos — Noutro são apanhados por bandidos quer os matam e jogam seus corpos no fundo do abismo.

— Nossa! Você é tão cruel! — Linda riu.

— Eu gosto sempre de pensar nas coisas das duas perspectivas, positivas ou negativas cabe tu a decidir quais delas aceitar.

— Entendi. E nesse caso qual é a perspectiva positiva?

— O facto de andares pelo desfiladeiro sem nenhum percalço já o torna uma perspectiva positiva. — Conclui Linda fazendo um gesto com os dedos. Agora foi a minha vez de rir.

Andamos durante todo o dia e o sol já estava se pondo, decidimos montar acampamento no próprio desfiladeiro. Após fazermos uma verificação do perímetro e Linda realizar alguns encantamentos de proteção nos abrigamos em uma caverna.

Com a minha espada eu fiz a fogueira e Linda repartiu a comida que os faunos a tiveram dado. Hoje o céu estava lindo e as estrelas visíveis e a lua cheia estava em seu brilho máximo.

— Eu fico imaginando as estrelas. — Disse Linda olhando pra o céu pensativa. — Elas são tão lindas e perfeitas e fico me imaginando viajando entre elas.

— Tipo ser astronauta?

— Astronauta? O que é um astronauta? — Perguntou saindo do transe me olhando nos olhos.

— É alguém que viaja entre as estrelas explorando o cosmos. — Respondi com gestos.

— Sei... Então quero ser um astronauta! — Respondeu sorrindo feliz. — Podes contar uma história?

— Eu? Não. Não. Não. Quer dizer... Eu não sou boa em contar histórias.

— Minha me disse que... cada um de nós é um contador de história! Só precisas abrir a boca e deixar tua imaginação te levar pra bem longe. — Linda fez uma pausa e logo continuou.

— Por isso não acredito que não tenhas uma história. Simplesmente conte sobre você que será uma história digna de apreensão.

— Ok. — Suspirei. — Eu conto uma história. Era uma vez? Num reino distante... Hmm Onde o bem e o mal — Fiz uma pausa pensando como continuar. — batalhavam ferozmente.

— Aprisionada num castelo estava... — Cocei a cabeça. — uma princesa. Uma princesa que foi salva por um príncipe e... Hmmm... fim!?

— Fim? Só isso?

— É. Acho o suficiente. — Respondi cruzando dando de ombros. — Parece que irei dormir.

— Você irá desistir tão fácil? Sem nenhuma luta?

— Às vezes desistir é a melhor opção pra conseguirmos enxergar o melhor caminho. — Respondi me sentindo filosófica que nem o Aristóteles.

— Tens razão. A grande questão que fica quando desistir Jéssica, nem todo o momento é pra desistir às vezes só não estamos tentando do jeito certo Pense nisso.— Dito isso ela estendeu-se no chão e dormiu deixando uma fagulha de inquietação na minha mente.

No dia seguinte eu despertei cedo, estávamos tão próximas do nosso destino que o entusiasmo tomou conta de mim. Logo pela manhã eu estava de pé, Linda ainda estava dormindo estava prestes acordar ela quando ouvi um barulho estranho vindo de fora da caverna.

Depressa conjurei minha espada que instantaneamente apareceu em minhas mãos, a lâmina brilhava em tons prateados mortal e esgueirei-me pra fora tomando o cuidado pra não fazer nenhum barulho. Estava me aproximando de fora e o barulho aumentou assumindo a forma de pequenos passos.

Estando fora da caverna e não via ninguém estava vazio quase que como se fossem fantasmas vagueando em silêncio. Dei de ombros e ao me virar pra voltar pra caverna dou de caras com uma espada apontada para mim.

— Parada! — Falou o desconhecido. Não tinha como relutar com uma espada apontada diretamente em meu pescoço. — Jogue ela no chão! — Obedeci jogando a minha espada no chão, ele depressa a pegou.

Agora estava com duas espadas apontadas em mim.

— Se mova! — Disse me empurrando para frente da caverna. Eram três homens e todos armados.

— Quem é você? — Perguntou outro homem. Naquela situação tinha duas alternativas difíceis.

A primeira: fingir que sou indefesa e fraca e talvez eles sentiriam pena de mim e me libertariam.

A segunda: mostrar quem eu era e me envolver diretamente em uma intensa batalha contra os três algo que requeria muito esforço e alguma sorte. Parece que a primeira era uma opção melhor.

— Meu nome é Sara. — Respondi com a voz embargada choramingando.

— E o que você faz aqui? Sara. — Perguntou o outro homem cuspindo no chão.

— Eu estava andando com minha família. — Fiz gesto limpando uma lágrima falsa enquanto soluçava. — Quando me perdi no caminho e agora estou tentando encontrar a minha família! Por favór! Só quero ver minha família!

No instante eu tive certeza de duas coisas, a primeira era que eu era uma boa atriz e merecia um Oscar e a segunda era que por mais que você tente nunca tenta mentir pra um mentiroso profissional pois assim que você abri a boca a mentira cai por terra e foi isso que aconteceu pois assim que eu terminei os três homens se entreolharam e começaram a rir.

Olhei confusa pra eles sinceramente não esperava essa reação era como se já tivessem ouvido essa história umas mil vezes.

— Nós sabemos a verdade. — Disse um deles encostando a faca sobre o meu rosto. — e que não estás sozinha. — Aquilo me atingiu, como eles sabiam de Linda? Ah não ser...

— Sim. Nós estivemos vigiando vocês. — Falou o outro.

— Onde ela está!? — Gritou o que estava com a minha espada.

— Eu não sei que estão falando. Eu realmente estou sozinha... — Solucei tentando uma última sorte como atriz.

—A gente não acredita em você. — Falou o primeiro. A atenção de todos mudou para a caverna.

— Ei rapazes! — Disse uma voz grossa. — Eu a achei. — A voz saiu da caverna assumindo a forma de um homem de barbas castanhas e o olhar penetrante. Estava arrastando consigo Linda que estava amarrada numa corda.

Os rapazes festejaram triunfantes com um sorrisinho malicioso no rosto batendo as palmas entre si. O quarto homem jogou Linda ao chão para perto de mim eu corri em socorro.

— Você está bem? — Sussurrei baixinho ela assentiu pondo-se de pé. — O que vocês querem? — Perguntei mudando a postura, estava na hora de tentar a segunda alternativa: deixar de ser aquela menininha doce e indefesa e ser dura mesmo sabendo que provavelmente não iria terminar nada bem.

— Ora... Ora... Parece que a máscara caiu. — Disse o primeiro homem. — Onde está aquela menina indefesa?

— É onde está? — Disse o outro.

— Parece qui era uma farlsa. — Acrescentou o terceiro.

— Tal como eu suspeitava. — Completou o quarto coçando a barba.

— Eu desejo falar com vosso chefe. — Disse Linda timidamente sua voz saiu como um imprevisto no meio de tantas vozes grossas.

Todos olhamos pra ela confusos e surpresos. Eu surpresa sobre como ela sabia que nenhum deles era o chefe e confuso sobre como ela sabia que nenhum deles era o chefe.

Linda automaticamente se encolheu com o rosto vermelho.

— E o que garante que não sou o chefe? — Perguntei o primeiro.

— E eu? — O segundo falou de imediato.

— Ou talvez mim? cowboy

— Ou?

— Nenhum de vocês têm aura de chefe. — Respondeu Linda olhando pra os quatros de cima a baixo.

— ¡*Tienes razón! Porque no lo son*. — Disse uma quarta voz nas sombras tão fria e repentina que eu senti um arrepio percorrendo o meu corpo.

O quinto homem apareceu, de barbas negras, olhos castanhos escuros estava trajado a com seu chapéu igualmente castanho.

— *Mi nombre es Don Henrique. Pido disculpas por la lamentable desgracia. Mis hombres no tienen la delicadeza de tratar a uma dama como tú. Mil perdones!* — Disse o homem estendendo a mão num toque de cortesia. Eu estendi a minha mão e ele a beijou fazendo o processo com Linda. — ¿Y cuáles son los tuyos?

— Linda Lin e Jéssica Alvarez. — Respondeu Linda educadamente.

— Antonio Henrique? Achei que seu nome fosse Hector. — Não consegui evitar soltar um sorrisinho.

— *¿Héctor? ¿Por qué mi nombre sería Héctor?*

— É que nos filmes todos latinos têm o nome de Hector. — Falei rindo ainda mais. O homem pareceu confuso mesmo assim não entendeu a piada nem Linda que olhava feio pra mim.

— *¿Qué son las películas?*

— Filmes são... Hmmm... — Linda me encarou como se dissesse pra eu me calar. — Esquece.

— Don António Henrique. — Linda tomou a palavra. — Com todo o respeito claro é que estamos numa longa viagem e gostaria de saber se podemos continuar com a nossa viagem.

—*¡Oh! Claro que Sí, pero* — Os olhos dele se encheram de ganância e ele sorriu maliciosamente, eu odiei aquele sorriso.— *Tienen que pagar*! — Disse fazndo os gestos com os dedos.

— Mas, nós não temos dinheiro! — Linda clamou.

— *Hmmm no tiene dinero*. — Disse coçando a barba de seguida olhou pra minha espada e seu rosto se iluminou. — *Acepto tu espada como pago.*

— O que? — Interrompi histérica, Don Henrique ergueu a sobrancelha. — Essa é a minha espada eu não vou deixar... — Linda colocou sua mão sobre a minha me acalmando, parece que ela tinha um plano.

— Não têm outra forma? — Continuou Linda na maior calmaria possível. — A Espada é muito importante pra nós.

— ¡No! quiero la espada — Respondeu Don Henrique decidido. Seguiu-se uma troca de olhares tensos entre nós e os cinco homens a nossa volta, Don Henrique levou a mão a cintura onde estava a sua espada pronto pra sacar os outros fizeram o mesmo.

Dava pra se sentir o clima tenso que pairava no ar, quase como uma bomba instável que a qualquer momento iria explodir.

— Bem então nesse caso... — Começou Linda e antes que qualquer um deles sacasse sua arma, ela magicamente soltou-se das cordas que a amarravam ergueu a mão conjurou o cetro e lançado um bola de luz violeta contra o homem que segurava minha espada o derrubando no chão.

A espada voou ao alto e com um salto a agarrei no ar antes que tocasse o chão e apontei diretamente no pescoço de Don Henrique e Linda derrubou os outros três os deixando imóveis no chão.

Eu sorri triunfante, de certeza que ele não esperava isso.

— O jogo virou. — Falei erguendo a sobrancelha. — Você perdeu. — Linda girava em círculos apontando o tridente pra quem ousasse levantar.

Don Henrique não pareceu impressionado, a sua postura estava a mesma

Don Henrique não pareceu impressionado, a sua postura estava a mesma ereta e indiferente e então ele começou a rir, num isso desconfortável aquele que é capaz de deixar o corpo todo arrepiado só de ouvir.

A sua cara se contorceu num sorriso malicioso e disse:

— Eu não teria tanta certeza. — Ele estalou os dedos e depressa se virmos cercados por centenas de arqueiros que apareceram do nada todos mirando em nossa direção.

Agora foi a vez do meu sorriso cair ok... Confesso que eu não esperava por isso pensei que eram só cinco, não aquele exército todo porque que a vida insiste em me enganar!?

— Eles são centenas! — Falei olhando de um lado pra o outro com as mãos trêmulas e confusa com o que fazer.

— Deja la espada y tal vez te perdone la vida. — Disse Don Henrique estendendi a mão.

— E agora o que fazemos? — Perguntou Linda, a essa altura estávamos de costas uma com a outra encarando os nossos adversários.

— O que a gente sabe fazer melhor. — Fechei os olhos e suspirei. — Correr!

Linda ergueu o cetro e com um movimento o bateu ao chão criando uma força invisível que jogou os cincos bandidos para longe muito rapidamente a gente começou a correr e os arqueiros começaram a disparar contra nós.

Usando a magia do cetro Linda mandava as flechas pra longe e eu com a minha espada flamejante queimava as flechas em pleno ar. Olhei pra trás e vi Don Henrique se erguendo do chão com o rosto em fúria (agora eu quem tinha o sorriso no rosto) e gritou:

— Atrapanos! — Os seus homens começaram a correr em nossa direção com as espadas em mãos e lançando sobre nós várias flechas. Uma flecha saiu voando e me atingiu no braço.

— Ahhhh! — Gritei levando a outra mão ao braço machucado.

— Jéssica! — Gritou Linda olhando pra mim com o semblante preocupado. Cerrei os dentes e com um movimento brusco arranquei a flecha, fechei os olhos tentando evitar que as lágrimas caíssem sobre o rosto mas, não consegui evitar que o sangue escorresse.

Linda moveu uma pedra a jogando sobre um grupo de arqueiros os derrubando totalmente e com outra jogou pra trás bloqueando que os atingiu com um estrondo a gente se escondeu por trás de um pedregulho.

As flechas passavam por cima de nós como raios de tão rápidas que eram.

— ¡Detener! — Ouvi Don Henrique falar e as flechas logo cessaram.

— Você está bem? — Linda perguntou ofegando checando o meu ferimento. — Não é nada que um pouco de magia dos faunos não resolva. Dito isso ela tirou um cantil do bolso (dentro estava um líquido azul) e o borrifou sobre a minha ferida que instantaneamente curou.

— Linda. Eu tenho um plano. — Sussurrei.

— Qual? — Em trinta segundos eu lhe expliquei todo o plano em minha cabeça. — Não. Isso não... Você é louca! Tens a certeza?

— Não existe outra forma. — Eu pus-me de pé e sair da rocha pronta pra enfrentar os bandidos.

— Ora. Ora. Ora Parece que tenemos una heroína. — Falou Don Henrique com um sorriso presunçoso no rosto e apontando em mim a sua espada. — ¿Ultimas palabras?

— Primeira coisa, eu não sou uma heroína. — Respondi— E segunda coisa, boa viagem. — Lancei uma enorme bola de fogo.

— Parece que cometiste un error.

— Mas, eu não estava apontando pra você. — Falei erguendo as sobrancelhas. O sorriso de Don Henrique murchou seu olhar desviou pra trás para uma enorme pedra (que tivera sido atingido pela bola de fogo) que se desprendeu e caiu ao chão de forma violenta.

O chão começou a tremer freneticamente e então começou a rachar muito rapidamente sobre os nossos pés e então um grande buraco começou se abrindo engolindo tudo o que encontrou ao redor incluindo os soldados de Don Henrique que gritavam e corriam desesperados enquanto eram engolidos pelo chão.

Eu corri rapidamente me afastando do buraco a minha trás, a minha trás estava Don Henrique que tentava me apanhar e fugir do buraco. Ele estendeu a mão em meu ombro e com um golpe da espada eu ataquei arranquei a sua mão.

— Ahhhh! — Gritou segurando a sua mão ferida, sangue latejava dela e eu pude ver um ódio em seu olhar, um ódio tão mortal que fez um arrepio percorrer o meu corpo e naquele momento tudo parou, o tempo congelou.

E então disse as palavras que estariam na minha mente pra todo sempre:

— Te maldije ¡Jéssica Álvarez cuando llegue el momento dejarás de proteger lo más importante!

Mas, a sua voz era um sussurro em minha mente um sussurro que se manteria me atormentando todos os dias.

Corri evitando os pedregulhos que caiam por cima de mim quase me acertando, aí longe eu pude ver Linda do outro lado e então com a respiração frenética eu saltei e o chão embaixo foi engolindo pelo buraco.

Por um segundo achei que não conseguia e não consegui mesmo pois cai dentro do abismo, quase entrando completamente senti a mão de Linda segurando a minha e me puxando pra cima.

— Obrigado. — Falei me jogando ao chão tentando acalmar a minha respiração. Mas, o olhar de Linda não estava sobre mim, estava sobre o Desfiladeiro.

— Está... Está destruído! — Falou em choque.

— Só são pedras Lindas.

— Pedras? É um patrimônio histórico de Animândia e você o destruiu. — Protestou ela.

— De novo digo que são pedras. De certeza assim está melhor do que antes. — Agora o abismo tinha se expandindo por completo criando um grande vale, e a névoa verde já iniciava por se apoderar daquela parte também. — Até tá bonitinho.

— De certeza que os animanos não ficarão nada felizes com isso.

— Bem... Pelo menos sabem onde mim encontrar. — Tentei forçar um sorriso pra animar a situação e nada ela me olhou feio e soltou um muxoxo. — Ei! Desculpa foi sem intenção.

Por um segundo ela me encarou e noutro disse as segundas palavras que estariam em minha mente:

— Tens de ter mais cuidado com as tuas ações Jéssica. Chegará um tempo que se você não tiver cuidado com a forma que tu ages podes destruir a vida daqueles que te amam!

— Entendo. — Falei sorrindo.

— Isso é pra levar a sério — Disse ela tentando não rir.

— E estou levando a sério — Rebati abrindo um sorriso.

— Você é impossível. — Disse dando um tapa na cara e abanando a cabeça escondendo o sorriso.

— Eu também te amo! — Ela não conseguiu evitar e riu. — A boa notícia é que estamos quase chegando. — Linda seguiu o meu olhar até As Três Montanhas.

Realmente estávamos chegando, pois atrás das Três Montanhas estava o Clã do Tronco e eu estava ansiosa pra chegar lá mas, primeiro tinha de enfrentar um novo inimigo: o frio.

Capítulo 12: A Dama do Gelo

"Construí amigos, enfrentei derrotas, venci obstáculos, bati na porta da vida e disse-lhe: Não tenho medo de vivê-la. – Augusto Cury"

Perambulando pelas montanhas sobre uma violenta tempestade de neve nossos passos nossas pegadas se tornavam vestígios da nossa infeliz presença aos poucos nossos passos se tornavam lentos nós arrastando pela neve de forma cansada e esgotada.

Por onde quer andássemos a neve intensa dificultava qualquer visualização ao redor, sentia que estávamos andando em círculos pois por onde quer que eu passasse sentia que já estive lá como uma sombra de movendo entre a escuridão.

O frio intenso penetrava na pele de forma violenta quase congelando nossos ossos por completo. Pequenos flocos de neve cobriam nossas bocas e sobrancelhas fazendo com que cada vez que se abrisse a boca e os olhos se tornavam numa experiência tortuosa.

A essas horas já tinha perdido a noção do tempo em que estávamos lá, pareciam dias ou mesmo semana a altura chegava como um desorientados pra os meus sentidos por um segundo pensei que estava perdida pois para onde eu olhava só via a neve branca tão linda e tão mortal numa mistura perfeita entre o belo e mortal.

Tentei usar a espada pra tentar ter fogo mas, a neve a congelou completamente e mesmo quando acendia as chamas eram apagadas pelo vento intenso da montanha.

— Onde... Onde estamos? — Perguntei a Linda. A essa altura as palavras saiam em um ar congelante que se infiltrava em todo o instante.

— N.Não ssssseeiii. — Arfou Linda em resposta.

Mesmo estando ao lado dela era quase impossível ver os contornos do seu rosto quanto menos ouvir a sua voz que era abafada pelo barulho que a tempestade fazia.

— Alguma ideia? — Perguntei. E silêncio, nada em resposta Linda tinha desaparecido eu estava sozinha...— Linda! Linda! — Gritei desesperada olhando ao redor mas, nenhum sinal dela tinha desaparecido.

Por um momento não senti nada, noutro o vazio tomou conta de mim, minhas pernas ficaram bambas e desabei no chão, estando fraca e sem forças senti a solidão me abraçando querendo me derrubar então lembrei de um poema que minha mãe costumava ler:

"Às vezes... no silêncio da noite
Eu me sinto só... como a Morte
Olho ao redor e encaro a solidão
Que provoca em minha alma maldição
Eu daria tudo só pra esquecer essa dor que queima em meu coração
As flores murcham em aflição"

Sem perceber o que estava acontecendo vejo lágrimas caindo sobre o meu rosto e uma agonia tomou conta de mim. Pela primeira vez eu vivenciei o que era estar sozinha, sem ninguém no mundo, sem ninguém que você ama ou se importa com você ao seu lado, somente com a solidão consigo.

“Olho pro alto com o rosto fraco
O vento suave leva a minha mente pra longe
Num lugar por onde
Tento lutar com o meu ser abatido
Sinto uma agonia em meu peito
Enquanto minha mente mergulha na triste melodia
Que toca friamente em minha alma
Uma dor que me consome todo dia
E me destrói sem calma
Quem me deixar de se sentir sozinho”

Me imaginei noutro sítio, um sítio em que a solidão me deixasse, um lugar onde poderia chorar todas as minhas lágrimas onde poderia suspirar ouvindo uma música que me fará refletir no quanto é difícil estar sozinho sem ninguém pra me consolar.

“Sentado sobre a luz do luar
Sentindo a solidão me abraçar
Choro enquanto minhas lágrimas insistem em se afastar
Levadas pelo vento sem tardar
Estendo os meus braços tentando me livrar
Desse sentimento que insiste em me castigar
Ouço uma música que me faz pensar
No quanto é difícil estar sozinho sem ninguém pra me consolar

Naquele senti falta do abraço de minha avó me envolvendo me aconchegando em seu meio e dizendo que tudo iria ficar bem. Aquela memória se transformou em visão e eu vi parada a minha frente minha avó estendendo a mão em auxílio com o seu sorriso caloroso no rosto.

“Eu só queria que isso parasse
Eu só queria ser forte pra vencer
Nem se eu tivesse
Viajado pelo fim do mundo só pra poder
Dizer finalmente que venci o amargor
E hoje sou um vencedor.”

Aquela visão de minha avó se transformou em Linda, minha respiração parou nossos olhares se encontraram e eu senti uma paz dentro de mim uma paz de que nunca estaria sozinha outra vez.

— Aconteça o que acontecer. — Sussurrou Linda gentilmente. — Eu sempre estarei contigo em todos os momentos. — Ela agarrou a minha mão a levando até seu ombro e me ajudando a andar entre a tempestade.

— Serei seus olhos entre a tempestade. — Continuou Linda a medida que passávamos sobre a intensa tempestade. — Sua paz em meio a aflição. E seu escudo em meio a guerra.

— Pois estarei sempre contigo Jéssica Alvarez pra todo o sempre! Querendo ou não. — Um sorriso fraco se abriu sobre o meu rosto.

Após um longo tempo, posso dizer finalmente que venci o amargor olhei pra os céus rezando que minha avó me visse e sussurrei:

— Obrigado!

Capítulo 13: O Templo de Tah Anuk

"Eu não procuro saber as respostas, procuro compreender as perguntas"– Confúcio

— Como iremos entrar? — Perguntei a Linda

— Não podemos, precisamos de um visto.

— Visto? — Bufei. — Aqui também existe Visto? — Linda fez uma careta me encarando severamente.

— O que você acha? Achas que vivemos em Anarquia? Em que cada um faz o que quer? Que nem animais? — Assenti em resposta dando de ombros.

— Sinceramente Jéssica. — Continuou Linda parecendo ofendida. — Existem leis no mundo feiticeiro, as leis servem pra guiar a sociedade se não ela entraria em colapso.

Eu ri, não consegui evitar ver ela falando assim era motivo certo de riso.

— Você está rindo? Você acha isso engraçado? Rir das leis de um povo? É engraçado pra você?

— Não. É engraçado ver você falando assim toda séria. — Falei em gargalhadas, Linda revirou os olhos e deu um tapa na cara aborrecida demais pra continuar a falar.

Estávamos sobre os grandes portões de entrada para o Clã do Tronco nos escondendo em meio as enormes rochas a frente dos portões que eram enormes portões de granito que circuncidavam todo o Clã criando uma barreira enorme contra invasores.

Após andarmos por dias em meio a neve espessa, tempestade intensa que fariam teu cérebro congelar que nem um sorvete, finalmente chegamos ao nosso primeiro destino o Clã do Tronco. Hoje a manhã havia chegado com o céu coberto de nuvens negras e o vento gelado das montanhas inundava o ar ecoando em nossos ouvidos em uma frequência hipnotizante.

Posso confessar que estava ansiosa demais pra desvendar os segredos que tanto ansiava obter as respostas. Com sorte encontraríamos a primeira resposta ao encontrar a primeira chave o problema era que nós não sabíamos qual era a primeira chave e no diário de minha avó também não tinha a resposta. Era um jogo de gato e rato com a sorte guiando o nosso destino.

— Podemos trepar os muros. — Sugeri.

— Isso é impossível. — Respondeu Linda com os olhos fixos no como do muro. Que era constituídos por várias torres de vigia separada uma da outra por poucos metros. — O muro é composto por milhares de guardas e arqueiros o que torna impossível a sua invasão nem com um exército você conseguiria.

— Mas, nós não precisamos de um exército. Só precisamos de um bom espetáculo.— Guiei o olhar de Linda para uma comitiva que se dirigia em direção aos portões.

Ao longe já se percebia quem são, artistas de circo a comitiva se estendia por centenas de metros entre homens e animais cada um usava diferentes trajes coloridos. Um pouco

afastado do grupo estavam dois sujeitos caminhando lado a lado era a nossa oportunidade de entrar.

Felizmente Linda captou a ideia, nós esgueiramos em silêncio em meio as rochas se aproximando da comitiva e quando os dois se aproximaram Linda lançou sobre eles um feitiço os imobilizando automaticamente.

Arrastamo-los até às pedras, Linda conjurou algemas mágicas e os amarramos firmemente um contra o outro e cobrimos suas bocas. Feito isso trocamos as roupas deles e se encaminhamos na caravana como se nada tivesse acontecido.

O nervosismo percorria a minha pele enquanto nós caminhávamos lentamente com uma questão insistindo em importunar minha mente. E se nos descobrissem? O medo desapareceu de mim dando lugar a apreensão quando os portões se abriram a nossa frente revelando a silhueta de uma linda cidade.

O Clã do Tronco era uma cidade enorme tal como Xandhir ou Clã da Folha com enormes construções brancas como a neve que se infiltrava nos telhados. No centro da cidade estava uma enorme praça com uma estátua enorme de uma mulher que segurava o tronco de uma árvore.

— Uau! Que Linda! — Falei. A cidade em si tinha um ar invernal com a neve fina se espalhando entre as ruas.

— É uma cidade muito antiga. Fundada pelos primeiros feiticeiros que dominavam a Magia Mantenedora. — É realmente muito linda mesmo com o branco servindo como contraste entre o antigo e o moderno.

— Magia Mantenedora? O que é?

Linda suspirou e começou a contar:

— No passado existiam três clãs cada um representando as três singularidades presentes no universo: A Criação, a Destruição e o Mantenedora. Há muito muito tempo antes do tempo existir, nada existia simplesmente o vazio e então subitamente uma explosão e dessa explosão surgiu dois seres a Criação e a Destruição.

As duas singularidades entraram em guerra pois eram o oposto uma da outra numa guerra que se estendeu por milhares de eras. E então surgiu uma nova singularidade, a Mantenedora responsável por manter a paz entre a Criação e a Destruição e a paz foi restaurada em todo o universo.

Cada clã domina um diferente tipo de magia:

O Clã do Caule a Magia da Criação
O Clã da Raíz a Magia da Destruição
O Clã do Tronco a Magia Mantenedora.

Mas, tal como as singularidades os Clãs do Caule e da Raíz entraram em guerra ambos cobiçando a liderança dos feiticeiros numa guerra que trouxe tanta dor e destruição. Então os líderes dos três Clãs se reuniram e resolveram por fim a guerra com a condição de se criar um conselho constituído por cada membro de cada Clã a fim de liderar os feiticeiros.

E o Clã da Folha foi criado com tal propósito, constituído por membros de todos os clãs e dominando todos os três tipos de magia o Clã da Folha prosperou e se tornou no mais poderoso de todos e a paz mais uma vez foi mantida no mundo feiticeiro.

— Entendi. Então é possível dominar os três tipos de magia?

— Você nem consegue enunciar um simples feitiço e já queres dominar as Magias? — Respondeu Linda secamente.

— Bem... Tudo tem seu tempo. Existem tempo pra tudo. — Respondi dando de ombros. — Então é possível ou não?

— Sim. É possível dominar as Três Magias. — Ergui os braços em tom festivo, nada iria me impedir de dominar os três estilos!

A nossa frente o grande templo de Tah Anuk se erguia em seu glorioso esplendor, diferente de todas as construções ao redor e muito mais antigo, o templo era sustentado com enormes pilares de pedras que o circundavam. A parte de cima estava estampado sobre o calcário o símbolo de um pardal.

A nossa frente se projetava um enorme portão tão grande que era impossível calcular a sua altura e que estava cravejado com símbolos que não consegui reconhecer, a frente do portão uma grande escadaria descia até o chão, estando lá eu me sentia baixinha... Que ódio!

— Quem foi Tah Anuk? — Perguntei. Estava fascinada com esse tal de Tah Anuk pra ter um templo tão belo e de enorme tamanho.

— Tah Anuk foi um sábio que passou 50 anos meditando em uma ilha deserta. — Respondeu Linda.

— 50 anos? Pra que isso tudo? Ele não tinha nada mais pra fazer?

Linda revirou os olhos e soltou um muxoxo.

— É isso que os sábios fazem... Eles meditam e nessa meditação alcançam conhecimentos “preciosos” — Disse ela fazendo o sinal com os dedos. — No caso de Tah Anuk depois da sua meditação ele escreveu milhares de feitiços poderosos!

— Hmm... Entende? Mesmo assim é muito tempo! E porquê o templo? Ele não era um deus? Era?

— Não. Ele não era um deus. Tal como disse ele escreveu milhares de feitiços que impactaram a vida dos feiticeiros e então em sua memória foi criada esse templo com vista a guardar todo o conhecimento que deixou.

— Parece ser muito... Pelo tamanho do templo! — Linda assentiu.

Depressa a gente se desviou da caravana se livrando de suas vestes e dirigimo-nos ao grande templo mas, primeiro tínhamos de enfrentar as enormes escadarias.

— As Escadas do Conhecimento! — Linda falou dramaticamente. — São mais de mil passos para o topo. Dizem que quem conseguir chegar ao topo será digno de receber todo o conhecimento presente no templo!

— Beleza. Então vamos! — Falei subindo.

— Espera! — Falou Linda segurando o meu braço. — Devo avisar que o caminho ao topo não será fácil. — Assenti e iniciamos a subida.

Devo dizer... Sinceramente, a jornada até o topo não foi nada fácil em algum momento eu parecia o *Po* de *O Panda do Kung Fu* deitado nas escadarias estando pesado, cansado e transpirando em todo o lado sem forças pra continuar e com um monte de escada pra subir. Deveria ter levado mais a sério o aviso de Linda que estava no mesmo estado.

Meu coração batia freneticamente, minhas pernas estavam bambas e a minha boca completamente seca e meu corpo tremia. O sol estava em sua posição central indicando o meio dia e o ar estava tão quente que nossas respirações se tornaram um bafo quente.

— Desculpa! — Sussurrei pra Linda que estava atrás de mim. — Da próxima vez levo a sério o teu aviso! Eu prometo!

Linda assentiu e ergueu-se do chão.

— Agora não é a hora de desistir! Estamos... Estamos... Estamos tão perto! — Ela segurou-me pelo braço.

Eu soltei um grunhido.

— Tão perto de morrer! Isso sim! — Resmunguei.

— Não seja dramática.

Em geral a subida até o topo foi desse jeito, repleta de suor e lágrimas. Quando chegamos ao topo (o que parecia uma eternidade, era impossível saber quantas horas haviam se passado) desabei no chão tentando respirar, juro que depois dessa começarei a fazer exercícios físicos!

O templo era mais maravilhoso de perto, e por incrível que pareça estava apinhado de pessoas ao longo do pátio central.

— Como? Como? Conseguiram? — Perguntei com as mãos na cintura tentando controlar minha respiração.

— Eles são feiticeiros... Devem ter simplesmente voado. — Respondeu Linda.

— Feiticeiros voam? — Linda assentiu. — E você voa?

— Não. Ainda não. Ainda não estou pronta pra poder voar.

— E quando estarás pronta?

— Tudo tem seu tempo. Quando chegar eu poderei conseguir voar. — Respondeu. — Agora vamos! — Linda agarrou-me pelo braço e me puxou para dentro do templo.

O templo era igualmente enorme por dentro com milhares de pergaminhos espalhados por enormes prateleiras que estendia se estendia até o alto parecendo que não tinha fim. Estava vazio com poucos visitantes que não prestavam atenção a nossa presença.

— Como iremos encontrar a primeira chave? No meio de tudo isso? — Perguntei olhando ao redor.

— Bem... Suponhamos que a primeira chave seja um pergaminho? Então só temos de procurar o pergaminho certo.

— Como? Existem milhares de pergaminhos? Como iremos o encontrar? E mesmo se soubéssemos encontrar como saberemos ser uma das Três Chaves? — A última questão saiu como eu não esperava pois se estendeu em um grito se espalhando a todo o lado como um oco.

Logo se tornou um silêncio arrepiante, uma névoa preencheu o ambiente tornando impossível de ver o local num segundo o templo estava apinhado de algumas pessoas e noutro estava vazio estando simplesmente eu e Linda só que não estávamos mais no templo, o ambiente ao redor mudou e foi substituído por estrelas estávamos no espaço entre as estrelas.

— Alô? — Gritei. Minha voz saiu como um sussurro tão silencioso.

Do alto um tapete surgiu voando até nós, aterrando centímetros do chão. Montado no tapete estava um velho de cabelos e barba branca de olhos fechados com as mãos juntas como se estivesse rezando. Parecia uma cópia barata do Gandalf, parecia não, era sim uma cópia barata do Gandalf.

— Quem é ele? — Sussurrei baixinho pra Linda. Ela não respondeu estava igualmente chocada com a cena.

— Meu nome é Tah Anuk! — Disse uma voz forte e intensa a sua voz era como se milhares de vozes estivessem falando ao mesmo tempo. Mas, não vinda do velho a nossa frente pois sua boca permanecia fechada, a voz vinha de todas as direções era como se o templo tivesse falando.

— Tah Anuk? Como... como isso é possível? — Perguntou Linda petrificada.

— Eu sou um sábio! Guardião de todo o conhecimento! A minha consciência habita pra além do infinito eu estou aqui e em todo lado igualmente em lado nenhum.

— O que? Como assim? — Perguntei coçando a cabeça.

— Eu sou o verbo! Eu estive no princípio de tudo! Em meus olhos eu vi o universo sendo acredito, vi a primeira planta ser nascida e vi a morte nascer e em meus olhos eu verei ele sendo destruído!

— Como isso é possível? — Perguntou Linda. — Tu não és um deus és?

— Não. Eu não sou um deus... Eu sou o guardião de todo o conhecimento existente entre a imensidão do cosmos! Os meus olhos guardam tudo o que existiu, existe e existirá.

— Já ouvi falar deles... São chamados de Goliuns os feiticeiros guardiões do conhecimento. Eles documentam tudo o que existiu, existe e existirá! — Sussurrou Linda pra mim.

— Então ele pode saber sobre a...? — Linda abanou a cabeça em negação. Alguma coisa me dizia que não era uma boa ideia mas, não tinha mais alternativa.

Por fim ela cedeu e eu tomei a palavra.

— Oh grande Tah Anuk! — Ajoelhei fazendo a melhor imitação de cordialidade que existia — Guardião de todo o conhecimento que existiu, existe e existirá! Pedimos o teu conhecimento em nosso auxílio. Estamos a procura das Três Chaves sagradas...

O sábio se mexeu inquieto as últimas palavras do que eu disse, sempre com os olhos fechados e as mãos juntas perguntou:

— Porque procuram as Três Chaves?

Eu queria mentir mas, algo dentro de mim dizia pra não fazer isso afinal ele era o guardião do conhecimento e provavelmente sabia das minhas intenções.

— Eu acho... Eu acho que irão me levar as respostas que tanto procuro. — Respondi. Baixei o olhar com a mente em um turbilhão de pensamentos. —E podem me ajudar a encontrar uma amiga. — Acrescentei baixinho.

— Respostas... Hmmm não é isso que todo mundo quer? Respostas pra tudo. Respostas de como o mundo foi criado. Respostas pra todo o sofrimento que existe. Agora me diz, o que seria do mundo se pudéssemos responder todas as nossas questões? Se pudéssemos desvendar cada enigma ou compreender os mistérios da natureza?— Ele fez uma pausa.

Linda e eu se entreolhamos não sabendo o que responder. Por fim continuou:

— E se tudo fosse resumido em simples hipérboles e falácias? Desvendaríamos os segredos de todo o universo mas sabe o que aconteceria? Caos! É isso que aconteceria se tivéssemos todas as respostas por isso digo que conhecimento é poder! O bem mais precioso que existe em todo o cosmo agora porque você acha que deves ter as tuas respostas? Talvez as respostas as tuas perguntas tragam o caos? Você realmente está pronta pra isso?

Silêncio. Abri a boca pra responder e tornei a fecha, tentei dizer alguma coisa, podia sentir as palavras escalando minha garganta quando estava pronto para dizer e eu a li e cortava a corda.

Nunca tinha pensado nisso será que eu realmente estava pronta pra saber a verdade? Digo o realmente aconteceu com meus pais? O que fez eles desaparecerem do nada deixando minha avó e eu sozinhas? E porque nunca apareceram? Pensar nisso fazia meu cérebro entrar em conflito com diversos pensamentos.

Poderia sentir lá no fundo uma inquietação se agitando dentro de mim talvez a verdade não era assim tão doce como eu imaginava, num momento pensei em minha avó e na sua busca interminável pelos meus pais e da ligação que fez com as Três Chaves. Não era fácil uma mãe viver sem sua filha, sabia que ela era forte pois não demonstrou o quanto sofria por dentro, nunca demonstrou o grande vazio que a consumia todos os dias.

Uma inquietação maior surgiu no meio e acima de todas as outras será que ir atrás dele era realmente a melhor escolha que deveria fazer?

Ahhhh... Maldição! Eu não sabia como e o que responder estava em branco não sabia o que fazer.

— Sim. Temos a certeza! — Ouvi Linda a dizer me tirando dos meus pensamentos.

Ela falou com tanta convicção e certeza que fiquei sem palavras.

— Que assim seja! — Falou o sábio e de seguida tudo voltou a mudar. E uma voz enunciou alto e bom som:

Para a chave poder encontrar
Três desafios têm de passar
Cuidado para não fraquejar
Pois a morte virá sem tardar.

— A morte? Espera como assim a morte? — Antes que eu pudesse ter uma resposta tudo voltou a ficar escuro...

Capítulo 14: Os Três Desafios

"Só nos conhecemos quando encontramos nossos próprios limites" — Paulo Coelho

Os Três Desafios, quando eu pensei em como seria eu fiquei imaginando que seria uma espécie de *Mortal Kombat* em que nós envolveríamos em uma tremenda épica luta para salvar o planeta Terra das garras do mal num torneio mortífero. Seria demais!!!

Pena que Tah Anuk nunca assistiu *Mortal Kombat* porque os Três Desafios não foi nada como eu imaginei, foram bem piores...

Uma névoa cintilante apareceu a nossa frente e no meio dela surgiu o sábio com o rosto tão intenso e indiferente que nem parecia que tinha nos ameaçado de morte segundos atrás.

— BEM-VINDAS AOS TRÊS DESAFIOS. — Anunciou com a voz ecoando por todo o templo, poderia sentir um arrepio percorrer a minha pele. — As regras são simples se vocês vencerem sairão daqui com vida e responderei todas as vossas questões incluindo sobre a chave.

Linda e eu se entreolhamos parecia uma boa oferta afinal eram somente três desafios e nada mais e sairíamos daqui com a primeira chave. Assentimos mutuamente em concordância.

— Sim. — Respondeu Linda. — Nós aceitamos o desafio!

Logo em seguida a sala mudou completamente, estávamos sobre uma sala completamente escura a excepção da pequena luz que brilhava no meio da sala descendo em cascatas iluminado um... Um... Jogo de tabuleiro!

— Jogo das Três Pedrinhas. — Exclamou Linda fascinada.

— O que? Isso é um jogo? — Olhei confusa para o tabuleiro.

— Nunca jogou?

— É suposto ser um jogo?

— Sim, é super divertido! — Linda sorriu, eu não conseguia ver a graça naquilo, num monte de linhas unidas.

O tabuleiro em si não fazia sentido, tinha a forma de um tabuleiro xadrez só que ao invés de suas tradicionais formas foram substituídas por linhas que uniam os cantos em diagonal e outras unindo os lados diametralmente opostos.

A voz do sábio surgiu novamente tão fria e implacável como das outras vezes enunciado solenemente:

— QUAL DE VOCÊS PARTICIPARÁ DO PRIMEIRO DESAFIO? — A voz dele ecoou alto como um trovão, minha pele ficou toda arrepiada.

— Espera... Isso é suposto ser um desafio? — De novo eu ri sozinha naquela situação constrangedora de sempre em que só eu achando piada naquilo.

— Eu.. — Falou Linda. — Jogo desde criança então não será assim tão difícil.

Ela me olhou e eu assenti.

— Boa sorte. — Sussurrei e me afastei.

— QUE COMECEM OS DESAFIOS!

Dito isso o chão mudou, eu que estava ao lado de Linda fui arrastada para trás por uma força invisível, grades apareceram magicamente me circundando formando uma gaiola. O chão transformou-se num... Vulcão! Eu estava presa numa gaiola sobre um chão vulcanizado, literalmente eu estava virando um frango frito!

— Lindaaaa! — Gritei estendendo a mão sobre a gaiola ela estendeu a sua, nossos dedos se encontraram e logo se separaram a medida que cada vez mais me afastava.

— O que você fez? — Gritou Linda para o sábio com o rosto vermelho de fúria e os dentes cerrados.

— A regra é simples. Você ganha ela vive. — Ele fez uma pausa dramática com o silêncio se tornando mais mortal. — Você perde e ela morre!

— Porque tenho de morrer? — Perguntei.

O sábio virou a cabeça em minha direção mesmo com aqueles olhos fechados eu poderia sentir eles me encarando friamente tão mortal que um medo percorreu meu estômago.

— Vocês sabem coisas demais. Coisas que têm de permanecer um mistério.

— Me parece uma injustiça — Linda protestou.

— Meus lábios não terão lugar para a injustiça, nem para a mentira Pois eu tenho na justiça e não abandono os que pertencem a ele; eles serão protegidos para sempre, mas a descendência dos que amam a injustiça será destruída. — Falou o sábio sabiamente.

— Linda! — Ela me olhou. — Está tudo bem... Eu confio em você.

Ela engoliu um seco, voltou o olhar pro sábio e falou em plena certeza:

— Estou pronta! — O chão aos meus pés tremeu e o *Mortal Kombat* começou.

A cima de nós, parando no ar de forma mágica surgiu um enigma:

“Me encontro no coração dos homens da razão
O zombador busca, massa nunca me encontra
Na língua dos tolos sou como veneno
E em seus corações não sou conhecido
Para os prudentes eu sou a sua coroa
Quem eu sou?

No tabuleiro aparecerem as seis pedras, três para cada jogador, de Linda eram as brancas e do sábio pretas. Linda olhava para o enigma de maneira apreensiva um olhar que procurava respostas para o enigma.

O jogo começou de maneira frenética com Linda sendo a primeira a jogar logo de seguida as pedras do sábio se moveram magicamente.

Os dois se envolveram numa batalha frenética com suor e lágrimas envolvidos, com a cada jogada se tornando cada vez mais mortal. Linda transpirava freneticamente a medida que os seus movimentos se tornavam cada vez mais difíceis mortais.

— Ahhh... — Ouvi Linda a murmurar e limpar o suor que escorria sobre o seu rosto a medida que o sábio tomava vantagem.

Subitamente algo aconteceu, Linda parou de jogar, estava completamente imóvel e o corpo tremendo.

— Não é possível! — Falou ela tremendo com o rosto abatido.

— Você perdeu! — Anunciou o sábio. O chão aos meus pés tremeu e iniciou por rachar freneticamente, pedaços de rocha caiam no buraco vulcânico dividindo a cela ao meio.

— Lindaaaa! — Gritei em aflição me segurando nas barras da gaiola.

Ella olhou pra mim de seguida para o sábio com o rosto confuso não sabendo o que fazer por fim reuniu toda a sua coragem e enunciou:

— Eu exijo uma desforra! — Automaticamente o chão parou de desabar deixando só um pequeno espaço onde meus pés pisavam.

No primeiro instante houve silêncio, poderia ouvir meu coração batendo descontroladamente e minha respiração acelerada fazia meu corpo tremer. Poderia sentir o clima de tensão que se espalhava ao redor não sabíamos qual seria a reação do sabio o medo percorria minha espinha arrepiando a minha pele.

— Que assim seja! — A resposta do sábio surpreendeu a todos foi como se uma adaga tivesse sido retirada do nosso coração.

Linda suspirou de alívio e sorriu, apesar do nervosismo ela sorriu. O jogo logo recomeçou com o suor percorrendo o rosto de Linda mas, desta vez, quase como que por um segundo se podia notar o alívio presente no rosto dela.

Estava mais confiante o que era um bom sinal mas, essa confiança foi abalada quando no segundo seguinte, numa jogada de mestre o sábio ganhou mais uma vez.

— O que? — O chão aos meus pés voltou a se abrir mais um pouco me deixando com menos espaço na gaiola, um descuido e eu virava um frango assado. — De novo! — Gritou ela.

De novo o jogo recomeçou e entramos num ciclo vicioso em que Linda perdia e recomeçava o jogo, quando parecia que ela levava alguma vantagem o sábio vinha lá e aplicava a sua jogada de mestre e ganhava o jogo.

O chão aos meus pés desabou completamente e agora estava agarrada segurando as grades da gaiola num esforço para evitar que eu caísse. Aquela altura já tinha perdido a noção do tempo pois o calor já começava a me deixar desorientada.

— De novo! — Ouvi Linda gritar provavelmente tinha perdido outra vez naquele momento eu já estava completamente desorientada ao olhar para o topo de minha gaiola poderia ver pequenos pontinhos brancos semelhantes a estrelas.

Minha mente insistia em me pegar partida pois num primeiro momento parecia que tinha ouvido Linda dizer alguma mas, minha mente não conseguia processar o que era, ergui meu olhar e meus ouvidos em direção a Linda.

Linda com o rosto suado e abatido tinha parado de jogar:

— Não se trata de vencer. Trata-se de encontrar nossos próprios limites de ser humilde o suficiente para saber até onde podemos chegar! — Disse ela abaixando o olhar pensando. — Já sei a resposta para o seu enigma. A resposta é sabedoria!

O jogo parou o sábio pareceu satisfeito consigo mesmo pois assentiu, as grades ao me redor desapareceram e num piscar de olhos eu estava ao lado de Linda, ela sorriu e me abraçou.

— Eu achei que...

— Viraria um frango assado? É também pensei nisso. — Respondi, ela baixou o olhar — Mas, eu confio em você Linda. — Acrescentei erguendo o seu olhar diretamente em meus olhos.

Seu rosto corou e eu pude ver a emoção presente em seus olhos, podia jurar que vi uma lágrima se formando.

— Além do mais não dá pra virar um frango assado sem o tempero certo. — Linda riu.

O sábio voltou a aparecer a nossa frente:

— Meus parabéns! Passaram no primeiro desafio. Quem participará do segundo?

Eu e Linda se entreolhamos buscando de aprovação e ela assentiu.

— Eu. — Respondi.

— QUE ASSIM SEJA!

Pisquei os olhos e no instante seguinte tudo mudou, estava num lugar escuro a névoa branca e sinistra preenchia a sala, um arrepio percorreu a minha pele a medida que eu olhava ao redor podia sentir pares de olhos me olhando controlando todos os meus movimentos.

— Jéssicaaaa! — De repente sussurrou uma voz tão gélida que eu tremi por inteira.

— Jéssicaaaa por favór nos salve! — Sussurrou outra voz aflita.

— Jéssicaaaa! Jéssicaaaa! — Gritou uma terceira voz.

Olhava de um lado para o outro confusa sem saber o que fazer, as vozes vinham de todas as direções como se todo o templo estivesse falando a mesma coisa em uníssono. Subitamente senti um toque frio em meu ombro que deixou a minha pele completamente arrepiada.

Olhei para trás rapidamente e não vi nada era quase como um fantasma estivesse me assombrando, andei uns passos para frente a névoa se tornava mais intensa dificultando a visualização ao redor.

— Jéssicaaaa! — A primeira voz recomeçou dessa vez me soando estranhamente familiar. Não. Não era impossível... Corri rapidamente em direção da voz com o coração em pulos e a respiração frenética.

Ao me aproximar cada vez das vozes eu finalmente vi quem clamava por mim, meu coração não podia acreditar no que estava vendo, minhas pernas ficaram bambas, meu corpo ficou sem forças estava em choque pois a minha frente eu estava vendo Linda inconsciente acorrentada à beira de um enorme buraco de fogo.

— Linda... — Minha voz falhou à medida que eu corri para as ajudar quase se aproximando meu corpo foi contra uma barreira impossibilitando de ajudar elas.

Com os punhos erguidos lutei com todas as forças tentando romper a barreira à minha frente mas, sem sucesso conjurei a minha espada e desferi um golpe contra a barreira que não provocou nenhum dano. Conjurei bolas de fogo e lancei-as contra a barreira as bolas atingiram a parede invisível fazendo ricochete para atrás, abaixei-me rapidamente evitando que me atingissem.

A voz do sábio surgiu saindo da boca de uma serpente.

— Asspenashh um podeshh viverhhsss... — A serpente deslizou sobre o pescoço de Linda girando em volta dele. — Vossscesss ou elasss quem meresssesss viver? O dessstino essstá nasss tuassss mãossss

E silêncio, o sábio-serpente desapareceu completamente em uma nevoa branca.

“Apenas um pode viver” essa frase ficou se repetindo todo o tempo em minha mente, me atormentando todo o tempo naquele momento eu senti que carregava todo o peso do mundo em minhas costas sabia de que qual fosse a minha escolha iria trazer igualmente destruição e sofrimento.

Eu não sabia o que escolher, meu peito apertou e meu corpo tremeu todo, desabei no chão de joelhos me sentindo fraca mas, não era hora de desistir era o momento de ser forte o problema era quem escolher e por mais que eu relutasse no fundo eu sabia qual seria a resposta.

— Não! — Gritei. Meu grito foi engolido pelo silêncio. — Eu não irei alinhar no teu jogo! Eu não escolho ninguém!

O sábio-serpente apareceu.

— Que pena. Sssaiba que alguém tem de morresss! E sshe você não essscolhe. Eu essscolho. — As correntes de Linda começaram a se mover mandando-a para baixo.

— Não! Eu não permitirei que você a mate! Se for para matar alguém que mate a mim deixa ela viver — Berrei em fúria.

— Que lindo a jovenshhzinha querendo shhh ser heroíssna! — Falou em tom de deboche a serpente. — O que você shh entende por nosssbreza? De sshacrifício? — A serpente deslizou subindo sobre as correntes.

— Eu entendo.

— Não! Vosshcê não entende! Não compreende o conceito de sshacrificar a ssua própria vida para um bem maior!

— Não. Isso não é verdade...

— Sssim essssa é a verdade! Tu és fraca! Estásss disposta a sacrificar tudo o que você ama pelo bem maior?

Aquelas palavras me atingiram de um jeito que nunca pensei, foi como se um meteorito tivesse me atingido destruindo tudo o que encontrou pelo caminho, no fundo sabia que ele tinha razão, tinha perdido todos aqueles que eu amava eu estava sozinha.

Mas, agora não era o momento de me sentir fraca, eu tinha de ser forte por Linda e por todas as pessoas que eu já amei, Linda tinha me ensinado a ser forte e a enfrentar as dificuldades que a vida me apresentava não importando quão difícil fosse sabia que podia encontrar refúgio ao seu lado.

— Tens razão! Eu realmente sou fraca. Mas, eu luto todos os dias. Eu não desisto sei que a vida me apresenta grandes dificuldades mas, é com pessoas como a Linda que eu encontro forças para continuar não importa o que aconteça

A serpente sibilou inquieta.

— E se for possível dar a minha vida por aqueles que eu amo eu darei! Não importa o que aconteça eu sempre irei me sacrificar por aqueles que eu amo! — A serpente desapareceu numa pequena explosão de nevoa.

As correntes pararam de se mover e o sábio voltou a aparecer em sua forma humana ele olhou pra mim e mesmo com os olhos fechados eu poderia sentir seu olhar intenso sobre mim.

— Você passou no teste! — Ele estalou os dedos e névoa branca voltou a cobrir-nos.

Apareci ao lado de Linda que acabava de despertar estando confusa e sem qualquer lembranças do que aconteceu, sua mente estava em branco. O sábio pairava a nossa frente em sua figura enigmática e cheia de autoridade.

— Vocês passaram nos dois primeiros desafios, só restando um mas, para esse desafio eu escolho quem irá participar por isso... — O sábio fez uma pausa dramática por fim enunciou alto e em bom som. — Eu escolho você. — A cabeça dele virou-se em direção a Linda.

Linda deu um passo em direção ao sábio pronta para mais um desafio.

— O que? Não... — Falei segurando o braço dela.

— O que foi? — Linda me perguntou na maior calmaria possível.

Me senti confusa não sabia ao certo o que fazer se iria contar a ela o que acontecera e o medo que se instalou em mim ao deixar que ela entrasse nesse desafio ou se iria deixar passar o que acontecera. Não deu tempo para pensar nisso pois voltamos a desaparecer.

Aparecemos num belo jardim com belas arvores e passarinhos que cantavam alegremente voando de arvore em arvore, a relva fresca crescia sobre os nossos pés, ao

alto o sol brilhava fortemente lançado sua silhueta sobre as arvores miudinhas que cresciam projetando a sua sombra ao redor.

Eu apareci a alguns metros de Linda, ergui-me do chão e caminhei em direção mas, fui impedido outra vez por uma barreira invisível. Depressa gritei freneticamente atacando a barreira com minhas mãos que nem uma doida tentando chamar a atenção dela mas sem sucesso ela não me via e nem me ouvia.

Ela estava sozinha no jardim, eu conseguia ouvir o que se passava dentro do jardim, os pássaros a cantar e agua que descia da cachoeira mas, eles não conseguiam ouvir-me, eu estava isolada.

Linda caminhava pelo jardim contemplando a sua beleza, com um sorriso no rosto ela se encantava com cada criatura, planta que encontrava, em toques graciosos ela se aproximava das flores vendo a sua beleza sentindo o seu cheiro e rindo daquilo.

Observando a cena ao longe eu pude sentir meu coração se aquecendo de felicidade, fazia algum templo que eu não a via tão feliz, e eu realmente estava feliz com aquilo. Dizem que quando alguém de quem realmente gostamos está feliz o nosso coração se aquece também de felicidade e a gente fica feliz também e era isso que eu sentia.

Segundo depois uma figura conhecida apareceu rastejando sobre os troncos das árvores, o sábio-serpente com a língua cheia de veneno enunciou alto e em bom som.

— Belo tão belosss — Linda que estava ocupada demais com as flores tomou um susto quando viu uma serpente falando.

— É. Tão belo. — Falou ainda em choque.

— Imaginosss a ssurpressasss por me ver aqui.

— Estou surpresa por assumires a forma de uma serpente. Achei que só os animanos têm esse poder. — Respondeu Linda com as mãos sobre a cintura.

— Eu tenho muitasss habilidadesss. Agora me sssiga.

A serpente encaminhou ela para uma área mais restrita do jardim, onde um poço já muito antigo brotava do chão.

— Esstass vendo esse poço? — Perguntou a serpente.

— Sim. O que é que tem?

— Ele é o poço dos desejosss — Respondeu a serpente olhando diretamente para os olhos de Linda. — Ele pode realizar todos os seus desejosss. Incluindo os mais profundosss

— E porque estás me contando isso?

— Porque eu possso realizar todosss os seusss desejosss. Minha querida.

— E porque eu ia querer algo vindo de si? Algo vindo de uma serpente?

— Porque eu conheço você. — Falou a serpente se enrolando sobre o pescoço de Linda deixando suas cabeças frente a frente fitando seus olhos com os da serpente. — Eu vi a sua história. Eu sei quanto sofrimento tens guardado dentro de ti.

A serpente virou a cabeça, Linda fez o mesmo seguindo o olhar dela, ao lado surgiu umas imagens como se fosse um filme de uma mulher o que supus ser mãe dela já que partilhavam traços idênticos em meio a cena surgiu uma criança de cabelos curtos correndo em direção a mãe, era Linda em criança.

— Mamãe! — Falou a criança fracamente como se estivesse fazendo força para enunciar cada palavra. — O que vamos comer — A mulher desviou o olhar da criança e mesmo estando ao longe eu pude ver uma lagrima se formando no rosto da mulher.

— Seu pai virá com alguma coisa. — Falou a mulher tentando ser forte e não demonstrar fraqueza para a filha pequenina.

A cena se dissolveu voltando ao jardim, ao olhar para Linda eu pude ver lagrimas em seus olhos se debatendo para não caírem, a cena em si quebrou o meu coração não sabia essa verdade sobre ela, nunca teria imagino isso em minha mente.

— Eu sssei o quanto quêsss dar boa vida aos teusss paisss. — Começou a serpente por dizer. — Eu sssei o quanto tensss lutado para poder deixar um sssorrissso no rosssto dos teusss paisss. Por isssso aceite o meu presente pra você.

Linda estava em silencio com o rosto para baixo e dominado pelas lagrimas, eu pude ver a sua fraqueza e o quanto ela lutava todos os dias para ser forte, algo que até a serpente admitia.

— E o que eu tenho de fazer? — Perguntou erguendo o olhar com o rosto frágil.

— Sssimplesss basta sssimplesmente deixares Jéssica.

— Você... Você quer? — Os lábios de Linda tremeram. — Você quer que eu traia Jéssica?

— Trair? É uma palavra muito forte. Eu prefiro deixar ela.

— Você quer que traia minha amiga. Abandone meus princípios?

— Um pequeno sssacrífissio para um bem maior. —Respondeu a serpente. — O que me dizzz?

— Quer saber? Eu digo não. Eu não traio meus amigos. — Respondeu Linda com toda a convicção em sua voz.

A serpente começou a se contorcer se sacudindo de um lado para o outro.

— E eu preciso ajudar meus pais do jeito certo e não importa quanto tempo vai demorar desde que eu não perca quem eu sou. Pra mim tudo bem! — Linda sacou seu cetro. — agora saia daqui sua serpente maldita! — Ela lançou sobre a serpente uma bola de poder.

Dito isso a serpente desapareceu em uma nuvem de poeira antes de ser atingida. Linda desmoronou de joelhos chorando com as duas mãos segurando o rosto. E então o

cenário mudou e eu vi Linda arrasada completamente e eu ali parada sem poder fazer nada enquanto o ambiente ao nosso redor fora dominado pela escuridão.

Estava em lado nenhum, meus olhos enxergavam o vazio minha mente estava calma e vazia eu estava caindo e ao mesmo tempo estava de pé a mesma sensação de estar no espaço.

Subitamente eu aterrei num terreno molhado com a água chegando aos meus joelhos iniciei por andar mas a cada passo que eu dava eu ficava sem forças sentia como se mil toneladas estivessem sobre as minhas costas.

Ao longe ouvi um riso que congelou minha espinha, naquele momento meu corpo tremeu minha respiração acelerou tentei se mover mas, não consegui estava imóvel com o peso aumentando sobre as minhas costas vi se aproximando um vulto negro.

— Jéssicaaaa...Oh Jéssicaaaaa... — Enunciou a voz fantasmagórica.

Era como se mil almas aprisionadas estivessem falando ao mesmo tempo.

— Porque te escondes? Eu irei te encontrar... — A voz sinistra riu num riso arrepiante. — Tal como encontrei a tua avó. — O vulto fantasmagórico me atravessou e eu gritei de horror.

Eu despertei subitamente estava parada ao lado de Linda com o sábio parado a nossa frente Linda com o rosto abatido e sem forças o sábio com a sua expressão neutra estavam com os olhos fixos em mim.

— O que aconteceu? — Perguntei com os lábios tremendo e o suor começando a escorrer sobre o meu rosto.

— Eu estava chamando por você e você não respondeu. — Explicou Linda.

— Não estava ouvindo. — Falei tentando disfarçar o horror em minha voz.

Linda assentiu desconfiada e nada disse.

— Meus parabéns. Vocês passaram nos testes. — Anunciou o sábio. — E como prometido eu entrego a vocês a Primeira Chave. — Ao lado do sábio pairando sobre o ar apareceu um pergaminho.

O pergaminho veio voando até mim eu o abri e estava em branco.

— Onde está a chave? — Perguntei confusa revirando o pergaminho de um lado para o outro frente e verso de baixo para cima e de cima a baixo.

— Jéssica... o pergaminho é a chave. — Falou Linda calmamente.

— O que? Como assim?

— A chave não é uma “chave” literal. — Respondeu o sábio.

— Mas, está em branco... — Falei mostrando o pergaminho para todos.

— É melhor você ver outra vez. — Falou o sábio calmamente.

Eu olhei de relance para o pergaminho e estava mudando letras começaram a surgir formando frases e frases formando uma pequena estrofe:

— *"No céu negro*

As estrelas revelam seu caminho

Em águas venenosas cuidado para não ficar sozinho

Pois nas ilhas das trevas a morte vem cedo de manhã bem cedinho"

— O que isso significa? — Linda perguntou.

— Parece uma rima de *"kuduro"* — Falei baixinho o suficiente pra ninguém ouvir.

— É o enigma da próxima chave. Se vocês querem encontra-la terão de desvendar o enigma que lhes mostrará o caminho. Cada chave revela a localização da chave seguinte elas estão conectadas entre si.

— Mas, o pergaminho está de novo em branco como saberemos que realmente esta é a chave certa? — Perguntei cruzando os braços.

— Não posso vos dizer se é a chave certa ou a chave errada. Não posso dizer o que irá acontecer daqui a cinco minutos mas, posso vos dizer que é preciso crer no impossível para acontecer é assim o mistério da vida está nas coisas que julgamos impossíveis de acontecer por isso vivo a vida de olhos fechados simplesmente crendo naquilo que eu não vejo, crendo no impossível.

— Ahh... entendi. — Falei engolindo um seco.

— Parece que quando nós tivermos todas as chaves elas se revelarão por completo. — Comentou Linda. O sábio confirmou.

— Então acho que podemos ir? — Perguntei

— Antes de irem... — Chamou o sábio. — Eu queria oferecer-vos presentes.

— Presentes? Pelo que?

— Não se pergunta pelo presente simplesmente se agradece. — Linda sussurrou baixinho em meu ouvido.

— Vocês escalaram As Escadas do Conhecimento não me lembro a última vez que um feiticeiro fez isso. E isso merece reconhecimento de minha parte.

— Eu disse que subir as escadas valia a pena. — Comentou Linda com uma piscadela.

— Se soubesses quantos quilos eu perdi não estarias assim tão feliz. — Murmurei soltando um muxoxo, Linda riu.

— Pra você Linda Lin eu ofereço a ti um livro de feitiços. — Um livro apareceu ao lado do sábio flutuando até Linda.

— Muito obrigada! — Falou ela apertando o livro em seu peito.

— E pra você Jéssica Alvarez eu ofereço a ti... — Uma pulseira apareceu cintilando no ar e voou até mim.

— Uma pulseira? — Falei me sentindo decepcionada. — E o que ela faz? — Linda olhou pra mim e assentiu. — Quer dizer... muito obrigada. — Falei tentando forçar um sorriso.

— Acho que podemos ir. — Falou Linda.

— É. Acho que podemos.

— Boa sorte na vossa jornada jovens feiticeiras lembrem-se que o futuro pode ser incerto e que as vezes é necessário crer no impossível para acontecer.

— Obrigada mais uma vez por tudo! — Falou Linda. Dito isso o sábio desapareceu e num piscar de olhos a gente se viu fora do templo.

A minha frente contemplava a grande escadaria do conhecimento se projetava em seu grandioso esplendor, podia sentir a brisa fresca a partir dali preenchendo os meus pulmões.

— Consegues sentir?

— Sentir? Sentir o que? — Linda perguntou.

— A brisa... A mudança que aí vem. — Eu poderia sentir a mudança eminente que estava por vir, eu poderia sentir o perigo se aproximando cada vez mais e sabia qual era a voz da morte que ficaria gravada em meus pesadelos.

Capítulo 15: A Emboscada

"Brigas, desentendimentos? Cuidado, pense antes de falar para não se arrepender depois. Ofensas não conduzem ao bom termo. Saiba que a dor por perder um amor é mais aguda quando vem junta com o arrependimento" — Inácio Dantas.

O sol brilhava fortemente, o vente soprava suavemente, tínhamos descido as Escadarias do Conhecimento a essas horas já tinha perdido a noção do tempo. Todo pareceu passar lentamente como se estivéssemos em um filme ao nosso redor pessoas caminhavam indiferente a nossa presença.

— Já pensou como será quando encontrarmos as restantes chaves? — Perguntou Linda.

— Só sei que depois irei dormir por três dias e três noites. — Respondi sorrindo, ela riu junto.

— Não achas que seja muito tempo?

— Pelo nível de sacrifício é o mínimo que mereço. — Respondi soltando um bocejo.

— Sei…

— E você o que farás?

— Ainda não pensei nisso. — Respondeu ela baixando os ombros. — Sinceramente nunca pensei na minha vida depois que eu retornar em Xandhir… nunca cheguei a imaginar de concreto o que será.

— Bem só posso dizer que será muito melhor do que era.

— Porque falas com tanta a certeza?

— Porque eu estarei lá. Eu sempre estarei com você.

— Isso é uma promessa?

— É uma promessa!

— Jura de mindinho? — Disse ela mostrando o mindinho.

— Jura de mindinho. — Respondi fazendo a jura. A gente riu junto.

De repente senti o tempo parar e uma leve brisa me amparar quase como um sussurro que arrepiou minha pele eu parei com o olhar em pânico olhei ao redor, algo estava errado.

— O que foi? — Perguntou Linda. Eu não respondi pois odiaria saber a resposta.

Olhei pra frente e uma figura surgiu caminhando entre a multidão passando sem ser notada como um fantasma, um arrepio percorreu minha espinha e eu me vi presa em seu olhar mortal estava hipnotizada pois reconhecia aquele olhar de meu sonho aquele olhar que me provocava arrepios e sobretudo aquilo que eu mais temia: medo.

Linda seguiu o meu olhar e seu rosto assumiu os mesmos contornos que os meus. A figura se aproximou o suficiente de nós ficando frente a frente, era uma mulher de cabelos castanhos, usava uma roupa estilo militar mais toda preto e nas suas costas

carregava consigo duas lanças médias e uma máscara feita de metal cobria metade da cara e os olhos eram de cores diferentes: castanho e verde.

— Jéssica… Jéssica… Jéssica… A quanto tempo. — Falou a voz de meus sonhos.

— Qquem... é você? — Falei tentando não tremer. Aquele olhar me lembrava algo, mas minha mente bloqueava por completo.

— Não me reconhece? Que engraçado… — A mulher riu sem graça. Eu e Linda trocamos olhares confusos. — Que pena pois sua avó me reconheceu… quando eu mandei aquele *Dran* atrás dela.

Aquilo me atingiu que nem um tsunami, fiquei sem forças podia sentir o mundo ao meu redor perdendo cor, estava sem ar e minha respiração acelerou tive que me segurar para não desabar no chão pois não conseguia encontrar forças em meu corpo. Eu finalmente soube… eu finalmente soube quem matou minha avó, um ódio percorreu meu corpo e eu só conseguia pensar em uma única coisa.

— Foi… você. — Linda segurou em meu ombro e me lançou um olhar reconfortante.

— Agora me reconheceu. — Falou ela rindo. Cerrei os meus punhos controlando a ira que dominava sobre mim.

— Foi você também no funeral de minha avó? — Ela assentiu em confirmação.

— Agora me entregue o pergaminho. — Ordenou a mulher misteriosa.

— E se eu não entregar? — Perguntei erguendo a voz.

— Bem… — Ela fez uma pausa dramática. — Lamento dizer que terás o mesmo destino que a tua avó.

— Que assim seja! — Linda e eu conjuramos nossas armas, ela nos olhou indiferente.

A gente investiu correndo contra ela.

— Não tenho tempo pra isso. — Ela estalou os dedos e um grupo de Drans surgiu a nossa frente bloqueando o caminho. — Acabem com elas!

Os Drans atacaram nos envolvendo em uma longa batalha. Linda ergueu seu cetro e lançou sobre eles diferentes feitiços os acertando em cheio, conjurei minha espada de fogo e ataquei, ergui-me ao alto e ataquei desferindo vários golpes as criaturas que se dissolviam em fumaça.

Um dos Dran investiu contra mim erguendo-se ao alto e acertou-me com suas garras lançando-me ao longe.

— Jéssica... você está bem?— Chamou Linda que enfrentava dois Drans que a tinham cercado completamente.

Levantei cuspindo a área que entrará para a minha boca, agarrei a minha espada com força e avancei lentamente contra o Dran eu estava nervosa com o rosto em fúria. O Dran correu até mim eu estendi a minha espada, o Dran atacou pela direita eu me

desviei para a esquerda e com um golpe profundo o acertei diretamente em seu peito e automaticamente se dissolveu.

Olhei para a mulher-fantasma a minha frente que simplesmente ergueu uma sobrancelha não parecendo nada impressionada. Com o olhar fixo nela eu despachei os outros Drans que me atacavam nesse momento minha atenção só estava nela eu sou tinha um único desejo, uma única motivação e eu iria fazer de tudo para concretizar.

Ao meu lado Linda ergueu os outros dois Drans que faltavam ao alto e os lançou para bem longe sem nenhum esforço.

— Devo admitir. — Começou a mulher a falar. Eu e Linda transpirávamos — Eu estava começando a ficar impressionada mas, como vocês já sabem eu quero o pergaminho e não são vocês que irão me impedir!

Ela sacou rapidamente as suas lanças e nos atacou tão rápido que se movimentava que nem um sopro sobre nós. Ela atacou rapidamente com suas duas lanças desferindo ataques rápidos e mortais, com minha espada eu me defendia de cada golpe que dava.

Um soco voou pelo ar e me acertou bem no meio da barriga eu cambaleei para trás com as mãos sobre a área atingida, Linda investiu lançando feitiços ela por sua vez os desviava com suas lanças.

Ela se aproximou o suficiente de Linda e a acertou a mandando ao longe também. Uma raiva me inundou, cerrei os dentes murmurou um feitiço que tinha lido do livro dos feitiços que o sábio deu a Linda e minha espada brilhou azul.

Ataquei lançando bolas azuis, parecia o *Son Goku,* a mulher juntou as duas lanças e iniciou girando elas muito rapidamente travando cada bola azui. Investi com minha espada ela travóu com a lança e pela primeira vez a gente se olhou diretamente nos olhos, pela primeira vez eu poderia ver a assassina da minha avó olho por olho.

— Quem é você? — Perguntei com os dentes cerrados e o rosto em fúria.

— Eu sou a tua maldição! — Naquele momento ela desferiu-me um golpe que fez com que a chave-pergaminho voasse pelo alto e me jogou para trás a alguns metros.

Ela o segurou imediatamente olhando-o de um lado com o rosto coberto de satisfação ela contemplava o seu mistério e de seguida olhou para mim com o rosto marcado pela presunção.

Eu estava parada não conseguia reagir, tinha perdido a coisa mais importante que importava, sem o pergaminho estávamos condenadas.

— Como é? — Perguntou ela.

— Como é o que?

— Como é conhecer a derrota? — Com a mão firme ela lançou em minha direção a sua enorme lança.

— Jéssicaaa! — Gritou Linda em socorro correndo até mim.

A lança voou a grande velocidade e quase me acertando bem no meio da cabeça Linda surgiu do nada e no instante seguinte a gente tinha desaparecido.

Estávamos caindo, não sabia onde só sabia que estávamos caindo segundos depois atingimos na área quente do deserto, sim nós reaparecemos no deserto. Atingimos o chão e rebolando pela área rapidamente.

Finalmente paramos de rolar, meu estômago estava revirado de cima a baixo e a primeira coisa que fiz foi vomitar, estava enjoada e tinta demais, minha cabeça queria explodir.

Linda estava parada a frente olhando para o horizonte, o sol já tinha se posto a tempo e a lua cheia inundava sua luz sobre nós.

— Porque você fez isso? — Perguntei com a respiração arfando.

— Porque eu fiz o que?

— Porque me transporte para aqui? — Gritei. — Porque me transportar-te pra aqui quando eu estava tão próxima?

— Tão próxima do que? Não vás me dizer que… — Ela me olhou chocada.

— Sim… Eu queria fazer isso! E você arruinou tudo. — Lágrimas correram pelo meus rostos, eu estava em fúria, irritada e triste.

Todos esses sentimentos brincando em minha cabeça tinha levado minha cabeça a loucura era como se uma outra personalidade escondida que todo esse tempo estava reprimida estivesse saindo das sombras.

— Eu fiz isso pra salvar a sua vida.

— Eu não preciso de ser salva! Eu não pedi pra ser salva! — Rebati. Linda começaram escorrer do rosto de Linda. — Eu estou cansada que me digas sempre o que fazer! Estou cansada de sempre quereres se meter na minha vida!

— Mas… — Falou ela com a voz embargada.

— Eu queria que você sumisse! — Aquelas palavras atingiram ela que nem um tsunami lhe deixando sem palavras, minha boca tremia toda e as lágrimas caíam lentamente até o chão.

Maldição! Foi o que pensei aquelas foram as uma das palavras que na qual eu mais me arrependi de dizer,. Linda baixou os ombros e com o olhar carregado de lágrimas ela se virou e se afastou e eu caí de joelhos eu tinha quebrado a promessa eu fiquei lá imponente olhando ela se afastar…

Capítulo 16: O Deserto Infernal

"*Motivo de arrependimento é não aprender com os próprios erros*" — Renato Russo

Vagueando pelo deserto, o sol brilhando fortemente, cansada e sem forças, meu corpo tremia a medida que meus passos se tornavam cada vez mais pesados, não sabia para onde ia por onde quer que olhasse via deserto e mais deserto, estava perdida sentia que andava em círculos mas, como estava num deserto não tinha como ter a certeza.

Sentia como se tivesse andando por dias, quanto mais tempo ficamos num lugar como esses mais ficamos desorientados e deixamos de raciocinar corretamente. Num momento tinha achado que descobri um lago cristalino e no final era simplesmente uma miragem.

Minha boca estava seca, olhei ao redor a procura de água e nada meu suor escorreu sobre a minha testa e antes que chegasse no chão era evaporado pelo calor que mais parecia fogo, parecia que eu estava num forno, como eu odeio esse lugar!

E teria mais motivos pra odiar pois enquanto caminhava em passos lentos subitamente senti algo que me fez olhar atrás era como uma brisa que soprava suavemente em meus cabelos, o deserto estava calmo e silencioso algo estava errado, eu poderia sentir isso.

Aos meus pés a terra tremeu ligeiramente e ao olhar para longe pude ver um monte de área se movendo rapidamente em minha direção e então algo saiu da área, uma criatura tão grande e mortal que fez minha espinha arrepiar e não precisa de saber muita coisa pra reconhecer o perigo e momento para correr.

Corri o mais rápido que puder, a área retardava minha velocidade olhei pra trás e tive o vislumbre da criatura que me perseguia… eu era perseguida por três escorpiões gigantes!

Conjurei minha espada parei de correr e virei-me ficando frente a frente com os escorpiões e corri contra eles, quase se aproximando saltei para o alto ergui minha espada flamejante.

— Ahhhhh! — Gritei feita uma doida. Com um golpe fatal eu acertei o escorpião do centro no pescoço e aterrei bem atrás dele.

Olhei pra trás vi sangue escorrendo pelo seu pescoço, o escorpião cambaleou para trás e caiu no chão morto. Os outros dois escorpiões se entreolharam, eu não percebo nada de "escorpilês" mas, eu pude ver o medo em seus olhares o que me fez sorrir maliciosamente.

— Agora vocês são meus. — Corri ao ataque.

O primeiro escorpião atacou usando sua

O primeiro escorpião atacou usando as suas grandes garras eu me desviei saltando de um lado para o outro, o outro escorpião investiu contra mim usando o seu enorme ferrão desviei e cortei o seu ferrão.

O escorpião sangrava fortemente no local onde segundo antes estava o seu ferrão, ele olhou pra mim em fúria e antes que pudesse fazer alguma coisa eu deslizei para o chão e o acertei com a espada bem no meio de sua cabeça.

O escorpião restante me apanhou de surpresa me agarrando com suas enormes garras, a criatura ergueu-me do chão me apertando violentamente, estava sem ar e minha espada caiu ao chão eu pude ver a raiva em seus olhos tinha matado seus amiguinhos.

— Ahhhh! — Gritei angustiada sem forças.

Estava numa "Escorpirralada" desculpa o trocadilho não consegui evitar. E do nada comecei a rir só de pensar nisso, que piada ruim. O sorriso transformou-se num riso frenético e eu não conseguia parar.

O escorpião olhou pra mim confuso, não esperava essa reação de minha parte, ninguém esperava. O escorpião afrouxou e eu aproveitei o momento conjurei minha espada que veio voando do chão até minha mãos parecendo o Thor e me soltei desferindo um golpe em suas garras.

O escorpião berrou de dor e, sem remorso lancei minha espada em direção ao seu peito, a espada voou e entrou em seu corpo saindo do outro lado. O escorpião moveu-se descontroladamente de um lado para o outro antes de cair a minha frente.

A espada voou de volta pra as minhas mãos estava toda manchada de sangue, caí de joelhos, olhei pra meu corpo estava sangrando, minha roupa estava um farrapo e manchada de sangue.

A cada gota que saia para fora do meu corpo podia sentir minhas forças indo embora, estava abatida meu corpo tremia todo, minha visão estava enturvada não conseguia dar mais um passo e antes que eu desmaiasse eu só conseguia pensar numa única pessoa e saber que por mais que eu quisesse eu tinha estragado tudo e eu me odiei por isso e então tudo ficou preto e lentamente caí de lado inconsciente.

— Eu não preciso de ser salva! Eu não pedi pra ser salva! Eu estou cansada que me digas sempre o que fazer! Estou cansada de sempre quereres se meter na minha vida! — Subitamente despertei com mil vozes ecoando em minha cabeça.

Estava sonhando, estava no deserto a noite o clima estava todo alaranjado resultado de uma tempestade de areia. Estava sozinha e em meio aquela solidão eu só conseguia pensar em Linda será que ela estava bem?

Minhas mãos enterraram sobre a área quente.

— Ahhhhhhhhhh!!! — Gritei em fúria sacudindo a área. Abaixei o olhar e não consegui evitar que lágrimas escorressem sobre o meu rosto.

Estava andando quando a minha frente pude ver uma figura se aproximando, no primeiro instante pensei que fosse uma miragem pois a minha mente já começara a me trair mas, quando mais se aproximava mais a figura assumia a forma da realidade.

A figura ganhou a forma de uma mulher de cabelos e olhos castanhos e a pele bronzeada que nem o deserto, a mulher usava um vestido verde e tinha o rosto angelical marcado com um olhar sereno e acolhedor.

— Estás perdida criança? — Falou a mulher estendendo a mão para mim eu agarrei.

— Não. — Respondi disfarçando a voz limpando as lágrimas rapidamente.

— Então porque choras? — Disse a mulher fitando os olhos pra mim, eu desviei o olhar.

— Por nada.

— Sabe uma vez alguém muito sábio falou: "quanto mais esconderes aquilo que te machuca mais irá te ferir"

— E porque dizes que existe algo a me machucar?

— Eu vejo nos teus olhos minha criança. — Respondeu a mulher. — Eu vejo a dor que escondes e tentas esquecer nesses olhos eu vejo o arrependimento que há neles.

No primeiro momento não respondi, por mais que eu tentasse negar sabia que era verdade.

— Tens razão! — Falei desatando em choros. — Eu tento mas, não consigo eu afastei de mim minha… minha única amiga! Eu estou sozinha e quanto mais eu tento me convencer de que sou capaz de fazer isso sozinha mais eu sinto que não sou capaz sem ela e eu a perdi… — Minha voz falhou.

— Minha querida. — Disse ela me abraçando. — Há sempre uma nova chance para uma amizade verdadeira. Quando se ama de coração um amigo, por mais brigas que possam haver, sempre se encontram formas de conseguir uma reconciliação.

Estando em seus braços eu pude sentir o conforto em seus braços e minhas forças se restabelecendo como se tivesse soprado o fôlego da vida. De repente todo o cansaço e fome que eu sentia tinha desaparecido completamente.

— Mas… ela

— Se ela for tua amiga de verdade ela irá aceitar o teu perdão. — Disse a mulher enxugando minhas lágrimas.

— Tens a certeza?

— "A evolução envolve vários fatores. O arrependimento é definitivamente um deles." — Disse a mulher. — Nada é mais forte do que a capacidade de perdoar e voltar amar de novo. Há sempre uma nova chance para uma amizade verdadeira. Quando se ama de coração um amigo, por mais brigas que possam haver, sempre se encontram formas de conseguir uma reconciliação. Por isso sim, eu tenho a certeza de que ela vai perdoar você.

Eu voltei a abraçar a mulher fechando os olhos pois sabia que existem momentos em que as palavras são desnecessárias, apenas o silêncio nos é a resposta. Quando voltei a abrir os olhos a mulher tinha desaparecido.

Despertei lentamente ao abrir os olhos dei de caras com Linda olhando pra mim de um jeito acolhedor estávamos dentro do que parecia ser uma tenda.

— Xhh… descanse! — Falou ela limpando meu rosto.

— Linda eu… — Meus olhos se arregalaram.

— Você precisa de descansar. — Disse ela desviando o olhar pra esconder suas lágrimas.

— Eu sinto muito por tudo aquilo que disse. Sinto muito se te magoei. Me desculpa, mas não pensei na hora de falar! Eu entendo que simplesmente querias o bem pra mim e eu fui cega em não ver… fui cegada pelo ódio , pelo desejo de vingança e acabei descontando todo o ódio em você.

Ela voltou lentamente o olhar em minha direção, pude ver seus olhos manchados de lágrimas.

— Você é a única amiga que eu tenho não sei se consigo terminar isto sem você. Por favór me perdoe! — Eu agarrei nas suas mãos e olhei diretamente em seus olhos.

— Tens razão eu deveria respeitar o teu espaço… — Disse com a voz embargada.

— Não. O único erro que cometeste foi ser tão boa pra mim. Você me perdoa? — Falei limpando suas lágrimas.

Linda não respondeu, ela olhou pra baixo e de seguida olhou pra mim.

— Sim. Eu perdoo você. — Disse dando um sorriso fraco.

— Obrigado! — Falei a abraçando.

Ela levantou-se caminhou até a porta da tenda segurou um corpo com água e trouxe até mim.

— Beba. — Falou ela ajeitando sua cabeça apoiando em seu colo.

Eu obedeci esvaziando rapidamente o copo de seguida troquei olhares de relance com ela antes de finalmente perguntar:

— Como você me encontrou?

— Você acredita em destino? — Eu abanei a cabeça em negação.

— Pois bem se eu te dissesse que o destino me trouxe até você?

— Como isso seria possível? — Perguntei com a testa franzida.

— Eu estava andando pelo deserto já a algum tempo. — Disse ela fazendo gestos com as mãos. — Quando de repente ouvi uma voz que me guiou até você.

— Uma voz? Que tipo de voz?

— Uma voz tão misteriosa e tão bela. — Respondeu Linda toda sonhadora. — Que me disse que você estava em perigo por isso corri o mais rápido que pude e finalmente encontrei você, deitada no chão com o rosto fraco e as roupas ensanguentadas.

Eu gemi imaginando o pior.

— Com os feitiços presentes no livro que o sábio me deu eu consegui conjurar alguns feitiços de cura que curou de você. — Linda continuou mostrando o livro pra mim.

— Então… — Tossi. — Se você não chegasse a tempo eu ia…

— Não pense nisso. — Falou ela limpando a pequena lágrima que escorria sobre meu rosto. — O importante é que estás sã e salva. Agora descanse porque estás precisando, amanhã a gente conversa.

— Mas…

— Sem mais nem menos. — Disse ela pondo-se de pé andando em direção a saída da tenda. — Amanhã a gente conversa.

— Tá bem. — Murmurei.

A noite foi calma e tranquila sem nenhum sobressalto quase esqueci que estava no meio de um deserto. Fechei os olhos e quando voltei a abri-los já era manhã, o sol ainda não tinha nascido ao olhar para cima da tenda dava para ver pequenas estrelas

l já tinha nascido e a essas horas a temperatura dentro da tenda estava a aquecer.

Ergui-me lentamente saindo para fora da tenda e dei de caras com Linda olhando para o horizonte com o rosto sério e a postura calma.

— Não conseguiu dormir? — Disse ela de repente me assustando.

— Não, e você? — Ela abanou a cabeça em resposta.

— Não consegui pregar os olhos…

— Já tentou cantar uma canção de ninar ou contar as ovelhas? — Falou soltando um sorriso.

— Não é isso. Existe algo que vem me atormentando e que não me deixa dormir. — Ela virou-se me olhando, eu vi a aflição presente em seus olhos. — Preciso te contar algo.

— O que foi? — Falei séria me aproximando.

— Sobre a mulher que nos atacou hoje. — Linda engoliu um seco.

— Você a conhece?

— Todo mundo a conhece, seu nome é Makana , a Assassina das Sombras, ela é uma feiticeira procurada em todo o mundo bruxo, considerada culpada de diversos assassinatos é considerada a feiticeira mais perigosa que existe.

— Porque estás me dizendo isso?

— Porque eu estou com medo do que pode acontecer se a enfrentarmos. — Falou Linda aflita. — Eu sei que não irás parar a tua jornada eu compreendo o quanto é importante pra ti entregares ela mas, Makana é uma pessoa perigosa e fará de tudo pra conseguir o que quer. É o meu dever avisar-me daquilo que aí vem. Da tempestade que está se formando.

— Eu entendo. Eu entendo que estejas preocupada, mas eu te garanto que nada irá acontecer isso é uma promessa! — Droga! Mais uma promessa que eu faço.

Eu realmente estava ficando boa em fazer promessas que não tinha certeza se cumpriria. Parece que minha boca simplesmente se abria pra dizer coisas fúteis e sem o real significado.

— Mas, preciso da tua ajuda para enfrentar ela. — Continuei a falar. — Não posso continuar sem você. — Estendi a mão em sua direção.

Linda voltou o olhar para o horizonte pensativa, deu dois passos por fim falou:

— Tá bem, eu aceito. — Disse ela segurando minha mão, meu rosto se abriu num sorriso de satisfação. — mas, se vamos enfrentar a feiticeira mais perigosa que existe precisamos de treino. Precisamos praticar mais feitiços.

— Está bem. E como faremos isso?

— Com o livro de feitiços que o sábio me deu. — Disse mostrando o livro. — Aqui contém diversos feitiços que serão úteis para nós.

— E quando começamos? — Falei com todo o entusiasmo em minha voz.

— Agora! Está na hora de te tornares numa feiticeira.

— Mal posso esperar! — Falei entusiasmada

— Mais uma coisa Jéssica.

— Sim?

— Estive pensando no enigma do pergaminho — Disse ela recitando o enigma.

No céu negro
As estrelas revelam seu caminho
Em águas venenosas cuidado para não ficar sozinho
*Pois nas ilhas das tre*vas a morte vem cedo de manhã bem cedinho”

— E acho que já descobri onde está a segunda chave.

— E onde está?

— Essa é a parte má, ela está no lugar mais amaldiçoado de toda Animândia. Um lugar em que nossos piores pesadelos se tornam realidade, ela está na Ilha Negra!

Capítulo 17: O Navio Fantasma

"*A morte é um dia que vale a pena viver*" — Capitão Barbossa.

O barco navegava serenamente, o mar estava calmo o céu estava repleto de estrelas estávamos navegando a dois dias e até agora nenhum sinal das Ilhas Negras estávamos perdidas? A cada momento que passávamos no ar mais a dúvida se transformava em certeza mas, eu confiava em Linda e sabia que com ela ao comando a gente chegaria em segurança ao nosso destino.

Saímos do deserto depois de uma temporada intensa de treinos, com sorte reaprendi diversos feitiços que tivera esquecido, com Linda como treinadora não tinha como esquecer os feitiços que ela me ensinava aos poucos já estava começando a me tornar numa feiticeira mesmo sem ter passado numa escola.

Aos nos aproximarmos cada vez mais do oceano conseguia sentir a brisa marítima nos envolver, logo poderia ver o fim do deserto e o início do mar que se envolviam numa beleza avassaladora com as ondas do oceano beijando as imponentes dunas do Deserto num movimento mais que perfeito numa mistura entre o azul e o dourado que retrata a beleza da natureza.

Com a maré começando a ficar cheia tínhamos pouco tempo para entrar no antes que o mar ficasse agitado, mas precisamos de um barco urgente e a pergunta que não se calaria era onde encontraríamos um barco em pleno deserto? Só um milagre salvaria nossas vidas, bem e foi isso que aconteceu se é que podemos chamar de milagre.

— Como encontraremos um barco em pleno deserto? É preciso um milagre só de encontrar água por aqui quanto mais madeira. — Falei jogando pedra ao mar frustrada.

— Estou pensando. — Disse Linda agachada olhando para o chão e desenhando na areia molhada na maior calmaria.

— Quando você pensar numa solução me…

— Já sei! — Disse ela se erguendo contente e com um forte entusiasmo.

— Como você pensou tão rápido?

— Ao invés de eu pensar no problema eu penso na solução. — Respondeu olhando ao redor.

— E qual é a solução? — Perguntei cruzando os braços.

— Existe uma lenda sobre esses mares. — Começou Linda por dizer com os olhos fixos no imenso oceano a nossa frente. — Dizem que essas águas de encontram amaldiçoadas e que de vez em quando navegando sobre elas se encontra um navio pirata fantasma.

— Navio pirata fantasma?

— Sim, dizem que o capitão desse navio era um homem forte e destemido e para provar a sua bravura desafiou a Morte para um duelo.

— Deixa adivinhar ele perdeu?

— Não. O ego do capitão era tão grande que ele se recusava a perder por isso ele ganhou mas, com trapaça e quando a Morte descobriu isso ela amaldiçoou o capitão o levando para o seu reino onde sofreria pela eternidade.

— E o que aconteceu com a tripulação?

— Já a tripulação foi amaldiçoada a navegar por esses mares dia após dia, pela eternidade pagando pelos pecados de seu capitão a espera que algum dia possa surgir alguém bravó o suficiente que desafie novamente a Morte.

— Mas, porquê eles tiveram de sofrer? Por crime de um todos têm que sofrer? — Linda girou a cabeça olhando lentamente pra mim fitando seus olhos nos meus.

— É complicado entender a justiça divina Jéssica. Por vezes aquilo que consideramos injusto seja justo aos outros olhos por isso eu não julgo sem saber dos dois lados.

— Mas não acho justo. — Murmurei baixinho com os braços cruzados frente ao peito, Linda sorriu. — E como a gente pega esse navio fantasma?

— Através de um encantamento a gente pode o convocar.

— E você sabe o encantamento?

— Mais ou menos.

— Mais ou menos? Como assim mais ou menos? E mesmo você sabendo como podes ter a certeza de que nos levarão pra lá?

— Bem, eu não sei. — Respondeu dando de ombros se virando em direção ao mar.

— E não sabes? — Falei a seguindo.

— Às vezes a gente só precisa um pouco de fé! — Respondeu suspirando e fechando os olhos. — E de sorte.

Ela abriu as mãos e elas começaram a brilhar enquanto murmurava um encantamento que eu não conseguia entender mas, conseguia ouvir as palavras ecoando pela minha mente.

— Akidiun Omanu! Akidiun Omanu! Akidiun Omanu!

Os céus outrora claro se tornou negro e raios surgiram, o tempo de tornou mais agressivo com rajadas de ventos se dirigindo em direção ao mar arrastando um monte de coisas para o oceano foi tão forte que tive que me segurar para não ser arrastada junto.

A tempestade que Linda convocou se tornava cada vez mais agressiva, os olhos dela se tornaram azuis como um trovão num momento pensei que fosse o Thor. Os céus se abriram em um círculo perfeito e um raio se projetou bem no centro atingido a água.

No segundo seguinte um navio enorme todo ele feito de madeira surgiu navegando serenamente em direção a nós, Linda desabou de joelhos estava cansada eu corri em auxílio a segurando antes que desabasse completamente no chão.

— Você está bem? — Falei pondo a mão em sua testa.

— Consegui! Não pensei que daria certo! — Respondeu com um sorriso feliz no rosto.

— Eu sempre acreditei em você. — Falei. Ela sorriu ainda mais.

O barco parou em sua grandiosa estrutura, todo ele pintado de negro como a noite. De com no convés ouvimos passos se movendo de maneira frenética e uma voz ecoava alto e bom som:

— Terra à vista! — A tripulação do navio se reuniu no convés e pela primeira vez eu tive o primeiro vislumbre deles.

Três pequenos botes foram mandado para a água com uma pequena parte da tripulação nele, os botes remaram até a beira. A tripulação saiu em passos largos e apressados parando a poucos metros de nós com o olhar intimidador em seus rostos via as suas cicatrizes, memórias de uma vida.

Todos os tripulantes se alinharam a nossa frente com um atrás do outro estavam organizados em fila indiana. E então eles começaram a… Dançar, a entoar gritos e caretas em movimentos vigorosos, fazendo contorções faciais, como esbugalhar os olhos e mostrar a língua para fora e tapas nas mãos, antebraços, contra o corpo e pernas tudo arranjado ritmicamente com a canção de guerra.

Eles deram início ao seu grito de guerra gritando um cântico que eu não conseguia perceber e que era mais ou menos o seguinte:

“Ingabe ukufa! Ingabe ukufa! Impilo! Impilo!
Iqhawe leli
Lokho kwenza ilanga liphinde likhanye
Nenyanga iyesaba
Ndawonye! Sisonke sizowina!
Ndawonye! Sisonke sizonqoba, ilanga libalele!”

A dança acabou, Linda e eu trocamos olhares confusas, parece que nunca nenhuma de nós tinha visto aquele tipo de cena alguma vez na vida, de certeza seria difícil tirar da cabeça.

No meio deles saiu um homem que tomou a dianteira do grupo, era alto e o corpo todo musculoso descamisado, a pele morena e o peito e os dois braços cobertos por montes de tatuagens, da cintura pra baixo usava uma calça forte e larga que chegavam até aos joelhos, sapatos. Preso a cintura estavam sua espada e facas.

— Saudações! Meu nome é Qhawe, filho de Ukufa Qhawe — Anunciou ele alto e em bom som indiferente ao que acabara de acontecer, agora eu me sentia que estava a participar num filme da Disney. — Nós somos os Isigebengu Sasebusuku os reis destes mares… Quem dentre vós teve a ousadia de convocar o Inkosi Yezilwandle?

Não respondemos, não sabíamos o que responder ainda nos encontrávamos atônitas demais com a situação.

— Fui eu. — Respondeu Linda.

Todas as atenções se focaram automaticamente nela. De repente todos os piratas se ajoelharam e proclamaram:

— *Nós os Isigebengu Sasebusuku serviremos ao senhor*
Em cada momento não importa a dor
Até que os mares deixem de ser mares
Iremos cumprir tudo o que desejares
Minha espada será tua espada
E meu sangue honrará somente a ti
Até o fim de minha vida
Até que me libertes eu sirvo a ti!
Isigebengu Sasebusuku!

— Isigebengu Sasebusuku! — Gritaram os outros em resposta.

— A senhora nos convocou por isso estamos as suas ordens capitão! — Falou Qhawe olhando para Linda que estava parada ainda um pouco em choque.

— Capitã? — Disse Linda sem palavras na boca. — Eu não sou… Porque eles me chamam de capitã? — Linda sussurrou pra mim.

— Acho que faz parte da sua maldição. Lembra? A que a Morte os lançou. — Ela assentiu pensativa.

— *"Até que libertas eu sirvo a ti…"* — Linda repetiu a frase.

— Acho que como foi você quem os convocou eles servem a ti como "capitã" até você quiser os libertar da sua maldição.

— E como faço isso? Como os liberto de sua maldição?

— Não sei… acho que quando chegar o momento você saberá.

— Mas, não tem outro jeito?

— Provavelmente não, além do mais precisamos deles pra chegar a ilha e você foi quem os convocou logo és a nossa capitã! — Falei fazendo uma continência. Linda sorriu.

— Ok. Mas não me chame de capitã.

— Está bem capitã. — Falei repetindo o sinal.

— *Isigebengu Sasebusuku*! — Linda falou para os piratas. Eles automaticamente ergueram o olhar firme.

— Sim! Capitã! — Responderam firmemente os homens. Levei um susto, a presença deles chegava dar-me calafrios de tão intimidantes que eram.

— Precisamos hmmm — Linda baixou o olhar e depois ergueu-o novamente. — Precisamos da vossa ajuda.

— O que a capitã ordenar! A gente obedece! — Gritaram eles em resposta.

— Entendo. Vocês sabem como chegar às Ilhas Negras? — Aquilo atingiu os piratas que nem uma bomba.

Depressa ficaram agitados e cochichando entre si assustados só com a simples menção desse nome como se fosse uma maldição, uma maldição que nem os bravós piratas ousavam ouvir.

— As Ilhas Negras capitã? — Falou Qhawe com o receio e e disfarçando o medo em sua voz.

— Sim.

— As Ilhas Negras são um lugar amaldiçoado

— Nós já sabemos disso. — Disse Linda.

— Mas, é pior do que vocês sabem. — Falou Qhawe, agora eu temia o que falava. — O seu percurso é aterrador, com mares tumultuosos, tempestades violentas e criaturas sanguinárias em busca de sangue a sua viagem é um verdadeiro sacrifício um preço que nem o mais louco dos capitães está disposto a pagar.

— Não tem como contornar esse caminho? — Perguntei engolindo em seco.

— Ahhh minha querida essa não é a parte pior. — Respondeu Qhawe com seu olhar penetrante. — A pior parte é a ilha, ela chama todos os que se aproximam dela para a morte é literalmente a Ilha da Morte é onde estamos mais perto da morte em toda Animândia. É um lugar terrível capitã tens a certeza que queres ir pra lá?

Linda e eu trocamos olhares, sabíamos o que queríamos e o que deveríamos fazer mas, ouvir aquelas palavras dos marinheiros trouxe pra mim arrepios em todo o meu corpo, realmente estava com medo.

— Sim! Nós queremos ir pra lá. — Falou Linda com toda a certeza na voz.

— Sendo assim… — Falou Qhawe engolindo um seco um pouco nervoso com a decisão. — Seu desejo é uma ordem! — Gritou ele pra os homens que rapidamente começaram a se mover ainda se sentindo um pouco relutantes com a ideia da viagem.

Os homens embarcaram rapidamente nos botes tão organizados como se fosse um pelotão do exército. Linda eu trocamos um último olhar de confirmação e embarcamos no bote em direção ao enorme navio.

A viagem até o navio foi silenciosa, ninguém queria falar nada estavam atônitos demais pra dizer alguma coisa, a notícia sobre a viagem caiu como a bomba até pra aqueles piratas com anos de experiência a navegar pelos mares mais mortais ir para as Ilhas Negras era como assinar um pacto com a morte, um caminho sem volta.

— Tens a certeza, capitã? — Perguntou Qhawe uma última vez antes de embarcamos no navio.

— Sim. — Respondeu Linda não deixando transpassar o receio na voz.

— Saibas que uma vez estando lá é um caminho sem volta. — Alertou Qhawe.

— Não temos outra alternativa. — Respondeu Linda com o olhar fixo no horizonte. Qhawe não disse nada abriu a boca pra falar e logo depois tornou a fechar.

— Agora eu estou a ficar com medo. — Comentei baixinho pra Linda.

— Eu também estou mas, temos que ser fortes o destino depende de nós. — Respondeu ela, pela primeira vez eu vi uma outra faceta de Linda: alguém forte e destemida que não tem medo de arriscar.

— "*O destino depende de nós*". — Repeti e ela assentiu.

A gente embarcou no enorme navio pirata com todo ele pintado de negro, com sua bandeira vermelha e com uma caveira preta no centro era evidente a supremacia que o Inkosi Yezilwandle imanava sobre os mares, qualquer navio que se cruzasse com ele podia sentir o tremor que provocava aos demais navios.

Os demais piratas andavam de um lado para o outro preparando o navio para a viagem o medo era perceptível em seus rostos, podia jurar que vi alguns transpirando de nervosismo com a terrível notícia.

— Quais as ordens capitã? — Qhawe perguntou pra Linda de repente todo o navio ficou em absoluto silêncio a espera das últimas palavras dela.

— Para as Ilhas Negras! — Ordenou ela e todos obedeceram.

— Vocês ouviram a capitã!

— Içar velas! — Gritou Qhawe andando de um lado para o outro dando ordens aos demais.

— Içar velas! — Repetiram os outros.

— Preparar mantimentos! — Gritou Qhawe de novo.

— Preparar mantimentos! — Repetiram outra vez.

— Preparem essa beleza para a viagem. A aventura nos chama cavaleiros, o destino está a nossa!

O navio começou a se mover lentamente. Estava sentindo o entusiasmo tomando conta de mim, estava sentindo o mar me chamando, estava sentindo o cheiro da morte.

Então Qhawe ergueu-se

— Senhores preparem-se, pois encontraremos a Morte! Isigebengu Sasebusuku! — Gritou Qhawe.

— Isigebengu Sasebusuku! — Repetiram os outros.

E assim Inkosi Yezilwandle navegou rumo em direção as Ilhas Negras.

Capítulo 18: A Tempestade

"*Os grandes navegadores devem sua reputação aos temporais e tempestades*" — Epicuro

O barco navegava serenamente, o mar estava calmo o céu estava repleto de estrelas estávamos navegando a dois dias e até agora nenhum sinal das Ilhas Negras estávamos perdidas? A cada momento que passávamos no ar mais a dúvida se transformava em certeza mas, eu confiava em Linda e sabia que com ela ao comando a gente chegaria em segurança ao nosso destino.

Estávamos no mar há dois dias e nesse tempo o mar estava extremamente calmo comecei a duvidar dos medos que os marinheiros sentiam que mesmo apesar do mar estar calmo ainda assim estavam nervosos. Dominada pela curiosidade resolvi investigar a respeito.

Procurei por Qhawe o "imediato" do navio, era ele quem dava ordens vindas da capitã para os marinheiros, ele estava parado mostrando alguma coisa no mapa para Linda que vestida com suas vestes de capitã pilotava o navio. Caminhei até eles, Linda foi a primeira a me ver e depois Qhawe que ainda segurava consigo o grande mapa.

— Bom dia! — Cumprimentei com um sorriso no rosto.

— Como estás? Conseguiu descansar? — Qhawe perguntou.

— Consegui sim e você?

— Na medida do possível. — Respondeu ele com o olhar distante.

— O que estavam vendo no mapa?

— Qhawe estava me mostrando no mapa em que direção nós vamos. — Linda tomou a palavra. — Segundo ele uma tempestade está se aproximando e sugeriu tomamos um atalho e nos desviamos da tempestade.

— Exatamente! É a melhor coisa a se fazer capitã.

— E qual é a sua opinião Jéssica? — Linda perguntou e eu senti os olhares deles sobre mim a espera da minha resposta como se fosse a resposta decisiva.

— Eu…

— Você? — Linda perguntou.

— Eu concordo com Qhawe afinal é ele quem possui a maior experiência no mar entre nós. — Linda assentiu.

— Que assim seja!

— Atenção marinheiros! Mudança de rota virar oitenta graus para sul. — Gritou pra os marinheiros que depressa corriam acatando as novas ordens.

— Eu tenho uma pergunta Qhawe. — Falei, ele assentiu. — Porque os marinheiros temem tanto a Ilha Negra?

— Porque é um lugar terrível minha jovem. — Respondeu Qhawe com o horror em sua voz. — O caminho pra chegar lá é cheio de perigos com monstros marinhos destruidores de navios.

— Entendo.

— E há mais. — Continuou ele. — Os mares ao redor da Ilha Negra é habitado por sereias.

— Sereias? Que legal! — Linda falou sorrindo.

— Não. Não existe nada de legal nelas Capitã. — Alertou ele. — Sereias são criaturas carnívoras sedentas de sangue que seduzem os marinheiros com suas vozes hipnotizantes afundando navios e frotas inteiras enquanto se alimentam de seus medos devorando seus corpos afundados em milhares de pedaços. Elas são conhecidas como as Vozes da Morte!

— Que horror! — Falou Linda abismada.

— Milhares de homens morreram só de ouvir as suas vozes. — Continuou Qhawe. — Os mais privilegiados sucumbiam a loucura total.

— E sobre a ilha? Podes me contar algo sobre a ilha?

— Eu nunca estive lá. Mas, dizem que ela é habitada por diversos monstros mais terríveis que as sereias.

— E como pode acreditar nisso?

— Existe uma razão pra que todos os que se aventuraram a ir na Ilha Negra nunca retornarem e seja qual seja a razão eu prefiro morrer na inocência do que chegar lá e descobrir a terrível verdade.

— Mesmo assim eu prefiro descobrir a verdade por mim mesma. — Rebati.

— Nem sempre a verdade é aquilo que a gente quer ouvir, por mais que ansiamos descobrir a verdade sobre as coisas por vezes a verdade torna-se tão ruim como a mentira. — Qhawe se virou pra Linda e falou seriamente. — Seja qual for o motivo que vos leva pra lá eu vos aconselho a terem cuidado pois a Ilha é um local imprevisível!

— Entendi Qhawe. A gente terá cuidado! — Qhawe assentiu e de seguida se retirou nos deixando a sós.

— Acho que não gosta muito de mim. — Falei enquanto ele se afastava.

— Eu sei.

— Espera aí você sabe? E porquê me fizeste a pergunta?

— Porque eu gosto do caos. — Respondeu ela abrindo as mãos e o rosto brilhando num sorriso. — Além do mais, quero ver até onde isso vai dar.

— Você não presta. — Murmurei soltando um muxoxo.

— Eu sei… — Respondeu ela sorrindo. — Estou a aprender contigo.

— Mas, agora é sério… porque ele não gosta de mim? — Ela parou de sorrir e respondeu:

— Talvez porque pensa que tu irás o substituir na posição dele de “Imediato”.

— Porque ele pensaria isso? — Rebati pronta para discutir mas, do nada caiu a real em mim e eu entendi o que ela queria falar. — Ammm entendo. — Falei, Linda balançou a cabeça em concordância.

— Enfim... O que achas que devo fazer? — Perguntei.

— Falar com ele o acalmando de que não irás ficar com o lugar dele. — Linda respondeu.

— Boa ideia! — Falei indo ao encontro dele.

Mas, enquanto eu me aproximava dele senti algo estranho, uma mudança drástica no ar quase imperceptível e subitamente o clima mudou, antes o sol brilhava fortemente agora o céu estava todo negro o dia tinha virado noite e só existia uma explicação para aquilo, a tempestade nos apanhou.

— Tempestade! — Qhawe gritou, subitamente todos no barco ficaram agitados se movendo rapidamente fazendo tudo para se proteger da violenta tempestade.

— Tempestade! — Gritaram os homens uns com os outros.

— Amarrar cordas! Soltar velas! Preparem-se para a tempestade! — Gritou Qhawe.

— O que eu faço? — Perguntei para Qhawe.

— Nada! Procure um lugar para se abrigar que a gente cuida de tudo. — Respondeu ele correndo até Linda.

Todos estavam tão ocupados a tentar evitar o pior que nem notaram quando um nevoeiro se abateu sobre o navio, de repente senti um arrepio na espinha, um frio na barriga que nunca tinha sentido e em meio a gritaria tudo se tornou silêncio e no silêncio ouvi uma voz ecoando uma melodia.

Não era qualquer voz, era a mais linda das vozes era como se os anjos estivessem cantando aos poucos me sentia hipnotizada com a voz não conseguia tirar da cabeça aquela canção, subitamente senti um impulso me dizendo pra me jogar no mar.

— Jéssicaaaa. — Ouvia meu nome sendo chamado mas, não conseguia resistir aquela voz só queria obedece-la e nada mais, não conseguia controlar meu corpo quando dei por mim estava na beira do navio quase a saltar.

— Jéssica! — Olhei ao lado e vi Linda me segurando pelo braço. Seu olhar em pânico não conseguia entender o que se passava. — O que está fazendo?

— Eu… — De repente saí do transe, minha boca estava seca e infelizmente sabia o que se passava. — Sereia! — Gritei apontando elas que começavam a invadir o barco.

— Ah não… — Exclamou Linda. — Qhawe protejam o navio. — Gritou ela para o imediato, ele assentiu. — Você está bem para lutar?

— Acho que sim. — Respondi.

— Ótimo! Porque precisamos de ti antes que viramos um peixe. — Ela sorriu.

— Contando piada agora?

— Bem eu simplesmente aprendi com você. — Ela saiu correndo em disparada até o volante.

A chuva começou lentamente, ao meu redor as sereias entraram numa batalha frenética contra os marinheiros, os seus encantamentos ecoavam pelo todo o navio, um a um os marinheiros eram dominados pelo transe

— Jéssica! Preciso de ajuda — Linda gritou. — Os homens eles… — Ela apontou.

Virei meu olhar para ver onde ela apontava e vi, um a um os homens se aproximavam da beira do barco e se preparavam para saltar para o oceano. O que iria fazer? Minha mente entrou em um turbilhão de pensamentos e soluções a procura de resposta.

— Qhawe você está…? — Falou Linda em choque.

Eu vi Qhawe se contorcendo como se estivesse tendo um ataque cardíaco tentando desesperadamente resistir a tentativa de hipnose das sereias.

— Sinto muito Capitã. Eu tentei… — De seguida ele sucumbiu ao encanto e já não era mais o mesmo.

Linda baixou o olhar ainda em choque e um pouco abatida e por fim ergueu-o muito rapidamente e um olhar de determinação surgiu em seus olhos, tão mortal como de um tigre.

— Jéssica proteja navio! — Ordenou ela se recompondo.

— Está bem capitã! — Falei fazendo uma pequena continência.

Ela sorriu e logo de seguida girou rapidamente o volante fazendo uma curva arriscada pra direita tentando se desviar das sereias ao redor.

Meu olhar parou no centro do barco onde uma corda estava lá parada, minha mente encontrara a solução. Rapidamente corri até a corda agarrei nela e corri dando a volta ao mastro central muito rapidamente circundando todos os marinheiros.

Estiquei a corda e todos eles foram puxados pela cintura pra trás os afastando do perigo. Eles tentaram lutar se debatendo contra as cordas, não conseguiam parar quieto poderia ver em seus olhos a vontade que tinham em se jogar ao mar como se o mar fosse a terra prometida, o mais belo dos paraísos, tive que me desviar de vários golpes que investiam contra mim mas, por fim eu tinha conseguido amarrar a todos.

— Ufa. — Falei respirando fundo. — Agora fiquem aí bem quietinhos que a mamã tem que trabalhar! — Eu ri, nossa como eu adorava as minhas piadas.

Fechei os olhos enquanto as pequenas gotas de água me apanhavam, tudo estava silencioso e tranquilo, suspeitei fundo e conjurei minha espada.

— Hora do sushi! — Gritei investindo contra as sereias.

Ataquei a primeira sereia que estava a minha frente, ela ergueu seus enormes dentes rosnando contra mim, com suas garras ela investiu, travei com a espada cortando sua mão que se dissolveu em água, e desferi um golpe atingindo o seu pescoço, a criatura se dissolveu completamente em água.

As outras sereias vendo a cena fugiram de medo, outras rosnaram em fúria e atacaram em simultâneo, dei de costas e corri em direção a Linda que com maestria pilotava o navio contra a tempestade evitando os penhascos a nossa frente.

— Preciso de ajuda! — Falei. — Acho que provoque as sardinhas.

— Com essas piadas não tem como não provocar. — Respondeu ela rangendo os dentes.

As sereias saltaram contra nós e antes que nós atingissem Linda lançou sobre elas um feitiço que as fez se dissolverem instantemente lançando enormes quantidade de água sobre nós.

— Viu eu sabia que… — Minhas palavras foram silenciadas, a nossa frente estando em um rochedo uma grande sereia apareceu. A sereia começou a cantar e raios surgiram atingindo violentamente o navio.

— Cuidado! — Um raio atingiu bem no nosso meio nos lançando violentamente para o ar.

Estava deitada no chão, desorientada e com os sentidos confusos, minha visão estava embaçada, a chuva tinha aumentado severamente o que dificultava a visibilidade.

Olhei ao redor e Linda estava igualmente deitada inconsciente, olhei para o volante que girava descontroladamente o navio todo estava descontrolado Ergui-me do chão correndo até ela.

— Capitã acorde! Precisamos de você! — Falei tentando a despertar.

Lentamente ela abriu os olhos no primeiro momento se sentindo um pouco desorientada mas, depressa recuperou completamente os sentidos.

— O barco! A tempestade! — Falou se erguendo em um pulo.

— Precisamos de você capitã! — Falei entregando a ela a sua espada. Ela assentiu a pegando.

Ela correu até o volante girando muito rapidamente.

— Cuidadoooo! — O navio passou a centímetros a dos penhascos, de repente senti um tremor que me derrubou no chão, um penhasco tinha atingido o navio agora água entrava rapidamente por ele.

Conjurei minha espada, que veio voando até mim rapidamente a nossa frente a sereia olhava em fúria pra nós, seu plano tinha falhado ou será que não tinha? Pois seu olhar de fúria mudou para um olhar cheio de malícias.

No céu um raio saiu em disparada atingido a bandeira do navio a queimando completamente, o pior ainda estava por vir quando uma onda gigante se formou a nossa frente tão grande como um tsunami.

Agarrei numa corda no navio, recuei uns passos para trás e corri me lançando ao mar, quase atingindo as águas a corda esticou completamente fazendo força e me lançando pelo ar, eu voei em direção a sereia.

— Eu Ariel. — Falei assim que aterrei. — Eu gostava mais de você quando perdeste a voz! — Dito isso ataquei.

A gente se envolveu numa tremenda luta, a sereia sacou duas facas com os gumes em formato de tridente, lutávamos em meio a chuva, no alto do céu raios de tornavam cada vez mais violentos.

A sereia investiu lançando sobre mim raios, desviei para a esquerda e com minha espada lancei sobre ela uma rajada de ventos. A criatura cambaleou para trás largando as suas facas que voaram para longe.

A criatura lançou-se sobre mim e juntos a gente entrou no mar. Depressa se agarrou a mim nadando cada vez mais fundo, com suas enormes garras ela continuou as investidas enquanto tentava me afogar cada vez mais.

Eu me batia freneticamente tentando desesperadamente me livrar da sereia que com seus braços firmes me mantinha presa e mais fundo a gente ia.

Em meio a calmaria que era estar no fundo do mar minha mente foi envolvida em um misto de pensamentos, meus pensamentos vaguearam em direção ao deserto, agora eu estava no deserto.

— Pra se tornar numa feiticeira é necessário ter o domínio de vários feitiços. — Falou Linda. Ela estava a minha frente a uma distância de três metros segurando o seu cetro.

— Falar é fácil. — Resmunguei.

— E parece que reclamar é mais fácil ainda. — Ela atacou lançando sobre mim raios de poder.

Os raios me atingiram bem no meio da barriga me lançando ao longe.

— Au! Essa doeu! — Falei acariciando minha pobre barriguinha.

— Você fala demais e esquece do mais importante! — Falou Linda se aproximando com o rosto em fúria.

— E o que é o mais importante? — Gritei.

— Concentração! Concentre-se!

O grito de Linda despertou a minha consciência, meus olhos outrora pálidos se abriram eu sabia o que tinha que fazer mas como? Pensei nas palavras que ela me falara que insistiam em vaguear minha mente quase como um sussurro onde poderia sentir o mar falando o mesmo: *Você fala demais e esquece do mais importante.*

Eu tinha de me concentrar naquilo que era o mais importante, era o meu dever, era a minha missão eu tinha que me tornar numa feiticeira sentia como se o destino de tudo dependesse disso como se o peso estivesse todos em minhas costas.

Fechei os olhos e me concentrei, agora não ouvia mais nada estava tudo calmo e sereno.

— Concentração! Concentração! — Pensei esvaziando a mente.

Suspirei profundamente e abri os olhos, algo aconteceu, algo que não conseguia explicar, meu corpo começou a brilhar fortemente a sereia percebendo apertou ainda mais e então uma explosão aconteceu violentamente revirando o fundo do mar e desintegrando por completo a sereia.

Olhei ao redor me perguntando o que acontecera e a explosão vinha de mim, fui eu quem a provocava, olhei para as minhas mãos que ainda brilhavam fortemente eu consegui! Finalmente consegui! Sorri feliz mas, estava ficando sem tempo e conjurei a minha espada que vejo nadando até mim.

Com um movimento saí nadando rapidamente igual uma sereia rumo a superfície. Saltei da água aterrando no barco de modo heroico e claro fazendo o pouso de super-herói!

— Eu consegui! — Gritei toda feliz.

— Conseguiu o que? — Linda perguntou.

— Eu fiz… — Não deu tempo para falar pois a nossa frente como se tivesse saído diretamente de um filme de desastre de Hollywood, uma enorme onda se formava.

— Ah não! — Exclamou Linda apavórada. — É melhor você se seguraaaaarrrr! — Gritou ela a medida que o navio cada vez mais se inclinava na posição vertical.

Linda estava pilotando o navio com as pernas estendidas para baixo, seu rosto determinado tentava desesperadamente evitar que o navio virasse por completo. Tudo dentro do navio começou a se mover muito violentamente caindo para o mar.

Agarrei-me segurando com os braços no cimo do mastro ficando a poucos metros acima da tripulação, um pedaço de madeira se desfez a minha frente se dirigindo a mim. Desviei para o lado evitando que um caixote me atingisse bem na cabeça.

Precisava fazer alguma coisa antes que a onda nos engolisse por completo, soltei os meus braços aterrando na porta da sala do capitão, com minhas espadas em mãos saltei ferozmente ao alto.

— Ahhhhh — Gritei, um raio brilhou no céu a chuva batia sobre minha face.

E, segurando a espada com as duas mãos e erguida pra cima desferi um golpe mandando uma forte rajada de vento para a enorme onda dividindo ela em duas. O barco entrou no meio das duas ondas descendo muito velozmente, eu aterrei no meio do navio me segurando outra vez no mastro.

— Se seguraaaaaaaaa!!!!! — Gritou Linda a medida que o navio descia cada vez mais fundo navegando em ziguezague descontrolado.

Olhei pra a esquerda e direita e vi peixes nadando rapidamente, inclusive senti um deles olhando diretamente pra mim, mas eram só peixes e nada mais. Olhei para trás e a grande onda corria atrás de nós tão linda e igualmente mortal e pelas laterais preenchendo todo o espaço ao redor.

Linda fez uma curva arriscada pra a esquerda, o barco virou completamente girando em voltas como um disco de peão.

O navio girou tão rápido que eu fiquei enjoada, minha visão ficou embasada e fechei os olhos, rezando para aquilo que passasse. Senti o navio mergulhar mais fundo e então o navio subiu rapidamente e saltou para o ar.

O barco atingiu o mar em um baque o fazendo balançar de um lado pro outro mas, por fim se estabilizou por completo. O mar tinha se acalmado, o sol voltou a surgir calmante as nuvens de chuva desapareceram e foram substituídas por um céu azul claro, a tempestade tinha desaparecido e mais uma vez a gente tinha sobrevivido.

— Conseguimos... Conseguimos. — Falou Linda entre suspiros e a voz e as mãos trémulas.

Ela estendeu a mão se apoiando para não desabar ao chão e sentou-se calmamente. Eu corri até a beirada do navio e vomitei fortemente estava enjoada demais pra fazer outra coisa.

— O que aconteceu? — Ouvi uma voz familiar perguntar, era Qhawe ele tinha recuperado a consciência.

— As sereias nos acataram. — Respondeu Linda calmamente levantando e cortando a corda que os acorrentava. — Elas hipnotizaram vossas mentes e…

— A capitã nos salvou? — Perguntou um dos homens.

— Deveriam agradecer todos a Jéssica, foi ela quem vos acorrentou e salvou a vossa vida, E se ela não tivesse lutado contra as sereias duvido que alguém de nós estaria aqui vivo. — Respondeu Linda.

De seguida todos os olhares se viraram pra mim que ainda tinha o olhar virado para o mar, lentamente ergui meu olhar e se virei para ver todos os olhares focados em mim.

— O que foi? — Perguntei me sentindo um pouco confusa.

— Eu estava errado sobre você. — Falou Qhawe. — Peço as minhas sinceras desculpas! — Eu assenti.

— Posso dizer que os méritos não são só meus. Se a Capitã não tivesse dirigido o navio do jeito que dirigiu duvido muito que estaríamos aqui agora. — Linda olhou pra mim e assentiu agradecida.

— Sendo assim... Salve Capitã Linda e Lady Jéssica! — Falaram os homens nos erguendo do chão nos jogando ao ar.

— Salve Capitã Linda e Lady Jéssica! — Gritaram os homens em resposta festejando completamente.

— Terra à vista! — Ouvi um dos homens falar, do cimo do mastro olhando para o horizonte lá estava ela a Ilha Negra.

Depressa os festejos pararam, a gente se aproximou e a viu tão bela e mortal que seu poder e influência emanava sobre o ar.

— Finalmente. — Falei suspirando um pouco.

— É agora! O fim da nossa jornada pelo mar. — Falou Linda que estava ao meu lado olhando também para a ilha.

— Isso significa um adeus? — Qhawe perguntou.

— É mais como um até já. — Linda respondeu.

— Mas, e agora? Voltaremos a ficar sem capitão? — Qhawe perguntou em tom de alarme.

— Não. Não voltarão a ficar sem capitão. — Falou Linda calmamente.

— Mas, como podes ter tanta a certeza? Se a capitã está nos deixando? Quem poderá ser o nosso capitão?

— Estou a olhar pra ele. — Respondeu Linda com os olhos fixos em Qhawe.

— O que? Eu? Não. Não. Não. Eu não posso ser capitão. Eu não…

— Acredita Qhawe, não existe homem mais honrado pra assumir essa missão. — Linda o entregou a sua espada de capitão.

Seus olhos se encheram de lágrimas, era estranho ver um homem daquela estrutura chorando, confesso que nunca pensei em ver uma cena daquelas.

— É uma honra pra qualquer pirata ter você como capitã. — Qhawe falou e dessa vez foi a vez dela de se emocionar.

— A honra é toda a minha. — Falou ela limpando as lágrimas que insistiam em cair de seu rosto.

— Isigebengu Sasebusuku! — Gritou Qhawe.

— Isigebengu Sasebusuku! — Dessa vez repetimos todos juntos em uníssono.

Naquela tarde a gente partiu finalmente para a Ilha Negra, a cada milímetro que nos aproximávamos poderia sentir a presença destruidora da ilha e o quanto ela começava a

atormentar meus pobres pensamentos conseguia sentir ela nos chamando para a loucura, nos chamando para o desespero, nos chamando para a morte!

Capítulo 19: A Ilha Negra

"*Infelizmente há momentos em que a violência é a única maneira de assegurar a justiça social*" .T. S. Eliot

Finalmente chegamos a tão temida Ilha Negra, estávamos exaustas após as aventuras exaustivas no mar queria um pouco de descanso e dormir na área mas, logo que pisamos na área senti uma sensação estranha me invadir, uma sensação negativa que alimentava minha mente com pensamentos negativos.

A ilha era totalmente negra, não existia cores como de estivéssemos num filme preto e branco pois só via tudo preto e branco incluindo nossas roupas outrora coloridas estavam tudo a preto e branco, a ilha tinha sugado todas as cores.

— Como isso é possível? — Perguntei olhando em redor e pra mim.

— É a Ilha ela suga toda a cor existente. — Respondeu Linda abaixando-se e apanhou areia do chão e lentamente começou a despejar no chão. — Toda a alegria, esperança e felicidade e em troca ela dá tristeza e sofrimento… esse é um dos motivos que os marinheiros tanto a temem.

Ela ergueu-se do chão o rosto sério e o olhar penetrante.

— E qual é o outro motivo?

— Aquilo. — Ela apontou pra frente. E a poucos metros de nós, estendida sobre a areia estava um monte de criaturas mortas, monstros dos mais diversos tamanhos uns maiores que os outros e alguns com as cabeças arrancadas. — Parece que Qhawe tinha razão sobre a ilha.

— Meu Deus! Quem… Quem fez aquilo?

— Acho que não iremos gostar de saber. — Linda respondeu. — Olhe! — Ela indiciou pegadas, pegadas de pessoa que se espalhava pela praia toda, seja o que aconteceu aqui de certeza que houve uma tremenda luta.

— Pessoas fizeram isso? — Perguntei olhando em volta.

— Pessoas não. — Ela ergueu o seu dedo indicador. — Uma pessoa fez isso.

— Uma pessoa? Como isso é possível?

— Não sei, só sei que por onde quer que olhe as pegadas são as mesmas. — Levei os braços a cintura ainda perplexa com a cena.

Alguém tinha morto aquelas criaturas, alguém tremendamente insano as tinha morto e onde quer que eu olhasse não se via nenhum sinal do misterioso assassino, seja onde for tinha desaparecido.

Linda caminhou pela praia analisando as diversas criaturas, a Ilha Negra era um local que diversos monstros viviam, monstros terríveis e cruéis e matar todos eles era um feito e tanto, no mundo dos caçadores seria considerado um herói.

— Acho que sei onde o nosso suspeito foi. — Falou Linda apontado para o longe onde as pegadas de dirigiam.

— Você é acha que foi ela? — “Ela” a gente sabia de quem se referia.

— Não tenho a certeza… mas, a cada momento parece ser a única explicação possível. — Falou seguindo as pegadas. — Vamos? — Perguntou olhando pra mim.

As pegadas de dirigiam para o meio da ilha, onde a densa vegetação nativa selvagem nos aguardava, as folhas e as flores eram igualmente negras, não existia vida animal lá, o ambiente lá era tão violento que todos os poucos animais que habitavam a ilha tinham sido devorados pelos monstros.

Entramos na floresta, tudo estava silencioso não se ouvia nenhum barulho, nenhuma ave ousava se aproximar da ilha e dos perigos que ela oferecia, após a violenta tempestade que se abatera sobre nós o céu estava calmo, o chão estava alagado e meus pés estavam sujos com lama suja o que dificultava a nossa locomoção.

— Droga. Meus sapatos! — Falei erguendo o pé vendo os meus sapatos e infelizmente estavam totalmente imundos, a parte de fora se descoseu completamente fazendo com que eles se abrissem por completo e meus dedos tocaram na lama suja.

— Não é nada que um pouco de sabão e cola não resolva. — Comentou Linda olhando para trás.

— Você não entendi, eu amo esses sapatos! — Choraminguei pisando o chão cheia de raiva. — Foi a única coisa que sobrou do incêndio.

— Entendo. Espera você está chorando?

— Não. — Falei limpando as lágrimas. — Estou de luto ok. Simplesmente estou processando o meu luto!

— Você está de luto por causa de sapatos? Que triste! — Ela se virou e começou a rir.

— Adeus! Meus sapatos! Amo muito vocês! — desamarrei os atacadores e com um salto se livrei dos sapatos. Agora estava descalça.

— Agora vás andar descalça? — Linda perguntou.

— Vou fazer o que se não tenho sapatos? — Falei dando de ombros e continuando a andar.

A gente continuou percorrendo a ilha desta vez em silêncio, não queríamos chamar atenção quando ao longe vi algo que me chamou atenção, se aproximei lentamente até a origem em passos silenciosos quando vi Makana.

Makana estava toda ensanguentada segurando uma cabeça de monstro de dois chifres, sangue escorria pelo chão lentamente ela estava olhando para frente ao seu lado estava uma mulher amarrada nas mãos, nas pernas e na boca estava com a cabeça pra baixo por isso num primeiro vislumbre não consegui identificar quem era.

— Linda. — Sussurrei fazendo sinal pra ela se aproximar. Lentamente ela se juntou a mim.

Ela olhou de cima baixo analisando a situação e por fim sussurrou:

— Quem é ela?

— Não sei.

— O que fazemos?

— Esperamos. — A mulher lentamente ergueu o olhar e para a minha surpresa era…

— Makira? — Congelei ao ver ela, o cabelo todo bagunçado e o corpo todo manchado e sangue e lama. Ela olhou pra mim aflita e mexeu a cabeça em tom de aviso.

De nada adiantou o aviso pois assim que me viro para trás surgindo nas sombras dou de cara com Makana e com um golpe ela me derrubou me fazendo cambalear pra trás. Depressa me ergui do chão tentei pegar minha espada.

— Não. — Falou ela, tinha apontado sua arma diretamente no pescoço de Linda. — Se tentares, ela morre! — Eu paralisei, olhei pra Linda que balançava a cabeça e de seguida pra Makana que mantida seu olhar fixo em mim de maneira fria, sabia que não estava blefando por isso obedeci.

— Agora. Largue o cetro. — Falou pra Linda que ainda segurava firmemente o cetro em suas mãos. Ela obedeceu com o olhar em fúria. — Boas meninas. — De seguida estalou os dedos e cordas mágicas apareceram amarrando nossos braços firmemente.

— Imagino a vossa frustração ao chegarem aqui e darem de cara comigo e perceberam que encontrei a segunda chave. — Makana começou por dizer andando em direção a Makira. — Imagino a vossa surpresa ao encontrarem aqui ela.

— O que você quer? — Falei cerrando os dentes.

— O que eu quero? Uau direto ao assunto. Gostei de você. — Respondeu Makana se aproximando de mim. — Porque é tudo tão superficial? O que você acha que eu quero?

— Porque não falas já o que queres? — Linda grasnou. Nossos olhares se desviaram todos pra Linda.

— Essa garota tem coragem. — Falou Makana segurando em seu queixo. — Mas, não te excites! Tudo tem o seu tempo… agora, porque não começamos as apresentações? — Falou ela se virando indo novamente até Makira e tirou a corda em sua boca.

— Para o que estás fazendo é uma loucura! — Makira choramingou com a voz aflita.

— Loucura irmãzinha? Agora é loucura fazer o que é justo? — Irmãzinha? Não. Não era possível… Makira e Makana eram irmãs? Algo não estava certo, foi um choque pra mim tanto para Linda que olhou pra mim confusa e o rosto perdido.

Se elas eram irmãs porque Makana nada me disse? Porque escondeu esse segredo de mim? E se escondeu isso de mim o que mais ela escondia? São questões que insistiam em invadir minha mente.

Senti como se a mulher que eu tinha conhecido a dias atrás não era a mesma que eu olhava agora. Parecia que era outra pessoa, alguém cheio de segredos

— Podemos fazer de outro jeito… ainda há chance.

— Chance? Foi isso que eu ouvi a vida toda. — Rebateu Makana . — Ainda há chance pra justiça e sabe o que eu recebi? Nada. Sabes porque? Porque a justiça sempre é cega pra quem não tem nada! Por mais que eles digam que a justiça é pra todos sempre existirão os mais privilegiados! E para pessoas como nós a justiça é uma esperança que nunca irá se concretizar um sonho a muito destruído. Então não venha me falar que ainda existe uma chance!

— Não é isso que papai e mamãe iriam querer…

— Não venha me falar deles pra mim! — Gritou colocando sua faca sobre o pescoço de Makana . — Eu estava lá quando tudo aconteceu. Eu estive lá quando a justiça foi cega ou você esqueceu? E sabe o que eu recebi?

Lentamente ela levou a mão até a face e tirou a sua máscara revelando o seu rosto por completo, o rosto do nariz até o queixo estava completamente desfigurado com marcas de queimaduras profundas e uma grande cicatriz descia desde a testa até a bochecha esquerda.

Lágrimas surgiram no rosto de Makira ao olhar pra irmã foi como se uma faca tivesse atravessado seu coração e eu podia sentir a dor dela, pior eu poderia sentir a dor que Makana carregava em seu peito e que tanto a atormentava, ao ver seu rosto desfigurado uma parte de mim sentiu pena dela.

Uma parte de mim compreendia os seus atos, uma parte de mim olhava para ela e simplesmente via alguém frágil como uma flor, alguém que já sofreu o bastante.

— O que aconteceu? — Perguntei baixinho em meio ao silêncio.

— Quer contar? — Makana perguntou serenamente a irmã.

— Foi há muito tempo, muito antes de termos conhecido a tua avó. — Makira começou a contar, Makana se afastou um pouco e sentou com o olhar pra baixo. — Na altura éramos crianças e vivíamos com nossos pais no Clã do Tronco. A gente era feliz vivíamos numa humilde casa localizada numa pequena pradaria.

— Nosso pai era um nobre carpinteiro, todos os dias ele levantava de manhã pra ir trabalhar e procurar nosso sustento e nossa mãe tinha falecido a algum tempo atrás quando Makana ainda era muito nova. A gente vivia da forma mais simples possível e mesmo assim a gente conseguia ver felicidade nas pequenas coisas.

Makana ergueu-se ficando de costas pra nós com o olhar pra baixo e os ombros curvos, suspirava lentamente.

— Meu pai… ele todos os dias trabalhava arduamente pra poder colocar um pão na nossa mesa e mesmo assim não era o suficiente, com duas crianças pra sustentar e a vida se tornando mais difícil pra nós e piorou ainda mais quando uma terrível seca se abateu sobre nossa quinta, nosso principal meio de sustento estava morto.

Uma leve brisa caiu sobre nós, por um momento fiquei imaginando a história delas e em como seria difícil viver naquelas condições não que eu tivesse tido uma vida de luxo, longe disso minha avó, assim como o pai delas, teve que batalhar arduamente pra poder me sustentar.

Sem a presença da filha ela teve que lutar dia após dia pra me dar uma vida condigna, uma vida que eu amava tanto e faria tudo pra tê-la de volta.

— Pra não morrermos de fome meu pai fez algumas dívidas… — Makira continuou a narrar, a voz dela falhou e lágrimas escorriam sobre seu rosto e ao vê-la eu pude ver a fragilidade que ela tinha e o quanto ela sofreu. — Ele fez dívidas com algumas pessoas que se revelariam duvidosas.

— E depois? O que aconteceu? — Linda perguntou com a expressão apreensiva.

— E então o pior aconteceu… Kravil um dos homens a quem meu pai tinha emprestado dinheiro queria o seu dinheiro de volta ele já começava a ficar impaciente e percebendo que meu pai não tinha como pagar decidiu agir por conta própria.

Meu olhar se desviou para Makana, fitei os olhos e vi o quanto ela se esforçava pra não lacrimejar

— Numa noite, enquanto estávamos jantando sentados a mesa comendo alegremente ouvimos um barulho o que parecia passos vindo de fora, curioso pra saber o que era nosso pai se dirigiu pra fora pra investigar e para a nossa surpresa era ele Kravil em pessoa.

— Tínhamos ouvido histórias sobre ele o quão terrível e poderoso ele era, diziam que ele não era pessoa de brincadeira e naquela noite a gente comprovou isso.

— *"É melhor se esconderem!"* — Falou meu pai pra nós.

— *"Não eu quero ficar contigo papá!"* — Falei chorando e segurando em seu braço. — *"Por favór papá"* — Eu não queria abandonar meu pai, eu queria ficar ao lado dele pra sempre.

— *"Não será muito perigoso você ficar aqui. Vão!"* — A gente se escondeu num compartimento na cozinha de onde infelizmente se poderia ver tudo o que se passava na sala.

Kravil e seus homens invadiram a nossa casa, todos armados até os dentes, seu sorriso presunçoso no rosto trazia um certo desconforto em nós.

— *"Ora. Ora. Ora. Se não é o Thiago Galarius. Como você está meu amigo?"* — Perguntou Kravil andando em círculos.

— *"Nós não somos amigos!"*

— *"Ora que inconveniência já não somos mais amigos? Não é isso que disseste quando vieste perante a mim.* — Respondeu ele fazendo gestos apontando para ele próprio.

— *"Eu falei que ia pagar eu prometi a você que ia pagar...* — Clamou meu pai.

— *"Shh* — Falou ele colocando seu dedo entre os lábios, meu pai parou de falar. — *, Promessas feitas a base do desespero não é promessa, é uma loucura e eu não vivo da promessa de loucos"*

— *"Por favór! Eu te suplico mais uma chance!"* — Clamou meu pai juntando as duas mãos em sinal de reza.

— *“Chance?* — Kravil riu alto. — *Não é isso que todo o mundo quer? Mas, nem todo o mundo a merece!* —Kravil sacou a sua arma de eleição, um enorme e pesado martelo cheio de picos afiados nas laterais.

Meu pai conjurou um feitiço que enviou os homens de Kravil para fora da casa e de seguida gesticulou as mãos e convocou uma ilusão, não estávamos mais em casa estávamos em lugar algum em meio a um bosque.

— *“Belo truque.* — Falou Kravil nada impressionado. — *De certeza que Irias fazer sucesso na feira”*

A luta começou, Kravil atacava ferozmente com seu enorme martelo desferindo golpes poderosos contra meu pai que por sua vez se desviava freneticamente de um lado para o outro. Meu pai ergueu a mão e uma parede fantasma surgiu travando o golpe de Kravil.

Kravil atacava cada vez mais feroz acelerando os seus movimentos, aos poucos os movimentos de meu pai se tornavam cada vez mais lentos e mesmo usando magia era evidente o cansaço que ele transparecia. Kravil ergueu o martelo e num movimento acertou-lhe em meio a face.

Ele cambaleou no ar e desabou no chão. A ilusão que ele convocava desapareceu, estávamos outra vez na nossa humilde casa.

— “Nãoooooooo!” — Gritei saindo do compartimento que estava escondida.

— “Não! Makana o que estás fazendo aqui? Eu disse pra ficares escondida! — Ralhou meu pai olhando-me de cima a baixo. Sangue escorria sobre sua boca e testa.

— “Não! Eu quero ficar contigo papai! Eu quero cuidar de você papai” — Falei chorando e o abraçando.

— “Está tudo bem querida! Papai vai ficar bem.” — Ele me abraçou

— “Ora. Ora. Ora parece que o cara tem uma filha. Que engraçado quem diria.” — Kravil riu alto.

— “Por favór! Eu peço misericórdia pela minha filha.” — Suplicou uma última vez.

— “Não peça misericórdia para mim. Eu não sou Deus!”

A violência começou, meu pai foi arrancado de meus braços enquanto eu chorava não querendo que ele fosse e foi arrastado até o meio da sala, os homens de Kravil que tinham entrado outra vez agarraram ele e o amarraram das mãos aos pés.

Kravil ergueu o seu martelo e começou a martelar o meu pai, o grito dele se encheu por toda a casa e Kravil me obrigou a ver o que iria acontecer com ele. Naquele momento foi como se um pedaço de mim se tivesse desfeito em milhares de pedaços, mesmo ainda sendo pequena a minha infância toda fora destruída naquele preciso momento. .

Naquela noite meu pai passou a noite toda a ser espancado, ferido e torturado e quando viram que ele não sofria o suficiente atenção de Kravil se virou para mim …

Ele olhou-me diretamente em meus olhos e disse aquelas palavras que até hoje ecoam em minha mente:

— "Que rosto lindo você tem sabe o que ficaria melhor nele? Uma pequena lembrança da incompetência de seu pai."

Makana se virou se aproximando de mim com a sua lâmina apontada em meu rosto.

Ele tirou a sua faca encostou ela sobre o meu rosto e perfurou ele e lentamente foi descendo da testa até a bochecha — Ela fazia aquilo que falava mas, sem fazer pressão *— enquanto sangue escorria para o chão. E sabe o que ele fez? Ele ria delicioso com aquilo. Pra ele tudo era uma simples e bela piada.*

Eu clamava chorando fortemente. E mesmo assim ele não parava ele continuava e cada vez mais me espancava e espancava ao meu pai, um a um os homens de Kravil com suas facas em mãos perfuravam o meu rosto. — Makana segurou a faca sobre o seu rosto refazendo movimento.

— Que horrível! — Linda falou com a voz triste e a comoção em seus olhos.

— E ainda não acabou, ele ainda não estava satisfeito com isso, pra ele meu pai não tinha sofrido o suficiente e então ele pegou num ferro quente e marcou a minha cara para sempre.

— E ele foi preso? — Linda perguntou apreensiva. — Ele foi julgado pelos crimes que cometeu?

"Ele foi acusado e levado perante ao Conselho Supremo dos Feiticeiros, no princípio eu tinha esperança de que ele fosse condenado por aquilo que fez que iria pagar pelos seus crimes.

Mas, a medida que o julgamento foi decorrendo eu vi o quão podre é a justiça, de repente a gente começou a ser tratado como os culpados e ele o inocente.

E no final, sem nenhuma surpresas ele foi absolvido, o juiz considerou justa a ação dele e condenou a nós. A nós!

Ele saiu todo confiante do tribunal celebrando em todo o lado meu olhar em fúria recaiu sobre ele e naquele momento percebi o quanto a justiça era cega, sempre em favór dos mais poderosos enquanto os pobres são jogados no lixo e eu jurei mudar isso.

Por anos eu treinei me aperfeiçoando e me tornei numa assassina letal, matando os que praticavam a injustiça, e protegendo os mais fracos.

Eu cacei Kravil em todo e qualquer canto e quando eu o encontrei, depois de tantos anos, e depois de ter morto todos aqueles que estavam com ele naquela noite, nossos olhares se encontraram.

Ele olhava pra mim completamente aterrorizado, o fantasma tinha chegado, e pude ver os seus olhos que ele não se lembrava de mim, depois de tantos anos vi que aquela fatídica noite pra mim pra ele foi umas das suas noites normais.

E fiquei a pensar nas vítimas que ele fez, em quantas sofreram, sofrem e viriam a sofrer nas mãos dele e por mais que seja difícil de acreditar ele sempre sairia impune e

percebi que por mais que o mate, surgirão outros iguais a ele que cometerão os mesmos atos que ele e sempre sairão impunes.

Lentamente eu removi a máscara e ele me reconheceu.

— 'Você! — Gritou ele tremendo. — Por favór! Me perdoe! Eu juro pra você o quanto estou arrependido! Se eu soubesse. Por favór eu peço misericórdia!

— "Não peça misericórdia pra mim. Eu não sou Deus!" — Falei. Seu rosto se contorceu em um sentimento que nunca pensei em ver em seu semblante: medo!

Ergui minha espada e com um golpe mortal enfiei a lâmina em seu peito, diretamente em seu coração. Sangue começou a escorrer pela sua boca e pelo seu peito manchando a minha lâmina.

— A justiça foi feita… — Sussurrei em seu ouvido enquanto que lentamente a vida desaparecia sobre ele.

Em meio aquele cenário eu entendi que o grande problema está no próprio sistema em si, e era ele que deveria ser destruído de uma vez por todas!

Uma vez eu ouvi uma frase "Não existe alguém tão pobre que não possa ser defendido e não há alguém tão rico que não possa ser julgado".

Quanta mentira numa só frase, o mundo real não funciona assim, o próprio sistema foi criado pelos poderosos só pra servir os seus interesses nós os pobres somos como umas simples formiguinhas em meio a uma grande selva de predadores servimos para sermos esmagados!

Nunca seremos ninguém, o sistema corrupto irá continuar a funcionar dia após dia e dia após dia sempre seremos injustiçados nesse sistema corrupto sempre foi assim e sempre será!

Com as Três Chaves em meu poder eu irei convocar Apokrius, e um novo mundo será criado, um mundo de paz e harmonia, um mundo sem lágrimas, um mundo sem dor, um mundo em que não serás julgado por aquilo que você tem e sim pelo que você fez em que a verdadeira justiça possa finalmente ser restituída."

— Eu acredito na mudança, eu acredito que podemos mudar isso e fazer um mundo melhor. — Falei em meio ao silêncio que se seguiu.

— Sim, eu também acredito na mudança. — Respondeu Makana serena. — Por isso estou aqui! Pra dizer já basta! Estou aqui pra se fazer ouvir as vozes dos inocentes!

— Eu acredito na mudança do jeito certo! Com os meios certos! Eu acredito na verdadeira luta! — Gritei fazendo com que minha voz se ouvisse.

— Makana, existem outras formas de fazer o bem, existem outras formas de combater a injustiça. — Hakana falou com a voz frágil e o rosto marcado pelas lágrimas. — Sei o quanto sofreste… Eu entendo você mas, podemos fazer isso do jeito certo.

— Não me venha falar de sofrimento! — Gritou Makana se aproximando da irmã. — Quando eu tive que usar essa máscara a minha vida toda, onde você estava enquanto eu sofria dia após dia com memórias daquele dia? Já sei. Você se escondeu enquanto me

vias a sofrer sempre ser a melhor em tudo mas, no fundo ambas sabemos o que você é: uma covarde.

— Sabe, enquanto você vivia nesse mundo cor de rosa, eu sofria em silêncio e o único consolo que encontrei foi na esperança fragilizada de que tudo iria ficar melhor, mesmo sabendo que não iria.

— Eu lamento eu…

— Não me venhas com lamento! Não preciso da tua hipocrisia nesse momento! — Gritou Makana apontando o dedo a irmã. — Porque não diga a ela o que aconteceu com seus pais? Porque contínuas mentindo a ela sobre isso? Ela não merece saber a verdade?

— Não. Não é o momento certo… — Respondeu Makira.

— Do que ela está falando? — Perguntei baixinho com meus olhares se desviando para uma e para outra.

— Seus pais. Makira não quer que você saiba a verdade. — Falou Makana olhando diretamente pra mim.

— O que aconteceu com eles? Eles estão vivos? — Makira retraiu o olhar não sendo capaz de me olhar — Certo?

— Infelizmente… Não. — Respondeu ela. — Sua avó continuou acreditando nisso, ela nunca desistira de os procurar mas, no fundo ela sabia a verdade. Todos sabíamos.

— O que? Mas… ela tinha pistas… — Exclamei com os dentes rangendo e lutando para que as lágrimas não caíssem. — Como eles morreram?

— Eles eram arqueólogos e numa noite houve uma explosão no laboratório. — Makira começou a contar. — Eles não conseguiram sair vivos, no dia seguinte seus corpos foram encontrados entre os destroços.

— Sua avó acreditava que não era eles e que tinham conseguido sair vivos e só deixaram os dois cadáveres que dizia ser falso. — Continuou Makana. — Mas, ambos sabíamos a verdade e ela… a pessoa a quem mais confiaste não foi capaz de te contar a verdade sobre você. Agora eu pergunto em quem você confia? Em quem você acredita?

— Para! — Falei tapando os meus ouvidos. Sentia a dor pesando em meu coração algo que eu nunca senti como se tivesse pedras em meu peito em que a cada segundo mais difícil se tornava de suportar. — Porque? — Olhei para Makana.

— Não era o momento certo…

— Para de me falar isso como se eu fosse criança! — Gritei. Minha voz se ouvindo em todo o lugar. — E minha avó? Onde ela entra na vossa história? — Perguntei com a questão pesando em minha garganta.

— Depois da morte do nosso pai, sua avó teve compaixão de nós e nos adotou, ela tentou de várias formas nos dar amor mas, o vazio que eu sentia em mim era impossível curar. — Respondeu Makira.

— Então porque ela teve de morrer? — Perguntei, a essa altura não conseguia esconder a fragilidade da minha voz e as lágrimas se juntaram a cena. — Se ela cuidou de vocês, vos amou quando mais precisavam porque ela teve que morrer? Me respondam! — Gritei.

— Eu estava pesquisando sobre As Três Chaves e sua avó descobriu, ela percebeu o que eu queria e tentou me impedir escondendo coisas sobre as chaves em seu diário. — Respondeu Makana. — Por isso enviei aquele Dran, por isso a matei.

— E você fala isso normalmente? — Perguntei incrédula, era difícil acreditar no que ouvia. — Não sente nenhum remorso sabendo que mataste a mulher que um dia te estendeu a mão quando mais precisasse? Te deu uma nova chance de ser amada?

— Não.

— Não? — Meu corpo tremeu senti como se uma lamina de dois gumes tivesse me atingido diretamente em meu coração. — Não? — Gritei com minha voz se ouvindo por toda a ilha.

A ira tomou conta de mim, senti como se eu não mais existisse e que fora substituída pela raiva, uma chama dourada tomou conta de mim, as cordas que me prendiam se romperam, meus olhos faiscavam que nem fogo, o vento forte me envolveu todo o ar era sugado para mim, o chão aos meus pés tremeu freneticamente como se fosse um terremoto.

— O que está acontecendo? — Ouvi Linda perguntar gritando alto, sua voz para mim eram simples sussurros.

— Ela… está despertando a sua magia. — Respondeu Makira.

A essas horas não mais habitava em mim, conseguia sentir algo tomando conta de mim, algo forte e poderoso a magia fluía de dentro de mim, como água fluía em cascatas de águas cristalinas tão mansa e suave e igualmente mortal.

— Você! — Conjurei minha espada que veio voando até mim dessa vez o fogo da lâmina saia com tons de dourados de poder, tão belo e igualmente mortal.

Com os dentes cerrados e olhar carregado de fúria direcionada diretamente para Makana Exclamei:

— Sua hora chegou! — Ataquei Makana com todas as minhas forças efetuando vários golpes.

Estendi a minha mão e lancei sobre ela bolas de poder, com as duas lanças em frente ao peito cruzando-se uma com a outra ela travóu meu ataque. Corri em sua direção e ataquei ferozmente.

Ela travava minhas investidas com as suas duas lanças, o ambiente ao redor foi consumido pelo barulho de nossas espadas se chocalhando.

Um golpe veio voando diretamente até mim tentei me desviar mas, não consegui a tempo de sua lâmina ferir o meu braço esquerdo. Levei as mãos até ele, estava sangrando e mesmo assim não parei de lutar.

Dei alguns passos pra trás e continuei a lutar, Makana tentou me acertar com uma de suas lanças eu a travei mandando a lança para longe, ela olhou confusa pra mim e antes que reagisse a acertei com um soco, ela cambaleou para trás desorientada.

Apliquei uma rasteira e antes que ela atingisse o chão a atingi com um bola de poder e Makana cambaleou para trás rebolando no chão.

Saltei ao alto e investi com minha espada, Makana que estava agachada com a perna esquerda estendida para trás, juntou as duas lanças e travou meu movimento. Era um golpe certeiro e a gente ficou preso naquele braço de ferro com ninguém querendo recuar e pela primeira vez, a gente se olhava diretamente nos olhos.

Sentia a sua respiração ofegante, o seu olhar determinado em concluir aquilo que tanto almejava apesar de compreender as suas motivações ela deveria pagar pelo aquilo que fez.

— Você destruiu tudo em mim! — Falei segurando firme a minha espada.

— Agora você compreende o que passei. — Makana respondeu. — Venha junte-se a mim, e criaremos um novo mundo sem mais dor e sofrimento! Pra quê mais sofrer?

— Você é louca! E eu não me junto aos loucos! — Respondi.

— Louca? Não. Eu posso ser louca mas, no fundo você sabe que eu tenho razão e sempre terei razão. Quanto mais lugares em admitir mais o tempo me dará razão— Falou ela calmamente.

— Um homem corrompido pelas suas ações o que o torna melhor? A subtil esperança de que tudo irá terminar bem? Ou a crença por mais que difícil ainda pode encontrar bondade nesse mundo? Cada um possui o senso de justiça, o poder de decidir entre o certo e o errado somos nós os responsáveis por aquilo que fazemos e como tal não devemos culpar os outros pelas nossas ações. — Falei enquanto me desviava dos seus ataques.

Makana se irritou com o que falei.

— Eu não culpo ninguém pelo que eu faço. — Gritou ela atacando em fúria.

Ela investiu por cima eu me desviei de forma ágil saltando para trás.

— Você escolhe um culpado pelas tuas ações. Isso é atitude de um covarde. — Falei apontando com a lâmina para ela.

— Ahhhh! — Ela ergueu a sua lança ao alto, travei o seu movimento nossos olhares estavam fotos uma na outra.

— Covarde! — Sussurrei. Makana rapidamente cambaleou para trás e lançou sobre um raio de poder me jogando para ao longe.

— Jéssica cuidado! — Ouvi Linda a gritar.

Tudo aconteceu muito depressa pra o meu cérebro processar e reagir, só sei que num instante Makana que se encontrava a alguns metros longe de mim apareceu a minha

frente e com as duas lâminas erguidas apontadas diretamente em meu coração ela atacou.

Senti a vida passar por entre meus olhos, mas o golpe não me atingiu tinha atingido Makira que no último segundo se jogou a minha frente evitando que me as lâminas me atingissem, elas tinham perfurado o seu peito.

— Eu falhei com você. — Falou Makira tão frágil e sincera a sua voz que tocou a todos nós. — Me perdoe! — Dito isso ela desabou ao chão. Sangue escorria por sua boca e igualmente caia sobre o seu peito.

— Makiraaaaaa! — Gritei em prantos indo em socorro dela. Apoiei sua cabeça em seu peito.

— O que? Porque você fez isso?— Makana perguntou olhando para a irmã caída com o rosto em pânico e o choro em sua voz. Seu corpo tremia descontroladamente, levou as mãos a cabeça não sabia o que fazer.

Estendeu a mão esquerda pra trás, um portal apareceu de seguida, olhou uma última vez pra trás para a visão da irmã caída no chão saiu cambaleando atravessando o portal que logo de seguida desapareceu junto com ela.

As correntes de Linda se desfizeram e ela correu até nós.

— Ela vai ficar bem? — Perguntei tremendo para ela. Ela olhou pra mim e de seguida pra Linda a abanou a cabeça negativamente.

— Você… precisa ir… — Makira falou fracamente com a voz saindo como um sussurro.

— O que? Não eu irei cuidar de você. — Rebati.

— Não. Tu precisas impedi-la eu não preciso que cuides de mim o meu tempo neste mundo está terminado já posso ver meus antepassados me chamando. — Ela tossiu e a tosse veio acompanhada com sangue.

— Não. Eu preciso de você Makira por favór não me deixe! Eu não quero ficar outra vez sozinha. — Chorei. Ela ergueu a mão tocando em minha face.

— Você não estará sozinha. Eu sempre estarei contigo olhando por você, protegendo você, essa é a minha missão, mas tu cresceu e não precisas mais de mim tá na hora do pequeno pardal voar para fora do ninho. — Ela enxugou minhas lágrimas.

Com a outra mão, ela estendeu para a frente e um portal surgiu.

— Agora vá. Makana está indo atrás da terceira e última chave, o Chapéu de Drakan precisam impedir que ela tenha em posse o chapéu antes que seja tarde demais se não Apokrius devorará toda a criação.

— Mas… Eu não. — Balbuciei com os dentes tremendo por completo.

— Tudo bem, eu cuido dela. — Linda falou assentindo com a cabeça.

Eu assenti em confirmação. Erguei-me do chão, caminhei até o portal olhei uma última vez para elas, com Makira deitada no chão pouco a pouco a vida abandonando ela por completo e contemplando as estrelas.

Eu precisava me vingar, por ela e por minha avó estava na hora de Makana conhecer a minha ira, com a espada em mãos atravessei o portal.

Capítulo 20: A Pirâmide

"Quem luta com monstros deve velar por que, ao fazê-lo, não se transforme também em monstro. E se tu olhares, durante muito tempo, para um abismo, o abismo também olha para dentro de ti." — Friedrich Nietzsche

Estava outra vez no deserto, o vento seco soprava sobre minha pele o sol fora substituído pela escuridão, o ambiente estava calmo e silencioso, o portal tinha me trazido até uma grande pirâmide com o seu topo plano era tão grande como a pirâmide de Gizé.

A Pirâmide se erguia tão bela em meio ao deserto, sua aura de poder se expandia pela enorme vastidão daquelas terras sem vida. Ao longe podia se ver o poder que a pirâmide emanava, hipnotizando seus observadores com seus encantos e arquitetura magistral, era uma obra prima da engenharia e sua beleza era realçada pelo seu mistério que tanto fascinava as pessoas.

Olhei pra frente e vi os passos de Makana em meio a areia se dirigindo rumo a pirâmide e sabia onde eu tinha de ir. Segui os passos rumo a grande pirâmide

Chegando ao pé da pirâmide a porta estava aberta o que confirma que Makana passou por aqui, olhei para dentro da pirâmide e não conseguia enxergar absolutamente nada, tudo estava escuro.

Uma sensação de temor tomou conta de mim, algo me dizia pra não entrar aí, era assim que todos morriam nos filmes de terror mas, era necessário enfrentar as trevas pra ver a luz. Ergui minha espada ao alto e ela acendeu com o brilho do fogo, pelo menor teria alguma luz e entrei na pirâmide.

Estava caminhando por um estreito corredor, o chão fora inundado pelas areias do deserto o corredor estava inundado com teias de aranhas que se propagavam desordenadamente e dificultavam a minha passagem, com minha mão erguida tive que lutar pra me desfazer delas quando tive uma ideia.

Apontei minha espada pra frente e soltei chamas, por um tempo todo o corredor ficou completamente iluminado e noutro estava completamente limpo. Tão limpo que pude conhecer os segredos que a parede escondia.

Nas paredes estavam marcadas imagens de pinturas de homens armados com suas espadas, lanças e escudos se preparando para as batalhas e guerras. Pinturas que retrataram a história deste lugar. Parecia que a imagem era uma espécie de registros ou memorial de grande eventos que aconteceram no passado ao ver as pinturas era como ver e compreender o passado.

Em uma das pinturas era possível ver dois exércitos frente a frente se enfrentando. Noutra era possível ver a frente do primeiro exército estavam três feiticeiros cada um segurando um objeto diferente, não eram quaisquer objetos porque eu reconhecia dois deles, eram o pergaminho e a pedra e o outro era um chapéu o que eu supus ser a última chave que falta.

Na pintura seguinte os homens pareceram realizar um ritual pois uma fenda surgiu brilhando no céu. E noutra todo o exército inimigo foi derrotado e sugado para a fenda sando um fim a luta.

Parei de andar olhei pra frente e vi uma pequena luz no final do corredor me chamando, lentamente caminhei até lá e dei de caras com uma sala repleta de vários artefatos, iguais aos que vi nas pinturas: espadas, escudos, armaduras, lanças e outros cada um guardado em caixas de vidro.

Mas, uma chamou-me a atenção, bem no centro da sala brilhando em tons de laranja estava lá uma pedra, era um diamante, um diamante laranja. Era a jóia mais linda que eu já vira em toda minha vida.

Ergui minha espada ao alto e parti o vidro, estendi a mão e peguei a jóia, era ainda mais linda sentindo ela em minhas mãos sentir o conforto me envolvendo e a sua beleza impactando os meus olhos mas, não havia tempo a perder eu tinha de impedir Makana, coloquei a jóia no bolso e continuei andando.

A pirâmide por dentro era enorme com inúmeras salas e compartimentos conectadas entre si criando um verdadeiro mundo interior. Subitamente ouvi vozes vindo de próximo de mim vozes que automaticamente reconheci.

Corri velozmente passando por entre as sala, dei de caras com Makana sentada de costas pra mim segurando o pergaminho, o chapéu em sua cabeça e a pedra no chão a sua frente. Estava numa espécie de transe com os olhos brilhando em tons de vinho pronunciava algo que eu não conseguia entender direito.

Me aproximei dela sorrateiramente ergui minha espada ao alto e ataquei uma força lançou-me para trás. Era um escudo, um escudo invisível e mágico a protegia completamente, por um segundo parei para ouvir o que ela falava.

Omo hau katun Apokrius!
Omo hau katun Apokrius!
Omo hau katun Apokrius!
Omo hau katun Apokrius!

Era um feitiço, o encantamento para libertar Aprokrius, o desespero tomou conta de mim com minha espada comecei a desferir golpes contra o escudo tentando o quebrar e ela não parava de enunciar o feitiço.

Uma luz da cor de vinho surgiu por cima da cabeça de Makana a envolvendo completamente. Cerrei os dentes gritando e golpeando cada vez mais o escudo, de repente me vi envolvida outra vez pelo mesmo poder que eu senti na ilha negra.

Senti ele se espalhando pelo meu corpo, meus olhos se tornaram dourados, ergui a espada mais uma vez e acertei o escudo o destruindo completamente em milhares de pedaços.

O chão aos meus pés tremeu e então o pior aconteceu, a luz da cor do vinho subiu para cima transpassando o teto em feixes de luzes brilhantes, e uma explosão aconteceu no céu. Makana saiu do transe, seus olhos voltaram ao normal, o feitiço tinha terminado.

— O que você fez?! — Perguntei em fúria.

— O que tinha de ser feito. — Respondeu ela com um sorriso entre os lábios pondo-se em pé segurando o pergaminho em mãos. De seguida ergueu-o ao alto e chamas surgiram em suas mãos o queimando por completo.

— Nããoooo! — Ela tinha destruído a única forma de vencer Apokrius.

A raiva me atingiu e sem ter controle do que estava fazendo a acertei com um golpe em sua face, ela voou cambaleando para trás e atingindo aa parede e de seguida caiu ao chão.

— Você não se arrepende de trazer tanta destruição a esse mundo? — Gritei.

— Quando a ordem é injusta. — Respondeu ela enquanto se levantava. — A desordem é um princípio de justiça. E Não. Eu não me arrependo de nada! Faria exatamente tudo do jeito que fiz. A justiça é o direito do mais fraco.

— E as mortes que causaste? De que adianta a justiça baseada em sangue de inocentes?

— Para a garantia da justiça é preciso um sacrifício para um bem maior. — Respondeu Makana. — Não importa quantas pessoas morrem desde que a justiça se mantém firme e forte como um aço. Não me importarei de quanto sangue seja derramado.

— Isso é uma loucura! Não existe justiça e ordem a custa de sangue inocente! — Ela ficou andando em círculos com os olhares fixos uma na outra. — Que diferença existe entre você e um criminoso sendo você faz exatamente o que ele faz?

— Não existe sangue inocente em um mundo alimentado pelo ódio e pela injustiça! Eu defendo uma causa, eu defendo um princípio! Criminosos lutam pelo caos, eu luto pela ordem! Eu luto pelos fracos e oprimidos! Eu luto pelos injustiçados— Gritou ela em resposta.

Corri ate ela e saltei desferindo sucessivos golpes, ela parava meus movimentos se desviando e travando com suas duas lanças. Ela atacou com suas duas lanças erguidas no ar em direção a minha cabeça eu travei a tempo.

Um soco preencheu o ar e atingiu diretamente em sua barriga e em seu queixo. Ela voou para cima em direção ao teto da pirâmide, o teto se abriu com o impacto que o seu teto e ela passou aterrando no outro lado, eu saltei em sua direção, aterrando graciosamente no telhado.

O céu estava na cor de vinho e um buraco se abria no meio dele, eis surgindo no meio deles garras afiadas que traziam consigo a destruição, Apokrius estava vindo. Makana estava deitada de quatro no chão apoiando-se com os braços e cuspindo sangue.

Ela atacou, travei seu golpe apliquei chutes nas suas duas pernas e um em sua barriga a deixando desorientada ela cambaleou até a beirada da pirâmide e antes que ela caísse da pirâmide a segurei pelo pescoço.

Uma calmaria nos atingiu, tudo estava em silêncio, os olhos de Makana brilhavam cheios de determinação e satisfação, acabou! Estava tudo terminado não existia mais nada a fazer, ela tinha conseguido o que queria.

Estávamos no topo da Pirâmide, eu segurando Makana pelo pescoço e apontando minha espada diretamente em seu coração, o seu rosto todo desfigurado e manchado de sangue.

O vento soprando forte em meus cabelos, minha respiração lenta a medida que nossos olhares se concentraram sentia que podia olhar dentro de sua alma, um trovão estalou no céu iluminando nossos rosto.

— Porque não termina? — Perguntou ela agarrando abruptamente minha mão que segurava a espada e forçando ela mais pra frente eu travei a tempo que a lâmina a penetrasse. — O que foi? Está com medo? — Perguntou ela forçando minha mão.

Minhas mãos tremiam descontroladamente e meu cérebro entrou num conflito uma parte de mim queria aquilo, desejava aquilo, ansiava por aquilo um desejo que a tanto ansiava por ser concretizado e a outra parte sabia que se faria aquilo não seria tão diferente dela, seria igualzinha a ela sempre vivendo com ódio dentro de si.

— Eu estou disposta a morrer pela minha causa. Eu estou disposta morrer pelo que acredito e você? Tão fraca e patética. Ambos sabemos aquilo que realmente desejas tudo pode ser concluído com um simples toque. Algo tão simples!

— Eu não sou como você. — Eu não serei corrompida pela maldade! — Rebati firmemente. Ela riu, mas continuei falando: — Não importa quanta maldade existe no mundo lembre-se que há sempre espaço para o bem.

Ela estendeu a cabeça até os meus ouvidos e sussurrou igual uma cobra venenosa:

— Sempre vivendo em negação consigo mesma. Até quando isso? Ambas sabemos a verdade e somente a verdade importará. — Ela recuou a cabeça voltando a nos olhar. — Você não entende? O fim está próximo! Acabou! Está terminado!

Com um movimento repentino que me apanhou completamente desprevenida ela agarrou minha mão e forçou minha mão diretamente em seu peito.

— O que? Não!— Falei tremendo inteira. Sangue escorria pela lâmina de minha espada.

— Está consumado! — Falou ela lentamente com a voz mansa e serena, ela empurrou-me para trás eu caí sentada deu dois passos para trás até a beirada, lentamente estendeu os braços olhou pra mim e disse:

— Eu cumpri o meu propósito! — E jogou-se do alto da pirâmide com a morte a envolvendo em um último abraço.

Capítulo 21: O Demônio da Justiça

"Sabe o que faz um homem grande e de valor, sua força, seu caráter e honestidade, sua garra e determinação em lutar por aquilo que acredita, a razão mesclada com a emoção e a esperança e fé que irá triunfar" — Cassia Guimarães.

Está consumado! Nós fracassamos! O feitiço tinha sido dito! Apokrius estava vindo! Tudo acabou! A criação iria ser destruída ! Era o fim! A fenda no céu se abria cada vez mais e ao longe era possível ver as enormes garras aparecendo.

Eu estava no chão contemplando o céu, um postal se abriu ao meu lado Linda surgiu dele.

— Linda! Onde está… — Não terminei de perguntar e já sabia a resposta, ela tinha partido.

— Meus sentimentos! — Falou ela com o olhar melancólico.

— Está tudo bem. — Falei limpando as lágrimas.

— O que aconteceu? — Perguntou Linda olhando para o céu apreensiva.

— Makana, ela conseguiu. — Respondi olhando junto.

— Ah não! — Gemeu ela.

— Como iremos vencer isso? Ele é literalmente um demónio.

— Não sei… — Respondeu Linda.

— *"Livre estou… livre estou…"*

— Porque estás cantando? — Linda olhou pra mim confusa.

—Nos filmes sempre que a protagonista enfrenta o vilão ela começa a cantar e sempre o consegue vencer. Pensei que fazendo o mesmo talvez iria nos dar um pouco de sorte. — Respondi dando de ombros.

— Você é maluca.

— Não custa tentar. — Falei dando de ombros. — Agora como propõe vencê-lo com o poder da amizade?

— É isso! — Respondeu ela, seu rosto se iluminou.

— Sério? Estamos num desenho animado?

— Não. Você não está entendendo.

— Então me explique.

— Chama-se khajan, a arte de fazer a fusão das nossas magias tornando-nos em uma só. — Disse ela fazendo gestos com as mãos.

— Como em *Dragon Ball* com *Goku* e *Vegeta?* Quando eles se aplicam a técnica da fusão?

— Não conheço esse tal de *Dragon Ball* mas, se lá fazem a fusão então é mesmo isso.

— Se a gente sobreviver a isso eu te garanto que irás conhecer. — Falei. — Mas, como isso é possível? — Perguntei semicerrando os olhos.

— Você vive num mundo habitado por feiticeiros Jéssica. “É possível?” deveria deixar de fazer parte do teu vocabulário. — Respondeu ela fazendo os sinais de aspas com os dedos.

— Ok. Como fazer isso? Porque estamos ficando sem tempo.

— Não sei direito… — Falou coçando a cabeça.

— Não sabes direito? Estamos literalmente a beira da morte e você me diz que não sabes a única coisa que pode salvar as nossas vidas?

— Talvez é melhor você começar a cantar. — Disse ela sorrindo e dando uma piscadela.

Linda fechou os olhos, estendeu a mão pra os lados, suspirou fundo e começou a entoar o feitiço:

Ene Hau Kazim Ghakan
Ene Hau Kazim Ghakan
Ene Hau Kazim Ghakan
Ene Hau Kazim Ghakan

E nada aconteceu.

— Perdeu o dom?

— Psiu! Silêncio estou tentando me concentrar. — Repudiou ela.

— Estou vendo. Mas, devo lembrar-te que estamos prestes a morrer. — Rebati.

— Se continuares a falar eu mesma te mato.

— Tanto ódio por que? — Ela soltou um muxoxo e voltou a se concentrar.

— *Ene Hau Kazim Ghakan* — Linda continuou pronunciando o feitiço.

O portal se abria cada vez mais, as garras de Apokrius estavam todas pra fora. O tempo estava violento com raios atingindo a terra de forma agressiva.

— *Ene Hau Kazim Ghakan.*

Linda continuava a invocar mas, não parecia mudar alguma coisa. O portal se abriu e agora era possível ver a ponta da cabeça da criatura.

—*Ene Hau Kazim Ghakan*

— Linda é melhor se apressar! — Gritei.

— *Ene Hau Kazim Ghakan.* — Gritou ela sua voz se ouvindo pelos quatro cantos do deserto.

Suas mãos surgiram faíscas e começaram a brilhar. O vento tornou-se mais forte e uma tempestade de areia começou a se formar aos pés do portal para o outro mundo. O portal

se abriu completamente e eis que surgindo dele saiu Apokrius! O demónio da justiça, o destruidor de mundos.

— Lindaaaaaaaaa!!!! — Gritei tentando me agarrar a alguma coisa enquanto era puxada pelo vento.

— *Ene Hau Kazim Ghakan.* — Suas mãos brilhavam em azul. Ela ergueu as mãos para cima. — *Ene Hau Kazim Ghakan!* — E as uniu.

Algo indescritível aconteceu, de repente me vi fora de mim, fora de meu corpo, meu espírito vagueava pelo deserto em forma de projeção.

— O que aconteceu? — Toquei em meu corpo e não o sentia como antes, me sentia mais leve e mais solta como uma folha.

No momento seguinte me vi outra vez em meu corpo e quando eu abri os olhos eu estava em pé no deserto, mas, algo estava diferente poderia sentir. Uma voz diferente ecoava pela minha mente uma voz de… Linda? Ela estava em minha mente.

— *Sim. Eu estou na tua mente*. — Falou uma voz. Levei um susto tremendo.

— O que? Como assim?

— *A unificação! Ela funcionou!* — Disse ela rindo. Estendi as minhas mãos e as duas estavam diferentes, cada uma em um tom de pele diferente.

— Mas… porque você está na minha mente?

— Eu não estou na tua mente… a gente compartilha os pensamentos a gente se tornou numa só.

— A gente compartilha pensamentos?! Você não…

— Não. Eu não li seus pensamentos. Relaxa. — Respondeu ela sorrindo. Suspirei fundo.

Apokrius voou para o alto, era uma criatura tão grande que era impossível ver todo o seu tamanho. com a cabeça de dragão e o corpo de uma serpente e as garras tão mortais como a de um tigre. Ele olhou para nós e falou, mas, sua boca não se movia.

— Meu nome é Apokrius! — Sua voz se ouvia em todo o deserto. Era forte e poderosa como o som do trovão. — Eu fui convocado como o mantenedor da justiça! O destruidor das iniquidades! O arcanjo da morte! afim de julgar a este mundo!

Ele suspirou profundamente como se estivesse cheirando o planeta.

— Sinto o cheiro de ódio, sinto o cheiro de injustiça dominando esse mundo. Eu declaro… — Ele fez uma pausa dramática, eu sustive a respiração ansiosa para o que ele tinha a falar. — O fim deste mundo e de todos pecados presente nele!

Ahhh não… Apokrius mergulhou em direção a pirâmide a medida que descia seu corpo soltava raios violentos em direção a terra, Apokrius abriu a sua enorme boca e um vórtice se formou de sua boca sugando a pirâmide para dentro dele. A pirâmide inteira foi destruída em questão de segundos.

Apokrius se virou em nossa direção sugando tudo o que encontrava pelo caminho.

— O que a gente faz? — Perguntei.

— *Corremooooooosssss!!!* — Respondeu Linda. Eu comecei a correr fugindo da destruição. Olhei para trás e Apokrius continuava vindo em nossa direção o deserto era sugado para dentro da sua barriga.

Desviei pra esquerda evitando que fôssemos sugadas para dentro da sua barriga. Suspiramos fundo colocando os pensamentos em ordem. Estávamos apavoradas e o medo tomava conta de nós de uma maneira que nossa pele estava totalmente arrepiada.

— O que fazemos? — Linda perguntou rangendo os dentes.

— Concentração a gente consegue! — Falei tentando acalmar os nossos corações. — A gente consegue!

Levantamos do chão, o vento soprando forte sobre nós em meio ao caos que acontecia ao redor, em meio a destruição que se desenrolava sem pudor, fechamos os olhos e tudo ficou em silêncio , suspiramos profundamente e a calmaria nos envolveu

— A gente consegue! — Sussurramos pela última vez.

Abrimos os olhos, sacamos nossas armas, o centro de Linda e a minha espada e atacamos. Corremos pelo deserto, saltando dente os enormes buracos que se fizeram, em direção ao demônio da justiça que se encontrava de costas para nós.

Saltamos alto aterrando nas costas de Apokrius, erguemos a espada e atacamos desferindo golpes sucessivos. Apokrius rugiu, virou a cabeça nos encarando com seu olhar assustador e lançou sobre nós bola de energia.

A gente cambaleou para longe aterrando de pé no chão, Apokrius se virou pra nós se encaminhando para a nossa direção, tinha resultado a gente tinha chamado a atenção da criatura.

Erguemos o cetro girando ele em círculo no ar, Apokrius deslizava na areia se aproximando cada vez mais rolando em círculo nos cercando completamente em todos os lados, como se estivéssemos presas no centro de um furacão.

Apokrius ameaçava mostrando seus dentes afiados contra nós, nossos olhares acompanhavam o seu movimento. Erguemos o cetro rapidamente girando para cima, apontamos para baixo lançando uma bola de energia que nos catapultou para cima.

Tudo pareceu acontecer em segundos, Apokrius virou-se contra nós abrindo sua enorme boca pronto para nós engolir, com o cetro em maios lançamos sobre ele jato de energia o atingindo bem na boca fazendo com que o seu ataque contra nós falhasse.

O demônio cambaleou no chão rebolando sobre a areia. A gente atingiu o ar chão contente com a cena, erguemos o cetro e lançamos sobre ele sucessivos bolas de poder criando uma enorme poeira.

Paramos o ataque esperando que a poeira se assentasse quando, subitamente, a cauda de Apokrius nós envolveu completamente e ergueu-nos para o alto nos aproximando de seu rosto Apokrius olhava pra nós com fúria completa.

E então movimentou a sua cauda nós batendo no chão violentamente cada vez mais rápido por fim nos lançou para o longe, a gente caiu cheio nas enormes dunas do deserto.

Estávamos deitadas apoiadas com as mãos e os joelhos no chão, tentamos nós erguer do chão mas, nossos membros estavam fracos. Apokrius moveu a sua cauda nós agarrando pela cintura apertando cada vez mais e por fim nos lançou para cima.

A gente voou chegando na altura das nuvens e por fim começamos a cair para o chão completamente fracas pra reagir, a essas horas as forças tinham desaparecido sobre nós. Apokrius abriu a boca e lançou sobre nós uma rajada de energia.

O ataque foi tão forte que a nossa fusão se desfez em pedaços a gente se viu voando para longe atingindo o chão de maneira violenta. Estávamos deitadas no chão, meu corpo estava todo dorido.

O demônio ergueu a sua boca e uma bola de energia começou a se formar, tão grande e poderosa que trairia consigo a destruição de todo o mundo.

— Jessica! — Sussurrou Linda completamente fraca. — E agora?

Não respondi, não tinha resposta pra dar, achei que iríamos conseguir vencer Apokrius, mas estava enganada, fui cega em acreditar em algo que era impossível. Mas, não era a hora de desistir eu tinha de lutar, por todos aqueles que eu amo e que me amaram eu tinha de lutar por eles, por mais que a batalha se torne difícil eu tinha de me levantar mais uma vez.

Segurei minha espada, o corpo todo dorido sabia que só havia uma última coisa a se fazer… Fechei os olhos e pensei em todos aqueles que já amei, todos os momentos felizes todas as conquistas que eu realizei e por tudo aquilo que passei, pensar em tudo isso deu-me forças pra continuar.

E então eu continuei correndo em direção ao inevitável.

— Jessicaaaa Nããoooooo! — Ouvi Linda gritar, mas ignorei estava determinada, sentia o destino me chamando sentia como se fosse chamada pra aquilo.

— Apokriuuusssss! — Gritei enquanto corria a lâmina de minha espada foi envolvida pelo fogo. E então saltei altamente. — Ahhhhhhhhh — Ergui minha espada ao alto, e acertei com ela bem no centro da bola de energia.

E uma grande explosão aconteceu, tudo ficou branco… Já não estava mais no deserto estava num vazio, meu olhos não enxergavam nada, não sabia onde estava ou o que tinha acontecido.

— Onde estou? Eu morri? — Perguntei.

— Não. Você não morreu. — Disse uma voz fria, profunda e aterradora, eu automaticamente reconheci a voz. De repente a minha frente eis que surgiram dois pares de olhos vermelhos brilhantes. A escuridão ao redor foi substituído pela luz de seus olhos.

— O que faço aqui? Linda? O que aconteceu com ela? — Perguntei tremendo o pior.

— Ela está bem. — Garantiu Apokrius. Automaticamente fiquei mais calma. — Porque lutas criança? — Perguntou uma voz fria, profunda e aterradora. — Porque insistes em continuar nessa luta em vão? Porque defender este mundo? Não estás cansada de tanto sofrimento? De tanta injustiça? Porque lutar e defender este mundo cheio de pecado?

— Eu não sei…

— Irei te contar uma história, era uma vez viviam na floresta o gato e o rato. — Começou Apokrius a narrar.

O gato e o rato eram inimigos e andavam sempre em perseguições e brigas. Certo dia houve uma grande inundação na floresta e as suas casas foram completamente destruídas pelas forças das águas.

O gato então tremendo morrer afogado pede ajuda ao rato pra poder atravessar a floresta em segurança, o rato sentindo compaixão do gato aceitou e juntos foram eles atravessando a floresta.

Enquanto caminhavam pela floresta evitando as grandes águas o gato lutava consigo mesmo pra controlar os seus impulsos, lutava consigo mesmo pra negar a sua natureza aquilo que ele realmente era.

Chegando na beira do rio deram de caras com uma ponte improvisada de madeira eles começaram a atravessar lentamente com o rato indo na frente, o gato não conseguindo mais se controlar atacou o rato por trás.

O rato percebendo o movimento desviou-se e o gato caiu no rio. O gato clamava por ajuda do rato enquanto era levado pelas correntezas das águas e nunca mais se ouviu falar dele.

— Agora me diga o que vos torna diferente do gato? Vocês vivem praticando injustiça uns com os outros. O que vos torna diferente? Não conseguem ser justos em suas palavras nem nas vossas ações. — Gritou a voz sua voz ecoando por todos os lado tão forte como o vento e tão mortal como um trovão. — Porque merecem salvação? Porque eu iria poupar vosso mundo sendo que já destruí milhares de outros?

— Podemos não merecer a salvação. Tens razão não somos assim tão diferentes do gato. Talvez este mundo — Falei baixando os ombros. — Talvez este mundo não mereça salvação mas, por mais que o mundo esteja do jeito que está eu ainda vejo esperança nele. Por mais que o mal a cada dia se multiplica e a injustiça cada vez mais domina eu ainda consigo ver a pequena luz no final do túnel.

— Eu ainda consigo ver pessoas que apesar de tudo não se deixam influenciar, pessoas que acreditam que ainda existe o bem e que vale a pena pratica-lo.

— Pessoas como Makira ou mesmo minha avó que nunca deixaram de acreditar que por mais mal que possa existir ainda assim podemos fazer o bem e eu luto e continuarei a lutar por pessoas como ela eu acredito na esperança de que tudo irá terminar bem.

— Porque eu acreditaria em vocês terráqueos? — Perguntou Apokrius com a voz calma.

— Eu não peço que acredites em nós. — Respondi. — Eu só peço que tenhas fé. A fé é esperar pelas coisas que eu não posso ver. Confiar naquilo que eu não posso

compreender e crer que apesar de tudo, eu sei que posso acreditar mesmo de todos me dizem o contrário que tudo irá dar certo.

— Hmm — O demônio virou-se dando as costas pra mim voando por alguns segundos por fim parou.

Estava apreensiva sobre o que ele iria fazer não sabia ao certo a sua reação.

— Você conquistou meu respeito terráquea. Foste sábia em tuas palavras e sinceras em tuas ações. — Apokrius começou a falar. — Nunca em milhares de anos conheci alguém como você que não desiste mesmo quando tudo está perdido. Por causa disso… — Ele fez uma pausa. —Eu irei poupar o vosso mundo.

— Obrigada! — Falei abrindo um sorriso sincero.

— Não me agradeça. — Falou Apokrius. — Lembre-se o sábio envergonha-se dos seus defeitos, mas não se envergonha de os corrigir. — Dito isso ele desapareceu. Tudo ficou negro outra vez e quando abri os olhos estava outra vez no deserto.

Apokrius girou os céus em círculos e soltou chamas para o alto, voou até o portal e entrou, logo de seguida o portal desapareceu em uma explosão de luzes brilhantes no céu.

— Apokrius! Ele sumiu. — Respondeu Linda em choque não compreendendo o que acabara de acontecer. — Ele sumiu? Ele sumiuuuu a gente conseguiuuuu! Conseguimooooossss! — Gritou Linda correndo pra me abraçar a alegria imensurável em seus olhos.

— A gente conseguiu! — Gritei a abraçando igualmente. Não conseguia acreditar que tinha dado certo.

Deitei-me no chão sorrindo feliz, o sentimento de sucesso era algo maravilhoso de se viver.

— Nem acredito que a gente conseguiu! — Disse ela

— Eu também não. — Respondi. — Linda eu queria te contar uma coisa. — Falei séria.

— Sim. O que foi?

— Lembra-te quando estávamos no Templo de Tah Anuk? — Ela assentiu. — Você não sabe mas, quando você estava sendo testada Tah Anuk me fez ver.

— Eu…

— Não. Está tudo bem. — Levei a mão até o meu bolso e tirei um pacote embrulhado e a entreguei. — Eu sei o quão a vida tem sido difícil por isso eu decidi ajudar.

— O que é?

— Abra. — Ela abriu e revelou um diamante laranja. As mãos dela tremeram instantaneamente e seus olhos de encheram de lágrimas.

— Porque? — Perguntou ela chorando.

— Você merece Linda. Sei que não é muito mas… — Ela me abraçou e eu calei a minha boca.

— Xie Xie! — Falou ela. Eu a abracei de volta.

— Tá bem. Agora deixa ver uma coisa. — Eu tirei os seus óculos e coloquei em meu rosto. — Tem quantos dedos? — Perguntei mostrando dois dedos. Ela riu.

— Sério isso? — Perguntou ela entre risos.

— Responda só a pergunta.

— Tem… — Antes que ela respondesse rapidamente ergui mais um dedo. — dois?

— Errou. São três.

— Ei isso não vale. — Linda protestou.

— Quem disse? — Falei dando de ombros.

— Eu te odeio. — Eu ri.

— O que é aquilo? — Perguntei apontando ao longe, Linda seguiu minha indicação. Estavam voando que nem pássaros várias figuras vinham montados em suas vassouras.

— Parece que é a nossa boleia pra casa. — Respondeu Linda deitando-se na areia.

Capítulo 22: A Carta

"Se você está criando monstros não fique surpreso quando eles ficarem monstruosos."
Marlon James

Dois dias depois Linda e eu estávamos de volta onde tudo começou, Xandhir a gloriosa cidade dos feiticeiros, o sol estava forte naquele dia e por onde olhava era evidente o vento da mudança que soprava em todas direções.

Se alguém me dissesse que Xandhir mudaria tanto em tão pouco tempo eu teria duvidado mas, ali estava ela, completamente diferente do que deixei.

As folhas das árvores inundavam as ruas marcando a mudança das estações o clima estava mais fresco e o vento começava a soprar sobre minha pele. A cidade outrora verdejante se tornara num mar de dourado com suas feições dando um ar mais artístico a cidade, como se tivesse saído direto de uma pintura de Van Gogh.

Eu tinha perdido a noção do tempo em que estive fora, era como se tivesse ficado um ano ausente mas, eram uns simples dias que carregavam consigo enormes fardos.

— A cidade está tão diferente. — Comentei.

— São os ventos da mudança Jéssica. — Respondeu Linda. — Geralmente ocorre com a mudança das estações.

— Estou vendo. — Falei olhando.

Linda e eu estávamos sendo transportadas numa carruagem igual daquelas das princesas dos contos de fadas, me sentia que nem a Cinderela só faltava encontrar os meus ratos pra cozerem o meu vestido.

A carruagem que nos levava passava pelas ruas de Animândia se dirigindo até o Conselho Supremo dos Feiticeiros. As pessoas ao redor olhavam pra a nossa comitiva que era transportada pela guarda especial de Xandhir.

A nossa frente o grande edifício onde abrigava o Conselho deu as vistas, na porta uma pequena multidão nos aguardava. A carruagem parou, tínhamos chegado ao nosso destino.

— Podem descer! — Falou o condutor da carruagem

A gente desceu e a multidão que esperava pacientemente entrou em rubro, muitos fazendo perguntas sobre o que aconteceu no deserto. A guarda especial teve que fazer uma barreira humana evitando que fôssemos esmagadas completamente.

— Mãe Pai! — Ouvi Linda a gritar, no meio da multidão os pais delas surgiram.

Ela correu até eles e os abraçou, ao olhar a cena meu coração se aqueceu e um sorriso surgiu em meu rosto e fiquei a pensar se fosse também comigo, chegar em casa após um longo dia e a primeira coisa as receber é um abraço apertado e carinhoso de seus pais.

Ao imaginar sobre isso fiquei a pensar se era possível sentir falta de algo que nunca aconteceu mas, que eu desejava com todas as forças acontecer. Ao olhar pra Linda e seus pais eu pude ver a família que eu nunca tive e que sempre desejei ter.

Claro, tinha uma avó super carinhosa comigo e que me amava de todo o coração mas, de vez em quando eu sentia falta de alguém pra chamar de mãe e pai.

Fui levada para dentro do edifício onde fui colocada em uma sala, separando nós as duas, momentos depois fui encaminhada para a sala de audiência do Conselho Supremo dos Feiticeiros.

A minha frente sentados em lindas poltronas estavam cinco figuras um tanto enigmáticas, ao olhar pra elas era evidente o ar de autoridade que detinham, uma autoridade que mandava em todo o mundo feiticeiro, a minha trás uma grande multidão estava reunida, alguns cochichando entre si outros criando esboços sobre mim e os juízes.

— Seja bem-vinda ao Conselho Supremo dos Feiticeiros! — Falou a figura central. — Meu nome é Angus Mazimus líder do Conselho ao meu lado estão Hazel Kratiin.

A mulher que estava na poltrona mais afastada a direita acenou com a cabeça.

— Patrek Fileny. — O homem do lado direito soltou um pequeno resmungão. Um homem baixinho um pouco barrigudo com a o bigode e a barba comprida.

— Phill Zango. — O homem a esquerda piscou o olho. Um homem alto forte e usava dreads compridos.

— E por último Altus Nazarius. — De todos apresentados o último conselheiro foi o que mais me chamou a atenção pela sua figura pálida, tão pálida que lembrava a um vampiro.

Nazarius estava com uma expressão fria e mortal, usava trajes negros estilo gótico, possuía os cabelos negros, as unhas compridas e afiadas que nem morcego, os olhos castanhos e bem no meio de sua sobrancelha esquerda descaindo até a bochecha tinha uma cicatriz, uma marca de garra provavelmente feito por algum animal voador, algo como uma águia. .

— Porque estou aqui? — Perguntei olhando ao redor.

— Queremos esclarecer algumas situações que deixaram todo o mundo inquieto. — Respondeu Mazimus, todos os demais membros acenaram em concordância.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Tens tudo a ver visto que estiveste envolvida de maneira direta.

— Porque que não seja mais direto ao assunto. — Falei dando de ombros.

— O que aconteceu no deserto de fogo foi sentido em todo o mundo, as suas consequências abalaram toda a comunidade mágica e não só, algumas pessoas relatam terem visto uma enorme criatura devorando todo o deserto outros alegam de uma suposta batalha entre três feiticeiros como tal temos sofrido pressão pra saber a verdade por isso eu pergunto a ti: O que aconteceu lá?

— Bem… — Falei tossindo um pouco. — Tudo o quê disseste é verdade.

Toda a plateia se surpreendeu sussurrando completamente admirada com a minha resposta, os membros do conselho se entreolharam entre si.

— Silêncio! — Gritou Mazimus. E imediatamente toda a sala se envolveu no silêncio. — Quer continuar a explicar?

— Como eu ia dizendo… Tudo o que falei é verdade. Nós estávamos lá tentando salvar o mundo da completa destruição tentando evitar que o terrível Apokrius destruísse todo o mundo.

— E porque nós acreditaríamos em você?

— Eu não preciso que acreditem mim, aliás estou pouco me importando se acreditem ou não em mim. — Respondi Falei dando de ombros.

— Cuidado com a forma como fala.

— Porque eu teria cuidado? Sendo vocês os responsáveis pelo que aconteceu. — Minha voz saiu mais alta do que o esperado.

— Como assim responsáveis? Nós nem estávamos lá.

— O nome Makana Galarius vos diz alguma coisa?

Os membros do conselho entraram em cochilo como se o nome tivesse despertado alguma coisa.

— Quem é essa? — Perguntou Mazimus.

— Que estranho vocês não saberem quem é ela. — Respondi rispidamente. — Pois foi a feiticeira responsável por tudo isso. E sabem porque ela fez isso? Por causa de vocês. Vocês criaram ela. Vocês são os responsáveis por tudo o que aconteceu! — Falei apontando os dedos pra cada um.

— Acalme-se menina! — A voz de Mazimus preencheu a sala. — Do que estás falando? E quem é essa Makana Galarius? E porque somos os responsáveis pelo que aconteceu?

— Ela teve sua vida destruída em pedaços, ela cresceu com ódio em seu coração tudo porque vocês foram injustos com ela! — Gritei.

— Não fale de injustiça para nós! Esse conselho é o lugar mais justo que há no mundo feiticeiro!

— Isso só pode ser uma piada. — Falei levantando abruptamente.

— Sente-se se não…

— Se não o que? Vás me prender? — Falei dando de ombros. — Se fosse para me prender eu já estaria presa. — Comecei a andar em direção a porta.

— Pare ou senão serás banida pra sempre do mundo dos feiticeiros! — Eu parei de andar, por um segundo aquilo me atingiu que nem um furacão ser banida não era algo que eu não esperava e nem imaginava.

Suspirei fundo, ergueu meu braço estendi o meu dedo do meio ouvi um grito de admiração e surpresa e sem me importar com nada, saí fora.

…

Alguns dias se passaram eu estava na casa de Makira com Linda que me ajudava a arrumar as minhas coisas, Angus Mazimus tinha me dado alguns dias pra eu arrumar as minhas coisas já que eu tecnicamente tinha sido banida do mundo feiticeiro e eu deveria partir de lá mesmo não sabendo pra onde ir.

— Como você está? — Linda perguntou.

— Descobri que todas pessoas que me amavam estão mortas. — Respondi com o olhar abatido olhando para a parede.— Então como acha que eu sou?

— Desculpa, não foi uma das perguntas mais inteligentes que eu fiz. — Falou ela dando palmadas leves na cabeça.

— Não. Eu é quem não deveria responder assim. Peço desculpas. — Disse a olhando, por mais que eu estivesse nervosa ela não merecia ser tratada assim. — E você como estás?

— Bem, vivendo cada dia um novo dia, comecei a estudar o livro que Tah Anuk me deu e é realmente fascinante. — Respondeu ela entusiasmada.

— Fico feliz por você. — Respondi.

— Queria te dar uma coisa.

— O que é? — Ela tirou de seu bolso um pedaço de papel.

— É um amuleto chinês Feng Shui Tai Sui para boa sorte, riqueza, sucesso e proteção. — Respondeu Linda. — Meus pais fizeram pra você como forma de agradecimento depois de tudo o que fizeste por nós, é um amuleto muito sagrado.

— Obrigado! — Falei emocionada o pegando. — Muito obrigada. É lindo!— Eu a abracei com lágrimas caindo aos poucos, ela me abraçou me consolando dando leves batidas em meu ombro.

“Toc Toc” alguém bateu a porta, Linda levantou-se caminhou até a porta e a abriu, era um mensageiro, já os tinha visto andando por Xandhir carregando pacotes de entrega sempre agitados e correndo contra o tempo.

— O que ele queria? — Perguntei. Ela se virou segurando uma carta em suas mãos.

— Ele trouxe uma carta. — Falou ela um pouco incrédula.

— Sim?

— Ele trouxe uma carta pra você. — Falou ela engolindo em seco.

Ergui-me do chão, era algo impossível de acontecer todas as pessoas que conheciam que poderiam me enviar uma carta estavam mortas a única pessoa que poderia fazer isso era Linda e ela estava bem do meu lado a questão que ficava quem era.

— Como isso é possível? — Perguntei olhando de Linda e de volta para a carta, minhas mãos tremiam a curiosidade já instava em minha mente.

— Não sei. — Respondeu ela dando de ombros. Suspirei fundo e abri a carta lendo-a por completo.

Estava em choque, meu corpo tremia descontroladamente estava sem forças pra ficar de pé lentamente desabei no chão. Não conseguia acreditar naquilo que li pra mim foi como se uma bomba tivesse explodido sobre mim.

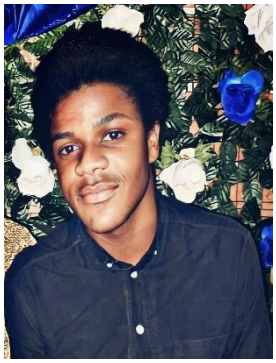
— O que foi?

— É sobre.. os meus pais. — Falei gaguejando me encaminhando até o centro da sala sentando no cadeirão deixei cair lentamente o papel em minhas mãos. — Eles… eles estão vivos!

O FIM

Em memória de
Antônio Sinivaldo Loré
"Eras mais que um colega, eras família!"

O AUTOR



Jenilson Manuel Chivinga, nascido aos 08 de Fevereiro em Luanda, província de Angola, estudante apaixonado pela leitura encontrou na escrita uma forma de expressar os seus profundos sentimentos.

Desde tenra idade mostrou-se como alguém diferente, sendo guiado durante horas pela sua imaginação a criar grandes histórias que mereciam ser contadas ao público, mas nunca chegou a fazê-lo.

Nunca gostando de ler, viu na quarentena a oportunidade para a criação de novos hábitos, inspirado pelos livros que leu e principalmente por Avatar, viu a grande oportunidade de escrever também as suas histórias e escrever seu nome no mundo da literatura. Hoje, os seus grandes passatempos são: Ler, ouvir música e comer!

Redes Sociais:

Facebook

Instagram

X

PRÓXIMO LIVRO:

Jenilson Manuel Chivinga
A
PEDRA LASKEN